

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Cristina Soares Esteves

**Os significados da religiosidade para
docentes supervisores do curso de
Psicologia**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Cristina Soares Esteves

**Os significados da religiosidade para
docentes supervisores do curso de
Psicologia**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Psicologia Clínica pela
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob orientação da Profa. Doutora
Marília Ancona-Lopez.

São Paulo

2009

Banca Examinadora

Concedei-nos, Senhor, a **Serenidade** necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar; **Coragem** para modificar aquelas que podemos e **Sabedoria** para distinguir umas das outras.

Aos Anjos de luz e amor que caminham ao meu lado, falando “em silêncio” em meu coração:
Meu pai, Manoel, *in memoriam*, e
Minha filha, Manoela, *in memoriam*.

Agradecimentos

Aos meus três amores:

Minha mãe, Maria Valcir, que com o seu “olhar de Maria” oferece seu amor verdadeiro e incondicional;

Meu companheiro, Antonio Siqueira, por desvelarmos juntos os caminhos tortuosos do amor e da fé;

Meu Anjo da Guarda, que nunca me deixa só em meu percurso no mundo da vida.

À Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez, pelo afeto sincero, pela firmeza na condução dos passos que trilhei durante a realização do trabalho e por saber receber “Anjos” e neles acreditar. Minha admiração!

Às Profas. Dras. Elisabeth Montagna, Silvia Ancona-Lopez e Marisa Forghieri, pelo olhar atento e contribuições no exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Gilberto Safra, por todos os gestos de carinho demonstrados por mim.

Aos amigos do coração e da alma, que estão sempre ao meu lado, cada qual com o seu jeito único de ser; pessoas especiais que não estão por acaso na minha história de vida... nossa relação é um verdadeiro encontro:

Giovana Luczinski

Roberto Veras

Fernando Genaro

Gabriel Lescovar

Jorge Maalouf

Aos colaboradores da pesquisa, pela disponibilidade em dar voz ao trabalho.

Ao Paulo Pacheco, pelas sugestões valiosas, pela generosidade do gesto em ajudar e por ser um amigo enviado por Deus. Tenho certeza de que um anjo colocou você na minha vida.

A Zakie Rizkallah, pela atenção urgente e preciosa.

Obrigada a todos com afeto.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES.

Resumo

ESTEVES, Maria Cristina Soares. *Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de psicologia*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. 178 p.

Este trabalho parte de indagações surgidas no âmbito da docência em psicologia. Seu objetivo é compreender os significados da religiosidade para professores, docentes supervisores do curso de graduação de psicologia, visto que a literatura relata a pouca inserção deste tema na formação do psicólogo e a dificuldade vivenciada pelos profissionais ao lidarem com esta questão. Com o intuito de refletir sobre este assunto do ponto de vista dos docentes psicólogos, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica, apoiada no método sugerido por Forghieri (1993) e Giorgi (1985), a qual procurou investigar as vivências dos professores por meio de entrevistas semi-dirigidas. Sua análise buscou compreender os significados atribuídos por eles à religiosidade e como esta interfere na sua atitude com os alunos, no exercício da docência e da supervisão. Observa-se que o tema religioso, quando aparece em sala de aula, provoca diferentes posicionamentos, com diversos enfoques, dependendo da forma como o professor vive e compreende sua própria religiosidade. Assim, o significado que este tema adquire na história de vida da pessoa é levado para a sala de aula e se torna parte da formação dos futuros psicólogos. Esta pesquisa evidencia a necessidade de se estudar cada vez mais a experiência da religiosidade vivida pelos psicólogos e educadores, e o modo como esta vivência influi em suas posições teóricas e em sua prática, visando oferecer ao aluno uma formação mais completa.

Palavras-chave: religiosidade, docentes, psicólogos.

Abstract

ESTEVES, Maria Cristina Soares. *The meaning of religiosity for professors and supervisors acting in Psychology under-graduation courses*. PhD Thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.178 p.

This work is based on questionings concerning the pedagogical area in Psychology. It aims at understanding the meanings of religiosity for professors and supervisors acting in Psychology under-graduation courses, since literature tells us that it is practically absent in the formation of a psychologist. Besides, it is hard for professionals to deal with it. In order to analyze this subject from the viewpoint of psychology professors, a qualitative research was developed based on phenomenology, and supported by the method proposed by Forghieri (1993) and Giorgi (1985), in an attempt to look into professors' experiences through semi-constructive interviews. The analysis aimed at understanding the meanings they detect in religiosity, and how the latter interferes in their attitudes towards students, both as professors and supervisors. Whenever the religious theme, comes up in the classroom, it provokes different positions, with several directions, depending on how the professor lives and understands his own religiosity. Thus, the meaning of this theme in a person's life history is taken to the classroom, and becomes a part of the formation of future psychologists. This research emphasizes the need to increasingly study the religious experience lived by psychologists and professors, as well as how they influence their theoretical positions and practices, aiming at offering the students a more complete formation.

Keywords: religiosity, professors, psychologists.

Résumé

ESTEVEES, Maria Cristina Soares. *Les significations de la religiosité chez les professeurs, chargés de superviser le cours de licence de psychologie*. Thèse de doctorat. Programme de troisième cycle en psychologie clinique. Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 2009. 178 p.

Ce travail essaie de répondre à des questions soulevées dans le cadre de l'enseignement de la psychologie. Il se propose précisément de comprendre les significations que donnent à la religiosité les professeurs chargés de superviser le cours de licence de psychologie : la littérature signale en effet la faible insertion de ce thème dans la formation du psychologue, en même temps que la difficulté que rencontrent les professionnels à aborder ce sujet. Dans le but de mieux connaître le point de vue des professeurs de psychologie sur cette question, une enquête de qualité, à base phénoménologique, a été menée auprès de ces professeurs, laquelle s'est appuyée sur la méthode suggérée par Forghieri (1993) et Giorgi (1985). Cette enquête s'est efforcée de recueillir les expériences des professeurs au moyen d'entretiens semi-dirigés, et de les analyser, pour comprendre les significations que ces professeurs attribuent à la religiosité et comment cette dernière interfère dans leur attitude envers les étudiants, dans l'exercice de leur fonction d'enseignants et de superviseurs. On observe que, lorsqu'il surgit en salle de cours, le thème provoque diverses prises de positions, et ceci dans des directions diverses, conformément à la manière dont le professeur lui-même vit et comprend sa propre religiosité. Ainsi la signification qu'a pris ce thème dans l'histoire du professeur se voit-elle introduite dans la salle de cours, où elle participe à la formation des futurs psychologues. Ce travail de recherche souligne clairement la nécessité de travailler toujours davantage l'expérience de la religiosité vécue par les psychologues et les éducateurs et la manière dont celle-ci influe sur leurs positions théoriques, et sur leur pratique, permettant ainsi d'offrir à l'étudiant une formation plus complète.

Mots-clés: religiosité, enseignants, psychologues.

Sumário

Introdução	11
Capítulo I – Psicologia e Religião	26
1.1. Psicologia Clínica e Religião	26
<i>1.1.1. Psicólogos Clínicos e Religião</i>	<i>34</i>
1.2. O professor de Psicologia	38
Capítulo II – O Caminho da Pesquisa	46
2.1. Objetivo	46
2.2. A perspectiva fenomenológica	46
2.3. Procedimentos	51
<i>2.3.1. Os colaboradores da pesquisa</i>	<i>51</i>
<i>2.3.2. O instrumento</i>	<i>54</i>
<i>2.3.3. A realização das entrevistas</i>	<i>56</i>
<i>2.3.4. Análises das entrevistas</i>	<i>58</i>
Capítulo III – Rafael	63
Capítulo IV – Ana	80
Capítulo V – Lílian	100
Capítulo VI – Regina	121
Conclusão	139
Referências Bibliográficas	156
Anexos	166
Anexo 1 – Termo de consentimento para a entrevista	167
Anexo 2 – Transcrição da entrevista de Ana	169

Introdução

*“Uma longa viagem começa com um único passo.”
(Lao Tse)*

O início de um trabalho acadêmico, como a elaboração de uma tese, é uma longa viagem que começa com um único passo, um passo lento, exigente, temeroso, cauteloso, que reflete a ansiedade de se embrenhar por caminhos desconhecidos. Caminhos nos quais é necessário enfrentar a inquietude da alma, a paralisação do corpo e da mente, os tropeços, os entraves, a angústia latente por não saber ao certo qual o melhor caminho para desvendar o fenômeno que se quer compreender.

Dar início à busca por saciar algumas inquietações que acometem o pesquisador é atrever-se a se desconstruir e voltar a se construir. Isso faz lembrar algumas histórias budistas que apresentam *mondos*. *Mondos* são ensinamentos expostos sob a forma de perguntas e respostas que se explicam por elas mesmas. São histórias ou conversas entre os discípulos e o mestre; em geral estão além do domínio da razão ou da lógica. Muitas vezes, são utilizadas como tema de meditação: desenvolvem a intuição, rompendo os limites do pensamento racional. Para alguns autores, os *mondos* são diálogos entre mestres e discípulos, nos quais os mestres parecem não prestar muita atenção

às normas usuais da lógica e do raciocínio puro e que, à primeira vista, parecem sem sentido.

Há um *mondo* budista que eu adaptei para apresentar o meu estado de espírito, no percurso que vivi durante a elaboração dos meus escritos: antes de realizar uma tese, homens são homens, árvores são árvores e montanhas são montanhas; durante a realização de uma tese, nem sempre homens são homens, árvores são árvores e montanhas são montanhas; porém, depois de concluir a tese, homens voltam a ser homens, árvores voltam a ser árvores e montanhas voltam a ser montanhas (PINTO, 1980).

Isso mostra que, no movimento da procura por novos horizontes e descobertas, durante o processo de caminhada pela vida, na trajetória pessoal, profissional ou espiritual, na busca por melhores trilhas a seguir, ocorre a desconstrução do que pensamos conhecer, uma vez que, neste percurso, nossos conceitos e balizadores são questionados e muitas vezes suspensos temporariamente.

Na estrada a percorrer, convivemos com o desconhecido, com o mistério e enfrentamos situações que proporcionam dúvidas e perdas. No entanto, a desestabilização e as perdas podem ser vividas como oportunidades, um convite à descoberta, à construção de novos sentidos; e que ocorrem para que outros ganhos aconteçam em nossa vida. Descobrimos qualidades que não sabíamos possuir e das quais nos apropriamos. O conhecimento de nossa fraqueza se torna a força do nosso crescimento.

Ao final, parece que tudo volta a ser como era antes. No entanto, paradoxalmente, uma sutil e significativa mudança se deu após esta trajetória, não somos mais os mesmos, somos tocados pela experiência vivida que nos reposiciona no mundo.

Reconheço esse processo, porque considero o iniciar de uma pesquisa um momento provocante e a elaboração de uma tese um tempo de desestabilização. O desestabilizar revela nossa fragilidade e sinto o quão importante é conhecer a fraqueza como uma força que se apresenta na nossa vida, como algo que transcende a nossa condição e nos impulsiona para algo maior.

Para compreender melhor as inquietações que me levaram a desenvolver essa pesquisa, quero dar visibilidade ao percurso pessoal que me trouxe até aqui, entrelaçar a minha história de vida, minha religiosidade, minha formação, minha atuação profissional, ou seja, situações que me levaram ao interesse pelas questões relacionadas à área da Psicologia e Religião. Quero ressaltar a importância da religião na constituição do ser humano e apresentar a trilha que percorri, e que se mostra através de recordações. Recordações que trazem à tona a minha religiosidade, a minha formação cristã católica, a minha forma de conviver com o transcendente.

Embora tenha nascido em uma família católica e tenha recebido todos os ensinamentos dessa religião, durante o meu amadurecimento fui apresentada a outras religiões, a outras formas de religiosidade e de vislumbrar

o Sagrado, o intangível, o inefável. Após conhecer os ensinamentos de outras religiões, como o Espiritismo e os Adventistas do Sétimo Dia, o que me fez – cada vez mais – valorizar a importância da religiosidade e o respeito por religiões diferentes da minha, retornei a minha religião de origem, a que mais falava ao meu coração.

Lembrando um pouco da minha história de vida, reconheço a necessidade que sempre tive de encontrar um porto seguro e de sentir a presença de algo que me transcendesse. Isso me fazia superar obstáculos, e ocorria simplesmente por eu acreditar na existência de algo Sagrado.

Esse sentimento sempre me fascinou, sentir que algo Sagrado me atraía e não me deixava esmorecer. Como comenta Giovanetti (1999): “o Sagrado é algo que nos atrai de maneira arrebatadora” (p. 90).

Nasci e fui criada em uma família que me apresentou as crenças religiosas como verdades absolutas. Uma família que teve sempre presente a crença de que, para além das situações difíceis, havia algo maior que nos sustentava e não nos deixava desanimar. Uma família que vivia em constante reconstrução, marcada por dificuldades, mas sempre acreditando que, para tudo o que acontecia, havia uma explicação maior, um sentido.

Aprendi logo cedo que, apesar de existirem obstáculos, a oração, o contato com Deus, a proximidade com o Anjo da Guarda, a missa, o terço e a leitura da Bíblia trariam acalento às situações que não tinham explicação imediata.

Conheci a Bíblia por intermédio da minha bisavó que aprendeu a ler pelo rádio e que nos contava a história de Jesus por meio de uma Bíblia ilustrada. Ela se sentava com a Bíblia sobre as pernas, eu me sentava no chão, bem próxima a ela, e ela ia me apresentando as passagens que eu deveria conhecer, porque acreditava imprescindível reconhecer o caminho percorrido por Ele.

Desde pequena, fui consagrada a Nossa Senhora e informada da existência do Santo Anjo de Guarda e da companhia que ele me faria durante todo o meu caminhar pela vida. Em momento algum eu estaria sozinha, acontecesse o que acontecesse, meu anjo sempre estaria ao meu lado para me acolher e proteger.

Para Frankl (1990), a religião é uma ferramenta utilizada para buscar sentido para a vida, achar razão para viver em meio às dificuldades, infortúnios e tragédias da existência. “A religião é a consciência que o homem tem da existência de uma dimensão sobre-humana e sua fé básica no sentido último que reside nessa dimensão” (p. 199).

Lembro-me com clareza da ida diária da minha bisavó à missa, fato que chamava a minha atenção, porque nada a demovia do encontro com Ele. Para ela, era imprescindível o encontro, fazia parte da sua rotina diária. Dessa forma, a vida se tornava mais suave, pois era ressaltado a todo instante o poder da fé em algo maior, ao lidar com as situações difíceis ou mesmo com as tarefas

cotidianas. A postura de minha família transmitia a convicção de que “Deus pode tudo!”.

Assim, fui crescendo envolvida pelo sentimento de que estava diante de algo grandioso e poderoso que me encantava, mas que eu não possuía condições de desvendar.

Nesse contexto, aproveitando as oportunidades possíveis, busquei, com a ajuda da força que vinha da crença no Sagrado, escolher um caminho profissional que se adequasse à minha história e ao meu estilo pessoal. Eu via como necessário encontrar uma profissão que me levasse a estar com as pessoas e a proporcionar aos outros a oportunidade de enfrentar obstáculos. Encontrei essa possibilidade na educação, podendo transformar em possíveis os sonhos comuns a mim e aos meus, como o de poder estudar. Assim, graduei-me em Pedagogia.

Eu também tinha interesse em fazer a graduação em Psicologia e passei no vestibular para ambos os cursos, porém, decidi por cursar Pedagogia. Optei pela praticidade, pois, na época, trabalhava em uma empresa na área de Recursos Humanos. Além disso, em casa, ser professora era algo valorizado. Sendo assim, desde o início da minha vida acadêmica e profissional, vivo um interesse e uma aproximação entre estes dois campos: Psicologia e Educação.

Já durante o curso de Pedagogia comecei a me envolver com a prática educacional e, nesse contexto, sempre me sentia inclinada para os assuntos que envolviam a psicologia humanista. Entre os autores estudados, o que mais

me encantou foi Carl Rogers, pela importância que dava ao processo pelo qual o indivíduo cresce e se modifica na relação de ajuda, no encontro com outros seres humanos.

Nesse percurso, sempre buscando aprimorar meus conhecimentos sobre a relação de ajuda e o acolhimento no campo da educação, observei a importância, na relação com as pessoas, da empatia. Nesse caminho, tive a feliz oportunidade de conhecer de perto o Grupo de Alcoólicos Anônimos – A.A., no qual um membro da minha família encontrou uma possibilidade real de ajuda para seu problema. Este grupo se reúne com o objetivo de ajuda mútua e se aproxima, em alguns aspectos, da proposta de Carl Rogers, de seus “grupos de encontro” (ROGERS, 1983).

O A.A. apresenta-se como uma terapia de grupo: pessoas com problemas comuns podem falar sobre os seus sentimentos e, principalmente, serem ouvidas com empatia. Nesses grupos não existe uma religião, não se fala sobre religião, não é dirigido por um psicólogo, um educador ou qualquer outro profissional especializado, existe apenas um grupo de pessoas interessadas no seu processo de recuperação e que usam, para isso, a sua experiência. Eles seguem um roteiro de passos, um caminho, que leva à serenidade, em outras palavras, ao contentamento.

O caminho do A. A. consiste em princípios espirituais que, se praticados como um modo de vida, possibilitam expulsar a obsessão pela bebida e permitir que a pessoa se torne íntegra, feliz e útil. Os princípios não decorrem de

teorias, mas são baseados na experiência dos êxitos e fracassos dos primeiros grupos do A.A. (JUNTA DE SERVIÇOS..., 1986).

Os integrantes do A.A. prezam a experiência vivida e entendem que a aceitação é o caminho para a solução dos seus problemas. Muitos afirmam, durante o seu percurso, que só podem se recuperar quando se entregam a um “Poder superior”, sendo entregar-se – para eles – admitir que são totalmente impotentes diante de tudo o que está acontecendo na sua vida: nesse caso, o vício pelo álcool. Eles tomam a decisão de mudar de vida quando se entregam a esse “Poder superior”, o que pode ser entendido como uma aproximação à sua religiosidade.

Aqui a religiosidade é entendida como uma dimensão da existência humana que supõe uma sensibilidade capaz de levar o homem a se vincular com o sagrado e buscar, em suas representações, elementos necessários para que possa constituir sentidos para si e para a sua relação com o mundo.

Giovanetti (2005) comenta que “o caminho de construção do sentido parte de uma ligação com uma entidade superior, dizendo de outra maneira, por meio da fé, da vivência de uma crença” (p. 140).

Amatuzzi (2002) considera que

[...] a religião remete ao que há de mais básico nas nossas estruturas psíquicas. Ela diz respeito não necessariamente a Deus, mas a um último. [...] Psicologicamente ela é como o ponto através do qual um móvel se encontra preso ao teto. Se esse ponto não estiver fixado ao teto, ou não estiver em bom lugar na estrutura do próprio móvel, perde-se o equilíbrio e o movimento do todo. Algum braço dessa estrutura poderá ficar paralisado, ou ele inteiro poderá estar morto, amontoado no chão. Da ligação com o teto depende, pois, todo seu equilíbrio dinâmico (p. 54).

Safra (2003) lembra que o modo como uma pessoa se vincula com o sagrado pode determinar a sua relação com o mundo, bem como com o modo como hierarquiza as suas experiências psíquicas. Penso que a dimensão religiosa realça outras dimensões humanas, como a sociabilidade, a afetividade ou a moral.

Ressalto que encontrei no A.A. um grupo de apoio que acolhe e ajuda, no qual presenciei uma religiosidade implícita que transformou um membro da minha família, fazendo com que o mesmo encontrasse um sentido para si. Esse fato fez com que eu refletisse ainda mais sobre a importância de conhecer o significado da religiosidade em vários contextos, como o da prática educacional no qual eu estava envolvida. Afinal, essa questão, pelas minhas experiências, mostrou-se relevante para a vida e transferi esse interesse para o meu posicionamento profissional.

Similarmente, as leituras da psicologia humanista, o efeito do acolhimento e empatia vividos no A.A., aguçaram o meu interesse em me aproximar das propostas da psicologia fenomenológica. Forghieri (2004) assinala que o enfoque fenomenológico abarca o existir humano em sua totalidade. Ele abrange a tristeza e a alegria, a angústia e a tranquilidade, a raiva e o amor, a vida e a morte, como polos que se articulam numa única estrutura e cuja vivência dá a cada um dos extremos, aparentemente opostos, o seu significado pessoal.

Sempre buscando ampliar meus conhecimentos, iniciei cursos de especialização na área de educação e psicologia e desenvolvi trabalhos com

colegas que adotavam uma visão humanista sobre o homem, cuja perspectiva valorizava as dimensões física, social, psíquica e espiritual do ser humano. Dessa forma, fui aprendendo a discutir o processo do encontro, da escuta, a importância do diálogo nas relações interpessoais, o acolhimento nos grupos e a relevância que a religiosidade tem na vida das pessoas.

Nesse contexto, seguindo meu caminho de construção de sentido, busquei o mestrado em Psicologia da Educação (ESTEVES, 2001), e que envolveu as questões da formação do educador/professor que precisa entender a importância do outro, do encontro, da escuta e da relação nos grupos.

No mestrado, trabalhei com a metodologia qualitativa fenomenológica proposta por Giorgi (1985). Sua visão de homem correspondia às minhas experiências e a metodologia proposta para pesquisar as questões das ciências humanas me satisfaziam enquanto pesquisadora e professora.

Após a conclusão do mestrado, trabalhei com a docência em nível superior, lecionando Psicologia em diversos cursos de graduação e também atuando como pesquisadora em uma instituição de ensino superior. Aprendi assim o quanto é enriquecedor lidar com grupos interdisciplinares, ou seja, com profissionais de diferentes áreas dentro de um mesma equipe de trabalho. Atenta aos colegas e aos alunos, observei que o discente espera e precisa ser ouvido em todos os seus questionamentos, e procura, muitas vezes, encontrar acolhimento no professor de psicologia.

As disciplinas de psicologia fazem com que os alunos se sintam motivados a falar das suas vivências. O professor, muitas vezes, é observado e sentido pelo aluno como alguém com quem ele pode contar, com quem ele pode falar dos seus valores, das suas crenças, das suas dúvidas existenciais. No entanto, na minha vida profissional, observei que, quando os docentes psicólogos abordavam o assunto com os seus alunos, e mesmo com os seus colegas de profissão, não o faziam com clareza, nem com tranquilidade e objetividade. Evitavam questionamentos e revelavam preconceitos em relação ao tema da religião, como se as crenças e os valores existentes em cada um não participassem da sua constituição psíquica e, conseqüentemente, não influenciassem a sua vida profissional.

A convivência na academia com professores, psicólogos e alunos, associada à minha trajetória pessoal e ao meu interesse pela religiosidade, levantou em mim a necessidade de compreender o que se passa com os psicólogos professores para que demonstrem um certo incômodo em falar sobre questões religiosas. Encontrei, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, na área da Psicologia e Religião, o espaço para pesquisar e compreender melhor este tema.

Os estudos em Psicologia e Religião contribuem para o conhecimento sobre o ser humano em sua totalidade. Essa temática implica a reflexão sobre o modo como as pessoas lidam com suas crenças e seus valores religiosos, integrantes da sua subjetividade, na sua vida e, portanto, também na sua ação profissional.

A relevância dos estudos neste campo é constantemente ressaltada por diversos autores. Para Amatuzzi (2001), a religião é o campo das indagações últimas pelo sentido, que estão implicitamente presentes em todas as demais indagações ou movimentos humanos. Para ele, portanto, a ligação com algo superior influi no equilíbrio do ser humano, suas escolhas, seu estilo de vida.

Para Vergote (1969), a religião é um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, por meio dos quais os homens tomam consciência vital de seu ser íntimo e último. O ser humano tem consciência de sua finitude e de seus limites, mas tem um desejo de superá-los, buscando sentido para suas experiências e, também, perguntando-se quanto ao sentido último da existência. Para o autor, a religião vai além do necessário e do útil, e é um fenômeno da ordem do desejo, descrito por Vergote (1969) “como uma tendência psicológica que orienta para experiências e modos de existência que fazem gozar e celebrar: a beleza, o amor, a experiência do divino e a relação com ele” (p. 9-24).

Pargament (*apud* SHAFRANSKE, 1996) afirma que o ser humano procura sentido para sua vida e a religião é uma forma de buscar significado. Segundo o autor,

[...] diferente de outras instituições pessoais e sociais, o mundo religioso se envolve na busca pelo significado em poderes maiores (deidades) e nas crenças, experiências, rituais e instituições associadas com essas forças transcendentais (p. 216).

Os significados que as pessoas atribuem às suas vidas são constituídos pelas crenças e valores adquiridos ao longo da mesma. É importante para o

professor psicólogo, que trabalha na formação de outros psicólogos, buscar compreender como o ser humano se posiciona diante dessas crenças, buscando captar os sentidos da experiência vivida.

Como profissional, tenho refletido muito a respeito dessas dificuldades e, como educadora, partilho das inquietações, incertezas e inseguranças de meus alunos, quando sentem que precisam adotar uma posição diante das suas crenças e valores pessoais.

Acredito que é importante para todo profissional e, principalmente, para o psicólogo que pretende atuar na clínica, voltar-se para a reflexão da sua experiência de vida, e o tema da religiosidade não pode ficar à parte: ele participa da totalidade do ser humano e deve ser considerado como todo e qualquer assunto.

Vejo que a Psicologia e a Religião constituem duas formas distintas de abordar o mundo que nos cerca e de compreendê-lo nos seus aspectos de caos e ordem, simplicidade e complexidade, permanência e mudança. Esse parece ser o desafio apresentado ao homem desde os primórdios da humanidade. O ser humano é instigado a desvendar o mundo que o cerca, espantando-se, admirando-se, surpreendendo-se e constituindo significados.

Observando que a minha visão de homem está voltada para um ser de natureza fluída, com tendência a crescer em um movimento de sair de si, projetar-se em um constante devir, um incessante tornar-se, um contínuo processo de vir-a-ser, acredito na necessidade de trabalhar como professora

com a experiência vivida pelo aluno, incluindo suas crenças, valores e concepções. Essa postura está em consonância com os ensinamentos de Rogers (1983) e também com a abordagem fenomenológica que norteia este trabalho, além de ser parte de um estilo pessoal e de uma determinada história de vida. Como diz Vattimo (1996), ao falar de religião, se fala “em primeira pessoa, já que o tema da religião e da fé parece exigir uma escritura necessariamente ‘pessoal’ e comprometida” (p. 9).

Com o intuito de compreender o que se passa com os docentes psicólogos para que demonstrem um certo incômodo em falar sobre questões religiosas, ingressei neste núcleo de pesquisa e iniciei meu doutoramento. Paralelamente, iniciei um curso de especialização em *Counseling – Aconselhamento –*, buscando ampliar meus conhecimentos sobre a psicologia clínica, sobre o processo de escuta, o atendimento breve, e assim desenvolver um novo olhar, tornar-me mais próxima da área da psicologia clínica. O Aconselhamento, conforme Forghieri (2007):

[...] consiste numa relação interpessoal que tem por objetivo prestar ajuda a indivíduos que se encontram predominantemente frustrados e insatisfeitos, no sentido de recuperarem suas realizações e bem-estar, por meio de descoberta, redescoberta e desenvolvimento de seus próprios recursos e capacidades (p. 319).

Particularmente, desejo continuar aprimorando meus conhecimentos nesta área, buscando definir referências para lidar com as questões religiosas que surgem na formação dos alunos. É, no meu entender, a possibilidade de

uma contínua transformação o que motiva minha busca de atualização e de aprimoramento profissional.

A partir dessas considerações, recortei como objetivo deste trabalho: **compreender quais os significados da religiosidade para professores e supervisores de cursos de graduação em psicologia e como lidam com essa questão junto aos seus alunos.**

Capítulo I – Psicologia e Religião

1.1. Psicologia Clínica e Religião

Todas as culturas e todos os povos do mundo tiveram e têm uma expressão religiosa. Diversos campos do saber se debruçaram sobre este fenômeno, estudando-o de acordo com seu enfoque. Os estudos em Psicologia da Religião, ao se interessarem por essas questões, desenvolveram metodologias específicas que permitem aprofundar a relação entre as áreas e contribuir para o conhecimento sobre o ser humano em sua totalidade (CROATTO, 2001). Essa temática envolve a reflexão sobre o modo como as pessoas lidam em suas vidas com crenças e valores religiosos integrantes da sua subjetividade. Aborda também a relação do homem com o mistério, com o transcendente e as diversas manifestações culturais, grupais e pessoais provenientes dessa interação. No entanto, apesar da presença das religiões em nossa cultura, o tema é pouco abordado por docentes nos cursos de graduação da área da Psicologia. De alguma forma, exclui-se o papel da religião na formação da subjetividade do ser humano e, conseqüentemente, ignoram-se seus efeitos nas ações profissionais do psicólogo.

Ribeiro (2004) afirma que, embora a Psicologia seja “a ciência que estuda o fenômeno humano na dimensão de sua totalidade, na sua plena e dinâmica relação pessoa-mundo” (p. 13), essa ciência tem se comportado como

se a religião não existisse. Para esse autor, estudar o homem excluindo sua dimensão espiritual é estudá-lo de forma fragmentada, sendo este

[...] o mais alienante descompromisso da ciência e/ou da academia para com a verdade humana, para com a totalidade existencial humana, da qual nasce todo e qualquer significado. Tal exclusão tornaria, ou torna, a Psicologia extremamente pobre, parcial (p. 14).

Para ele, é importante desenvolver pesquisas no campo da psicologia e religião, buscando contribuir para uma prática psicológica mais abrangente.

Ales Bello (1998) argumenta, por outro lado, que o campo religioso tem uma autonomia em relação aos demais, não podendo ser reduzido a representações. E, embora a psicologia, na sua história, ter se mantido distante dessa dimensão, deve buscar recursos para uma aproximação.

Giovanetti (1999) aborda essa questão dizendo que

[...] os psicólogos alegam que o seu trabalho é ajudar o homem em seus problemas psicológicos, e não religiosos, e que a dimensão religiosa deve ser tratada pelo padre ou pelo conselheiro psicológico. Eles se esquecem de que o homem que busca o auxílio profissional deles para aliviar o seu sofrimento é um homem total, isto é, ao falar de seus problemas ele traz sua crença em um Ser superior. Assim, o psicólogo não deve e não pode renunciar a sua ação especificamente psicológica; antes deve buscar compreender que, ao viver essa outra dimensão, a da religião, o homem o faz plenamente, como um ser total e, por isso mesmo, engaja elementos psicológicos ao viver a dimensão religiosa (p. 88).

Em grande parte dos textos da área de Psicologia da Religião, a pouca frequência do tema na área da psicologia é sempre ressaltada pelos estudiosos. Um dos fatores que justificam a dificuldade de diálogo, segundo Giovanetti (1999), é o fato de que no último século qualquer processo ou

procedimento psicológico, para ser considerado científico, deveria distanciar-se de questões de ordem religiosa. Consequentemente, assistiu-se à exclusão de Deus da vida do homem, e a racionalidade instalou-se como fator preponderante. A Psicologia “passou a contribuir, por meio de seus modelos operacionais, para a ideia de que Deus não era necessário à realização do homem” (GIOVANETTI, 1999, p. 87). No entanto, observa-se que, no final do século passado e início deste século, houve uma enorme busca e adesão das pessoas às religiões.

A retomada da importância, do interesse e da valorização das religiões na vida humana manifestou-se por meio de uma grande explosão de diversas denominações religiosas, entre outros fenômenos. Esta explosão faz com que psicólogos e professores sejam confrontados com o tema em suas práticas profissionais e se deparem com o desconhecimento da Psicologia sobre o assunto.

Giovanetti (1999) alerta para o despreparo dos psicólogos em lidar com a religiosidade das pessoas:

[...] podemos elencar duas atitudes mais comuns entre os psicólogos quando se defrontam com a atitude religiosa dos seus pacientes. Em primeiro lugar temos os psicólogos que simplesmente negam essa dimensão da vida dizendo que a religião é uma ilusão, e conseqüentemente, todas as crenças daí decorrentes não merecem crédito. Negar a dimensão religiosa torna-se mais fácil do que procurar instrumentos teóricos para tentar entendê-la. Uma segunda posição, também radical, é reduzir a religiosidade a um mero aspecto do psiquismo, e não tratá-la como se fosse outra dimensão da existência humana (p. 89).

O autor ainda ressalta o movimento presente na cultura atual na qual, paralelamente à negação de Deus, observa-se um aumento notável do surgimento de novas religiões e da adesão das pessoas a elas. Para ele, isso evidencia a importância dessa dimensão, que não pode mais ser desconsiderada pelos psicólogos.

Zacharias (2005) ressalta que o psicólogo deve compreender e acolher incondicionalmente os conteúdos de crenças religiosas trazidas pelos clientes, tendo uma conduta terapêutica de respeito, sem preconceitos e julgamentos.

O acolhimento da experiência religiosa exige que o psicólogo desenvolva habilidades para tratar abertamente dessas questões. Ancona-Lopez (1999) recorda que a *American Psychological Association*, desde 1992, recomenda nos Princípios Éticos do Psicólogo e no seu Código de Conduta que os profissionais da Psicologia devem considerar a diversidade cultural dos clientes, entre elas as questões que dizem respeito à religião, para garantir a qualidade dos serviços prestados. Ressalta ainda que, “em Psicologia Clínica, a frequência de temas relacionados às ansiedades existenciais básicas propicia o atravessamento das crenças e aderências religiosas na prática profissional” (ANCONA-LOPEZ, 2002a, p.46), o que justifica o desenvolvimento e o aprimoramento de estudos que tornem compreensíveis as relações entre Psicologia e Religião.

Massimi e Mahfoud (1999) consideram um grande desafio para a psicologia voltar o seu olhar para a totalidade da experiência humana, incluindo

a experiência religiosa. Afirmam que “a própria complexidade da experiência que se deseja conhecer solicita um horizonte maior, requer que ela não seja apreendida em parâmetros reducionistas de qualquer área da ciência” (p. 12). Chamam a atenção para a importância de se utilizar metodologias de pesquisa que não reduzam o fenômeno religioso e permitam compreendê-lo na sua diversidade. Para isso, assinalam a importância de partir da experiência vivida. “Considerar a experiência religiosa para conhecer a experiência propriamente humana e vice-versa: eis o desafio e a tarefa” (idem).

A experiência religiosa é destacada também por Holanda (2004):

Falar de religião é, fundamentalmente, falar de experiência religiosa, dado que a religião só existe porque há sujeitos que a manifestam de uma forma intencional, ou seja, a religião não se dá como uma manifestação pura e sim como uma manifestação de um sujeito que a acolhe e manifesta (p. 47).

Muitos autores têm se dedicado à exploração e à compreensão da experiência religiosa (SAFRA, 2007; AMATUZZI, 2007; MAHFOUD, 2003, entre outros). Ales Bello (2006) diz que o ser humano pode ser compreendido em três dimensões: corpo, psique e espírito. Em relação a este último, afirma que “a vida espiritual está ligada também aos atos religiosos, e pode-se perguntar o que são os atos religiosos” (p. 97). Esta pergunta direciona o olhar ao nível da experiência. Segundo esta autora: “A experiência religiosa é uma experiência de si e da experiência de que existe algo superior a si, portanto se a superação existe, ela é algo que está presente” (p. 99). Para ela, este tipo de experiência aponta para a transcendência, para o Absoluto, para a noção de algo ilimitado

que é concebido pela consciência do ser humano. No entanto, para ter essa atitude de abertura, é preciso se aproximar do tema e conhecê-lo nas suas peculiaridades.

Ancona-Lopez (1999) afirma que

[...] a inclusão da experiência religiosa na clínica psicológica exige abertura para a metáfora, para os símbolos, para o desconhecido, para o reconhecimento do instante fugaz em que um significado, restaurado, torna-se pleno de vida (p. 85).

As experiências religiosas, situadas no âmbito de uma denominação, de sua linguagem e símbolos, ou as vivências da religiosidade que se situam em um contexto mais difuso, não podem deixar de ser observadas na docência e na prática clínica da psicologia. Safra (2004) ressalta a importância de se considerar a existência de um terceiro elemento entre terapeuta e cliente: o mistério, que não está presente apenas no universo religioso. Ele é o que não se formula, o que não se coloca, o que não pode ser destinado pelo humano. Segundo este autor, a dificuldade de abrir espaço para o mistério é grave na clínica psicológica.

Segundo Oliveira (2006), a disposição favorável de se abrir para a religiosidade da pessoa não é suficiente, mas é preciso

[...] que se busque um olhar que saiba penetrar as realidades ocultas nos símbolos, palavras e nos mitos. É preciso que se busque a compreensão do indizível. Isto porque a experiência de religiosidade, assim como da arte e da linguagem poética, guarda um diferencial que escapa à razão e que não é plenamente acessível à compreensão conceitual (p. 21).

Há diferentes aspectos na experiência religiosa e diferentes denominações que as pessoas utilizam para expressar seu envolvimento com este tema e sua posição no campo. Estudiosos da Psicologia da Religião têm se dedicado também a esta distinção que situa mais claramente os termos religião, religiosidade e espiritualidade.

Segundo Giovanetti (2005), espiritualidade se define por “uma atividade do nosso espírito, e não necessariamente implica fé em algum ser transcendente” (p. 137). Fala por isso em “espiritualidade arreligiosa”, que “se manifesta na busca de valores profundos que regem o ser humano” (p. 138). Nesta mesma linha conceitual, Safra (2005) menciona a espiritualidade ateia, como a que surge nas práticas de lutas orientais. Para Ancona-Lopez (2005), a espiritualidade “reflete-se em um sentimento oceânico, não tem limites, contornos, causas, lógica. Abre um vórtice infinito de possibilidades e de interpretações” (p.156).

Já a religiosidade implica a relação com o transcendente, pois se relaciona com a religião, que pressupõe um Deus. O que distingue esta vivência religiosa da espiritualidade são as diferentes maneiras de se constituir os significados que cada uma terá. Enquanto a religiosidade lida com algumas concepções de divino, a espiritualidade tentará o cultivo da profundidade (GIOVANETTI, 2005).

A religião, por sua vez, buscará a via da integração, da re-ligação, através de uma maior estruturação, sendo definida por Ancona-Lopez (2005) da seguinte forma:

A religião é estruturada, organizada, tem conceitos e linguagens definidos, estabelece pressupostos, atribui sentidos e valor, define horizontes espaciais e temporais, insere-se no tempo e na história. Permite rever o passado, viver o presente e projetar o futuro (pp. 156 e 157).

Segundo Pargament (*apud* PAIVA, 2005), o conceito de sagrado é importante nessa discussão, pois unifica religião e espiritualidade. Na religião, busca-se dar significado ao mundo por caminhos relacionados ao sagrado, reunidos em uma determinada doutrina. Para ele, a espiritualidade é essencialmente busca do sagrado, e ela está contida dentro da religião. É preciso lembrar, porém, que tais instâncias podem estar separadas ou distantes, podendo existir espiritualidade sem religiosidade.

Safra (1999) ressalta a importância da dimensão de sacralidade ser compreendida pelos psicólogos para conduzirem sua prática de maneira mais profunda e atenta às vivências pessoais.

A psicologia clínica, em suma, deve abrir-se a todas estas questões, articulando-as para formar um quadro de compreensão que possa auxiliar a prática.

1.1.1. Psicólogos Clínicos e Religião

Se uma vertente do trabalho do psicólogo é auxiliar o paciente na sua organização e equilíbrio pessoal, ele deve ter na sua formação a dimensão de transcendência discutida enquanto experiência constituinte da vida e do modo de ser do indivíduo. Sendo a clínica o campo que lida com a subjetividade de cada pessoa, que é única e tem vivências singulares, são muitos os aspectos a que os profissionais devem estar atentos quando o tema da religiosidade aparece. Além de todos aqueles abordados acima, há desafios específicos com que os psicólogos clínicos se deparam.

Shafranske e Malony (1990) declaram que é imprescindível considerar a religiosidade do sujeito na clínica psicológica devido a quatro motivos principais: a relevância da religião na cultura, a incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, as relações entre religiosidade e saúde mental e a consideração dos valores na prática clínica.

Apesar de todos os motivos acima, a literatura na área demonstra que tal inclusão ainda acontece timidamente, pois a maioria dos psicólogos clínicos não acolhe esta dimensão da vida humana em seus atendimentos.

Ancona-Lopez (1999) observa que o obstáculo que os psicólogos encontram para incluir a religiosidade na prática clínica se dá em grande parte pela dificuldade em encontrar uma abordagem que lhes dê suporte teórico, visto que poucas perspectivas em Psicologia contemplam o aspecto religioso.

O psicólogo encontra-se muitas vezes perdido e vai buscar referências em outras disciplinas ou em sua própria experiência. O problema que o psicólogo clínico enfrenta é a ausência de eixos referenciais que o auxiliem a refletir e considerar as experiências religiosas quando elas aparecem na clínica (p. 77).

Luczinski (2005) observa que, além da ausência de paradigmas científicos e das dificuldades metodológicas, a dimensão pessoal do psicólogo também interfere na forma como este enxerga a questão religiosa nos seus alunos e nos seus clientes.

Ancona-Lopez (1997 e 2007) observa, em sua prática de supervisora e orientadora em psicologia clínica, que a abertura para o tema da religiosidade está ligada ao enfrentamento das crenças pessoais por parte dos psicólogos e de sua capacidade de articulá-las com a abordagem teórica escolhida.

Conforme Ancona-Lopez (1999), a dificuldade do psicólogo em compreender a integração entre suas teorias, sua religiosidade e os conteúdos religiosos apresentados na clínica, decorre também da falta de estudos, reflexões e interesse da psicologia pelo tema. Para contribuir com essa reflexão, a autora apresenta as quatro categorias de desenvolvimento da experiência religiosa de Wulff (1997), a partir das quais avalia diferentes situações ligadas à atitude do psicólogo frente ao tema na clínica psicológica.

Negação literal é a primeira posição. Nela as pessoas negam por princípio as afirmações religiosas, compreendidas quase sempre apenas nos seus aspectos formais e racionais. O psicólogo tende a desconsiderar a fé e a

dessacralizar as experiências trazidas pelos clientes, negando a transcendência; fecha-se para as experiências de caráter simbólico e vivencial.

Afirmação literal é a segunda posição, que predomina em fundamentalistas e religiosos ortodoxos. Os psicólogos agem de acordo com suas crenças e pressupostos religiosos, buscando neles, e não nas teorias psicológicas, o apoio para o desenvolvimento do seu trabalho. Partem de conceitos e crenças religiosas e pretendem que seus clientes vejam o mundo da mesma maneira, partilhando sua fé.

Interpretação redutiva é a terceira posição, na qual o psicólogo busca explicações apenas psicológicas para o fenômeno religioso negando a sua especificidade. Como exemplo, a psicanálise freudiana ortodoxa que tende a reduzir todas as experiências religiosas a questões psicopatológicas.

Interpretação restauradora é a quarta posição. Nela acontece a abertura do profissional para as vivências, símbolos e metáforas religiosas na busca pela compreensão e aproximação do fenômeno religioso. Isso envolve clareza quanto aos próprios pressupostos e adesões religiosas.

Considerando a posição dos psicólogos a partir das quatro atitudes propostas por Wulff (1997), Ancona-Lopez (1999) ressalta que o psicólogo não se coloca de forma estática em uma delas, podendo mudar de acordo com a situação vivida. Destaca, ainda, que tais atitudes são posicionamentos frente ao tema religioso, vindos da articulação que cada profissional faz entre suas teorias e suas crenças pessoais. A relevância, desse trabalho, é que a autora ressalta a

impossibilidade de separação entre as esferas pessoal, cultural e profissional do psicólogo.

Bergin, Payne e Richards (1996) também defendem a articulação das crenças pessoais do psicólogo com sua prática. Ao mesmo tempo, ressaltam a importância da linha sutil existente entre explorar e criticar valores religiosos de um lado, ou fazer uma apologia ao tema, do outro. Dizem que é necessário um respeito profundo para lidar com a questão. Consideram uma invasão à integridade e à identidade do cliente aconselhar o afastamento ou a adesão religiosa. A este respeito, Luczinski (2005) refere que a invasão à integridade do cliente inibe o processo terapêutico. Alerta que o acolhimento da experiência religiosa quando esta é trazida pelo cliente, buscando compreendê-la com humildade, respeito e rigor metodológico, faz parte do processo de estabelecimento de uma relação terapêutica adequada com a pessoa em atendimento. Para ela, como para os autores citados, o acolhimento da experiência religiosa ou de questões relativas a este tema, na clínica psicológica, exige um re-posicionamento do psicólogo frente às próprias crenças.

Ancona-Lopez (1999) assinala que o desconhecimento é um dos elementos que dificultam para o psicólogo pesquisar a relação que o cliente estabelece com a religião. O profissional sente-se inseguro e pouco preparado para tratar assuntos religiosos. “A inclusão da religiosidade na prática psicológica exige meios para pesquisar a religiosidade e manejar o tema no atendimento clínico” (p. 77).

Tudo isso nos remete ao campo da formação do psicólogo, no qual as questões acima podem ser tratadas, pesquisadas e discutidas no lugar próprio para isso: a Universidade.

1.2. O professor de Psicologia

Paiva (2002) discute a presença da religião dentro das universidades, em estudo feito com pesquisadores de diversas áreas. Pesquisa a aderência, ou não, a uma religião e observa que ela está ligada a aspectos pessoais e psicológicos dos sujeitos, com poucas elaborações críticas e epistemológicas. De certa forma, o assunto continua associado à esfera pessoal e individual, sem um diálogo explícito com as teorias defendidas no campo profissional.

Massimi e Mahfoud (1997) atribuem a exclusão do tema do meio acadêmico ao paradigma científico predominante, que exclui dessa esfera tudo o que não se enquadra no modelo positivista de ciência. Para os autores, o mesmo acontece nos cursos de graduação em Psicologia, já que estão inseridos nessa mesma cultura.

Ancona-Lopez (2005) destaca que

[...] o desconhecimento de estudos na área, aliado ao preconceito existente no meio acadêmico e científico contra as posições religiosas, consideradas pouco racionais, ingênuas e ultrapassadas, impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e assimilação reflexiva das vivências espirituais. Conseqüentemente, o hiato entre as experiências pessoais e a linguagem profissional é grande e dificulta o estabelecimento de um diálogo interno e externo consistente (p. 153).

Em trabalho anterior (ESTEVEES, 2004), relato que possivelmente a postura dos docentes, de modo geral e também frente à religião, de modo particular, interfere na formação dos graduandos, como se pode observar nos cursos de psicologia. Ressalto que a pessoa em formação deve ser vista em seu todo, com um olhar que busque uma compreensão global da sua realidade.

A ciência e a religião são elementos integrantes da cultura e fazem parte da educação, da comunidade, da qualidade de vida, são formadores da subjetividade e, nesse processo, o professor tem um papel fundamental. Nas palavras de Forghieri (2007): “Ao mestre compete ajudar o estudante a desvendar os vários caminhos de sua existência, dentro do fisicamente pequeno, mas vivencialmente imenso, espaço de uma sala de aula” (p. 60).

Placco (2004) ressalta a necessidade de os educadores compreenderem a sala de aula como lugar para conhecer o aluno, suas necessidades e demandas, como encontro de pessoas concretas, com intenções e possibilidades infinitas de mudança. Segundo a autora, todas as relações pedagógicas devem expressar, incluir, revelar e garantir relações pessoais significativas entre os atores na sala de aula.

O docente deve lembrar que o ouvir ativo é um recurso para criar um relacionamento de confiança que propicia a possibilidade de poder falar sem medo de ser julgado ou colocado de lado. Mahoney e Almeida (2004) ressaltam que o ouvir ativo revela uma atitude do professor em relação ao aluno, o querer compreender da parte do professor. O ouvir ativo é captar o que está por trás

da fala. É ouvir não só a fala, mas apreender o que está envolvido na mensagem da fala, especialmente os sentimentos presentes naquela dada situação. Rogers (1983) se refere a esse tipo de ouvintes como

[...] pessoas que foram capazes de perceber o significado do que eu dizia um pouco além do que eu era capaz de dizer. Estas pessoas me ouviram sem julgar, diagnosticar, apreciar, avaliar. Apenas me ouviram, esclareceram-me em todos os níveis em que eu me comunicava (p. 8).

Este tipo de escuta é um dos pressupostos tanto da prática psicológica, quanto da educativa, guardadas as devidas diferenças. Segundo Hermann (2002),

[...] o diálogo não é um procedimento metodológico, mas se constitui na força do próprio educar – que é educar-se – no sentido de uma confrontação do sujeito consigo mesmo, com suas opiniões e crenças, pela condição interrogativa na qual vivemos (p. 94).

Para Hermann (2002), “a educação é, por excelência, o lugar do diálogo, portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal” (p. 95).

Amatuzzi (1989) compartilha de posição semelhante e mostra as aproximações entre os campos da psicologia e da educação, dialogando com autores fortemente presentes em cada campo, como Carl Rogers e Paulo Freire. Acentua que o mais importante no educador é sua postura, sua atitude ou disposição e não suas teorias. Ressalta a necessidade de se focar mais a dimensão da experiência com práticas dialógicas, para que se produza conhecimento real e este se reverta em ação. Por meio do diálogo, a fala

autêntica deve ser buscada, visando o crescimento e a transformação dos alunos no seu processo de formação. Amatuzzi (1989) ressalta:

É difícil resumir tudo isso escolhendo um ponto ou outro para destacar. O todo descreve a essência de uma proposta de ajuda ao processo de emergência da palavra. O educador dialógico, e, portanto, o terapeuta, o líder, propõe (não impõe), a própria situação existencial presente da pessoa ou pessoas, como problema a desafiar, graças às contradições básicas junto com elas aí discernidas, como problema a exigir resposta não só no nível intelectual, mas também no da ação (p. 82).

O papel do professor visa a uma ação, que desemboca na formação integral do aluno, com consequências para a sociedade como um todo. Implica, então, acolher todo tipo de assunto que seja mobilizado no ensino de sua disciplina. É preciso ir além da objetividade exclusiva, imposta pela ciência tradicional, incorporando diferentes dimensões ao campo educacional: a relação com o contexto, a reflexão crítica sobre os conceitos, a valorização da singularidade dos estudantes.

Segundo Hermann (2002), o processo educativo – assim como a psicologia – extrapola a relação sujeito-objeto, no sentido de que o primeiro domina o segundo. A relação educativa é também o espaço da experiência, da imprevisibilidade e das incertezas, mobiliza os envolvidos e provoca mudanças.

Isso implica apreciar a posição do outro – no caso, o aluno – como alguém que necessita ter suas capacidades e limites respeitados. Só nesse espaço de abertura pode se dar o convencimento necessário a respeito dos conteúdos da aprendizagem, e o aluno pode realizar a sua própria experiência (p. 85).

Para Hermann (2002), educar envolve um risco e uma exposição de ambas as partes. Afinal, o professor acaba expondo suas crenças e a fragilidade de métodos que tem suas raízes, na maioria das vezes, em mentalidades positivistas e cientificistas. Para isso, é fundamental tecer um diálogo consigo mesmo, e com os alunos, gerando uma atitude de autocrítica. Sendo assim, é urgente recuperar o verdadeiro conceito de formação nas escolas em todos os níveis, como uma formação humana. Para ela, “o que interessa reter para a formação é justamente a ideia de um movimento do ser que volta a si mesmo a partir do outro” (p 100). Isso envolve, necessariamente, a constituição do sentido através da aproximação à própria experiência na situação da aprendizagem de um determinado conteúdo.

Perrenoud (1993) nos fala da docência como uma profissão relacional complexa, em que a pessoa inteira é mobilizada. A cada momento ou em cada ação desencadeada, conhecimentos e afetos são mobilizados e mudanças ocorrem de parte a parte nos sujeitos envolvidos na relação. Lembra-nos ainda a sala de aula como o lugar da multiplicidade, do imprevisto, das interações simultâneas e aparentemente desconexas, onde decisões são tomadas a cada minuto pelo professor e pelos alunos, na presença de desafios, alegrias, angústias, desejos, poderes, gostos e desgostos, preconceitos, aspirações – enfim, nas palavras de Perrenoud, “nossas entranhas” (p. 150).

Dessa forma o docente deve rever suas crenças, valores e preconceitos, propiciando uma relação que permita ao aluno poder falar sobre qualquer tema, sem ficar intimidado por ser um tema que poderá causar polêmica ou

constrangimento, como é o caso da religiosidade. O professor não pode deixar de lado uma questão por não gostar de falar sobre ela, isso mostra desconsideração e uma necessidade de manter um lugar de poder desnecessário. As relações que ocorrem em sala de aula devem propiciar o desenvolvimento de professores e alunos.

A este propósito, Amatuzzi (1989) nos diz que:

Se quisermos entender a educação no sentido de auxiliar as potencialidades existenciais (e não apenas de um treinamento a objetivos previamente fixados), e terapia no sentido de regeneração do centro atrofiado da pessoa [...] veremos que elas acabam sendo estreitamente ligadas à mobilização da palavra [...]. Sua mobilização é a própria mobilização do ser humano em direção à existência ou a sua atualização. Mas isso é basicamente idêntico a assumir uma relação com o mundo (e não um ajustamento ao mundo) (pp. 86-87).

Se com o objetivo de transmissão da cultura e dos conhecimentos construídos historicamente se estabelece uma relação pedagógica, sabe-se também que, nessa relação com o mundo e com os saberes, há encontros com os outros e consigo mesmo, o que leva professores e alunos, como sujeitos dessas relações, a extraírem e criarem significados sobre esse mundo e sobre si mesmos e os tornarem seus (BRUNER, 1997). Segundo Hermann (2002):

A formação é assim uma abertura para o reconhecimento da alteridade, fazendo com que sejamos capazes de dar sentido àquilo que vem de fora de nós, o que significa compreender o outro e o saber cultural (p. 102).

Para Amatuzzi (1989),

[...] nenhum progresso educacional ou terapêutico será real se não puder ser verificado em termos de transformação efetiva na

relação com o mundo. Os resultados não são apenas interiores (p. 87).

Os resultados da docência desenvolvida segundo tais pressupostos revertem-se em ação, em práticas pedagógicas e educativas, refletem-se na relação dos alunos com seus contextos. No caso do estudante de psicologia, reflete-se na sua relação com seus clientes e na prestação de um serviço mais ético e com maior qualidade à sociedade. De forma alguma, um tema, qualquer que fosse, poderia ser excluído dessa dinâmica, como muitas vezes acontece no caso da religião.

Psicologia e Educação estão intimamente relacionadas, pois lidam com a pessoa na sua totalidade. O psicólogo acadêmico, que exerce a docência e a supervisão, encontra-se na interseção dessas duas áreas do saber, devendo estar atento às exigências éticas de ambos os campos. Incluir o tema da religião faz parte do trabalho do psicólogo clínico, tanto quanto do educacional, que se ocupa de ações pedagógicas e de formação. A forma de tratar o tema será diferente, indo pela via da experiência no primeiro caso e da teoria no segundo, mas ambos são aspectos fundamentais presentes na pessoa em sua relação com o mundo.

Bicudo (2000) ressalta a importância de pesquisas nas áreas de psicologia e educação enfocarem cada vez mais a experiência vivida dos professores e não apenas métodos, instrumentos e teorias. Deve-se buscar a intersubjetividade no processo de investigação para que aconteçam, posteriormente, mudanças na prática.

Enfocar o tema da religiosidade pelo prisma da vivência dos professores pode contribuir para a compreensão dos entraves existentes ao livre exercício da docência com abertura a todos os temas e aspectos da realidade, colocando os pontos acima em discussão.

As contribuições dos colaboradores neste trabalho esbarram em todas as questões expostas até aqui, as quais poderão ser ilustradas com exemplos práticos e vivenciais de docentes psicólogos diante do tema da religiosidade.

Capítulo II – O Caminho da Pesquisa

*“Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem e
que amanhã recomencarei a aprender.”
(Cecília Meireles)*

2.1. Objetivo

Compreender, a partir de uma perspectiva fenomenológica, quais os significados da religiosidade para professores e supervisores de cursos de graduação em psicologia e como lidam com essa questão junto aos alunos.

2.2. A perspectiva fenomenológica

O método de investigação a ser utilizado é definido pelo objeto e pelo olhar do investigador. Na busca de conhecer um fenômeno, formulando perguntas e procurando estar aberta ao que desejo compreender, encontrei nas propostas da abordagem fenomenológica um caminho para esta pesquisa.

Partindo da minha necessidade de compreensão, busco nas próprias fontes, ou seja, no relato dos indivíduos entrevistados, o entendimento que me falta. Essa é a máxima da fenomenologia – “ir-à-coisa mesma” – deixando em suspenso pressupostos e conceitos anteriores. “Retornar às coisas mesmas significa retornar onde elas são vividas e onde elas cobram sentido para a vida e para a existência” (JOSGRILBERG, 2004, p. 34).

No delineamento de uma pesquisa de cunho fenomenológico, algumas etapas se mostram interessantes desde o início, quando o problema é delimitado. É importante rever o percurso pessoal que conduziu à investigação e os pressupostos que influenciaram a escolha do tema pelo pesquisador. Estes são explicitados no começo do trabalho para que possam ser suspensos, ou seja, deixados de lado, de modo a entrar em contato com a experiência do outro de uma forma aberta e com um olhar ingênuo, no sentido de estar livre de preconceitos. Ao mesmo tempo, a explicitação do caminho pessoal permite conhecer a perspectiva do pesquisador no processo investigativo, já que sua subjetividade estará sempre presente no modo de ver o tema.

Precisei, portanto, tomar consciência da minha relação anterior com o tema para, então, colocá-la entre parênteses, procurando me aproximar da experiência dos colaboradores como se mostrou (GOMES, 1998; AMATUZZI, 1996).

Esta suspensão se tornou possível por meio de dois movimentos: o *envolvimento existencial* e o *distanciamento reflexivo*. Eles são paradoxalmente interrelacionados e reversíveis e se voltam à vivência dos participantes. Segundo Forghieri (2004):

No envolvimento existencial procuro penetrar numa situação pela qual estou interessada em investigar, a fim de chegar o mais próximo possível da vivência da mesma, deixando de lado as análises e interpretações racionais, sejam elas científicas ou não. [...] O distanciamento reflexivo ocorre logo após o envolvimento existencial, quando deste procuro distanciar-me a fim de refletir sobre a vivência e me deter nessa reflexão para analisá-la e enunciar descritivamente os significados, ou sentido, que nela captei (p.61-62).

A postura fenomenológica propõe uma abertura em relação ao objeto de estudo. Suspende teorias, definições e conceitos prévios e convida o pesquisador a se colocar em uma posição de ingenuidade como alguém que nada sabe sobre a questão. Nesta postura, é fundamental perguntar para poder conhecer (MARTINS e BICUDO, 1994).

Neste modo de pesquisa, é importante que o sujeito relate sua experiência e o que faz sentido para ele, já que a meta é a compreensão dessa experiência (BICUDO, 2000; FORGHIERI, 1993).

Van der Leeuw (1964) esclarece que, se um fenômeno é algo que se mostra, o mostrar supõe alguém para quem ele se revela. Sendo assim, é no falar do que se mostra à consciência, na reconstrução de uma vivência e do que se compreendeu que se efetiva a revelação progressiva de um fenômeno.

A fenomenologia busca descrever e compreender a vivência, sem nenhuma intenção de explicá-la no sentido causal. Ela pretende se aproximar da experiência da pessoa buscando participar do movimento e da sabedoria aí existentes (AMATUZZI, 2001). A investigação fenomenológica tem por objetivo principal a aproximação ao vivido. Para este autor, este vivido pode ser definido como a “reação interior” imediata diante de algo ocorrido, antes de qualquer reflexão ou elaboração.

Apenas a inclinação para examinar as vivências pode trazer à luz os possíveis significados aí presentes. Segundo AmatuZZi (2001b):

O vivido está num plano da consciência onde o sentir e o pensar não se distinguiram ainda [...]. É sentimento e pensamento potenciais. É a raiz tanto do pensamento como do sentimento (p. 54).

Os significados se constituem na relação com o mundo e com o outro. Em uma pesquisa que busca compreender a experiência de um outro e abranger os significados do fenômeno, a interação pesquisador-entrevistado possibilita que essa compreensão surja a partir de uma pergunta ou tema desencadeador.

Parte-se da ideia de que [...] ninguém melhor para entender a sua experiência do que o próprio sujeito vivente, a partir de um 'voltar-se' à sua própria vivência, no seio da relação intersubjetiva. Supõe-se então que [...] a Fenomenologia constitui-se no resgate da dimensão do vivido (AMATUZZI, 2001a, p. 38).

A experiência vivida vai tomando corpo e significado, mostrando a existência das influências socioculturais e da história de vida pessoal do sujeito entrevistado. Desde o momento em que o fenômeno ocorre, ocorre já com alguma significação, pois não existe vivido puro. Segundo Moreira (2002), "o que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa" (p. 108).

Delefosse e Rouan (2001) afirmam que,

[...] Na pesquisa em Psicologia Fenomenológica, o método implicará a consideração da interação que auxilia a explicitação do vivido; trata-se portanto de um trabalho interativo que visa, de um lado, favorecer a atividade e construção do sentido do mundo vivido através de uma situação dialógica reflexiva e de outro lado, produzir conhecimentos psicológicos a partir desse 'material' (p. 150).

Segundo Giorgi (1995),

A psicologia fenomenológica interessa-se pelos sentidos que os sujeitos conferem aos referentes através de seus atos de consciência. Mas este campo é extremamente amplo e é por isso que ela deve se limitar aos aspectos individuais, aos aspectos da construção dos sentidos que dependem dos sujeitos nas situações cotidianas. A metodologia permite compreender o sentido das relações concretas implícitas através da descrição original da experiência de uma situação (pp 24-42).

Nelson e Rawlings (2007) assinalam que “não há um método fenomenológico uniforme de análise, que é imposto indiscriminadamente a todos os casos” (p. 225), assim como o fenômeno não é único e estático, variando de acordo com o observador. Este autor, como outros citados acima, recomenda a construção de um método fenomenológico para cada pesquisa, explicitando os autores utilizados e os passos seguidos, de acordo com o fenômeno buscado.

Existe, portanto, uma vasta gama de caminhos e maneiras para o desenvolvimento de uma pesquisa fenomenológica e, por esse motivo, é relevante descrever detalhadamente o trajeto percorrido durante a investigação. Dessa forma, com uma atitude de engajamento, como Giorgi (1978) e Forghieri (1993) sugerem, fui colocar-me ao lado dos colaboradores deste estudo, com o propósito de buscar compreender quais os significados de religiosidade dos professores de cursos de graduação em psicologia e supervisores em psicologia clínica, e como lidam com essa questão junto aos alunos.

Descrevo abaixo os procedimentos desta pesquisa.

2.3. Procedimentos

2.3.1. Os colaboradores da pesquisa:

A escolha dos colaboradores na pesquisa fenomenológica é guiada pelo interesse do pesquisador em reconhecer em seus relatos a vivência que quer estudar e o acesso ao tema pesquisado. Conforme relata Gomes (2001), a pesquisa fenomenológica “se articula sobre a tensão entre universalidades e singularidades” (p. 119). Por isso, a escolha dos colaboradores é muito diferente das pesquisas tradicionais, pois nessa forma de pesquisa eles são escolhidos intencionalmente.

Considereei que os colaboradores dessa pesquisa precisariam preencher alguns critérios básicos: serem professores que lecionam no curso de psicologia, supervisores em psicologia clínica e ter algum tempo de experiência na prática docente e clínica. Os critérios foram definidos com intuito de garantir sua competência na área. Esta garantia foi importante, no caso, para evitar que possíveis incômodos ao tratar o tema da religião fossem ocasionados por desconhecimento ou falta de prática na área de atuação.

Escolhi quatro psicólogos considerando a experiência e competência em trabalhar como docentes, supervisores e pesquisadores, o que pude avaliar por meio de seu currículo, trabalhos publicados e situação no meio profissional. Os psicólogos foram convidados por indicação de colegas ou em função de nos conhecermos em um grupo na Universidade, na qual trabalhamos com projetos de pesquisa e extensão. Como em ocasiões anteriores conversamos sobre o

meu tema de doutoramento, e sobre seu enquadramento no perfil que pretendo pesquisar, mostraram-se dispostos a fazer parte desta pesquisa, manifestando interesse e boa vontade em falar sobre o tema.

Firmamos um termo de compromisso de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, que aprovou a pesquisa, no qual me comprometi a utilizar nomes fictícios e alterar quaisquer dados que pudessem identificá-los, para preservar o sigilo. Ressalto que os nomes utilizados foram escolhidos pelos próprios colaboradores – como gostariam de ser nomeados. Todas as outras exigências éticas para pesquisas com humanos foram respeitadas.

O primeiro colaborador escolheu o nome fictício de *Rafael*. Ele é psicólogo, professor universitário, pesquisador, trabalha com grupos de supervisão e atua em consultório próprio. Não pertence a uma denominação religiosa específica, fala da sua religiosidade, do seu modo pessoal de se relacionar com as questões religiosas.

A segunda colaboradora escolheu o nome fictício de *Ana*. É psicóloga, professora universitária, pesquisadora, trabalha com grupos de supervisão e atua em consultório. Ela não tem uma religião declarada, diz ser uma pessoa “neutra”, mas que gosta do tema em questão.

A terceira colaboradora escolheu o nome fictício de *Lillian*. É psicóloga, professora universitária, pesquisadora, trabalha com grupos de supervisão e

atua em consultório próprio. Tem uma religião, com a qual tem grande envolvimento, sendo dona de um terreiro de umbanda.

A quarta colaboradora escolheu o nome fictício de *Regina*. É psicóloga, professora universitária, trabalha com grupos de supervisão. Não tem religião e declara que “não acredita nas colocações religiosas”.

Após entrevistar os quatro colaboradores, considerei que tinha material suficiente para a realização deste estudo. Na sua confecção, realizei todo o percurso necessário para a obtenção do depoimento com o primeiro psicólogo docente e depois de haver registrado a conversa foi que busquei um segundo colaborador. Segui este caminho até o quarto colaborador, quando considerei não ser mais necessário entrevistar outras pessoas, seguindo o critério de saturação proposto por Muchielli (1991). Isso quer dizer que houve um momento a partir do qual os temas começaram a se repetir, o que me permitiu considerar que tudo o que eles haviam partilhado comigo já era suficiente para a confecção deste estudo. Convém lembrar que a pesquisa em Psicologia Fenomenológica não busca generalizações, mas visa oferecer um modo possível de compreensão do fenômeno estudado que possa ser útil para compreender fenômenos semelhantes. Segundo Moreira (2002),

[...] não esqueçamos que o objetivo é comumente o de explorar e desvendar conhecimentos, através da experiência vivida do sujeito. Como se costuma dizer, trata-se mais do **contexto da descoberta de conhecimentos**, e não do **contexto da verificação**, tão característico da pesquisa quantitativa (p. 147, grifos do autor).

2.3.2. O instrumento

Para conhecer a experiência das pessoas convidadas para este estudo usei como instrumento a entrevista semi-dirigida, sabendo que ela permite a exposição que o indivíduo tem da sua vivência (GOMES, 1998). Conforme Giorgi (1995), “uma entrevista de explicitação centrada na descrição do vivido por meio de um ato concreto permitirá depreender os modos de construção do sentido” (p. 162).

A importância da utilização da entrevista, segundo Martins e Bicudo (1994), reside no fato de esta se constituir em um convite ao diálogo com a finalidade de obter informações de relevância para pesquisador e entrevistado. Segundo Szymanski (2002), partimos da constatação de que a entrevista face a face é uma situação de interação humana, em que estão em jogo percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado.

Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação (p. 12).

A autora ressalta que o pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra. Deseja instaurar credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para seu trabalho. Para ela a concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua disposição:

[...] pelo menos a de ser ouvido e ser considerado verdadeiro no que diz –, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, levando-se em conta que também ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador (SZYMANSKI, 2002, p. 12).

Para este trabalho, realizei entrevistas individuais, semi-estruturadas, as quais, segundo Moreira (2002), consistem na apresentação de temas que permitem o fluxo de ideias, com espaço livre para o pensamento e a fala do entrevistado, além da introdução de questões que se façam necessárias no decorrer da fala.

A utilização de relatos orais apresenta algumas limitações e dificuldades. A fala é sempre uma interpretação e traz vários significados constituintes do fenômeno. A entrevista é uma busca conjunta pela vivência delimitada pelo interesse do pesquisador. No caso destas entrevistas, busquei compreender quais os significados da religiosidade para professores e supervisores de cursos de graduação em psicologia e como lidam com essa questão junto aos seus alunos.

Segundo Mahfoud (2003), o sentido se abre à pessoa no movimento de reflexão possibilitado por uma compreensão compartilhada. Dessa forma, a entrevista se constitui, não apenas em momento de obtenção de informações, mas em interação, na busca conjunta por compreender uma vivência diante do tema proposto.

Tudo isso pressupõe um trabalho realizado pelo pesquisador e por seus colaboradores, no esforço de ir além das representações, crenças e pensamentos já instalados, na busca pelo vivido. Para que isso seja possível, a

escolha da pergunta feita na entrevista é muito importante, pois deve contribuir para a aproximação da experiência. A pergunta endereçada aos entrevistados nessa pesquisa foi a seguinte: *“Fale dos significados da religiosidade para você. Da religião, religiosidade, espiritualidade. Como lida com a questão da religiosidade no âmbito profissional, com os seus alunos? Conte-me a sua experiência”*. Busquei, assim, a descrição da vivência no seu momento presente e no seu movimento. Segundo Amatuzzi (2001), a entrevista conduzida dessa forma pode ser bastante enriquecedora para o sujeito, produzindo conhecimento, além de promover o crescimento dos envolvidos durante o processo de pesquisa.

A entrevista possibilita um processo de descobertas, através de uma atitude de abertura do ser humano, para a compreensão da vivência de uma determinada situação. Para Delefosse e Rouan (2001), a entrevista fenomenológica focaliza o vivido em situação, atos e implicação subjetiva que lhes dá sentido.

[...] trata-se, portanto, de um trabalho interativo que visa, de um lado favorecer a atividade de construção de sentido do mundo vivido através de uma situação dialógica reflexiva e de outro lado produzir conhecimentos psicológicos a partir deste material (p. 150).

2.3.3. A realização das entrevistas

Após escolher os colaboradores conforme os critérios estabelecidos, combinei com cada um deles horário, data e um local favorável que garantisse a devida privacidade e a tranquilidade durante nossas conversas. Em todos os

casos, ocupamos uma sala isolada na universidade e conversamos durante aproximadamente duas horas. Inicialmente, apesar de já nos conhecermos, os colaboradores começaram a falar em uma postura profissional e, no decorrer da conversa, ficaram mais à vontade, expressando-se de modo espontâneo.

Durante as entrevistas, busquei captar o que estava sendo expresso no relato, na experiência vivida de cada uma daquelas pessoas. Seguindo as sugestões de Amatuzzi (2001), tentei me inserir na sua perspectiva, na sua fala diante do tema. Busquei encaminhar a entrevista de forma a contribuir para que algo fosse dito sem reservas, mantendo uma relação dialógica com os colaboradores.

Buscando apoio em Forghieri (2004), que diz que uma pesquisa fenomenológica requer relatos espontâneos e sinceros dos sujeitos sobre suas vivências, dados autênticos e próximos da experiência imediata, procurei ressaltar, ainda, a importância da sua participação, a fim de que se sentissem mais seguros e livres para seus relatos. Informei que, caso fosse necessário, a entrevista poderia ser complementada em outro momento ou poderiam desistir da colaboração, caso o desejassem.

Após as entrevistas, que foram gravadas com a devida autorização, solicitei a cada um que assinasse um termo de consentimento confirmando a autorização para uso do material na pesquisa (ANEXO 1). Registro, outrossim, que as entrevistas gravadas foram transcritas e entregues aos colaboradores para que opinassem e alterassem aquilo que não correspondesse às suas

experiências. Os colaboradores não alteraram o material e se colocaram à disposição para eventuais esclarecimentos futuros.

2.3.4. Análise das entrevistas

Dando início ao processo de análise, ouvi as gravações e as transcrevi integralmente. Em seguida, fiz uma textualização das entrevistas, com a produção de um relato descritivo da vivência de cada entrevistado. O relato foi mostrado a cada um deles para apreciação, confirmação ou alteração do que estava escrito, não tendo havido qualquer modificação.

Encontrando-me sozinha, na leitura das transcrições pude perceber a minha ansiedade no processo de buscar uma ordenação das informações que me permitisse efetuar a análise. Fui buscar nos pesquisadores da fenomenologia respostas ao meu desconforto, detalhando o universo de pesquisa dessa proposta.

Para Forghieri (1993), a análise dos dados obtidos nas entrevistas deve ser feita em dois momentos: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. No primeiro momento, o pesquisador deve deixar de lado seus conhecimentos sobre a vivência, deve se colocar num estado de “suspensão”, de tal forma que possa apreendê-la de modo experiencial. Desse ato decorreria “uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência”. O segundo momento tem por objetivo um distanciamento da vivência, que permite refletir sobre a compreensão anteriormente obtida e “tentar captar e enunciar,

descritivamente, o seu sentido ou o significado daquela vivência em seu existir” (p. 60).

Como direcionamento para guiar meus passos, estudei os métodos propostos por Forghieri (1993), Bicudo (2000) e Giorgi (1995). A partir destes autores, delineei da seguinte forma os passos desta pesquisa:

1º momento da análise: Leitura da transcrição da entrevista como um todo, para obter uma apreensão geral do que foi exposto.

Li a transcrição de cada entrevista no seu todo, procurando reportar-me novamente ao momento do encontro, no intuito de torná-lo mais presente e familiar. Nesse primeiro momento, não tive a preocupação de buscar significados no que ali estava escrito. Depois, refiz a leitura algumas vezes, na tentativa de alcançar no seu conjunto o que ele havia relatado, produzindo a textualização do material (apresento integralmente uma das transcrições no ANEXO 2).

2º momento da análise: Nova leitura, mais reflexiva, com o objetivo de enunciar o significado em cada parte do relato.

Em um segundo momento, fiz uma leitura mais detalhada, na qual foi necessário separar o texto em partes para que se pudesse, então, analisá-lo. Assim, selecionei os trechos agrupando os que resumiam ou representavam

vivências significativas para a minha pergunta de pesquisa. Segundo Moreira (2002), as unidades de significado

[...] são notadas diretamente na transcrição sempre que o pesquisador, relendo o texto, tornar-se consciente de uma mudança de sentido da situação descrita. É essencial para o método que a discriminação seja feita de forma espontânea e ocorra antes de qualquer tipo de análise (p. 124).

Este autor ressalta que as unidades de significado surgem a partir do olhar do pesquisador, que se esforça por encontrá-las. Fenômeno semelhante acontece quando olhamos as estrelas no céu. Segundo Gleiser (2005), as constelações não existem *a priori*, mas são construídas pelo olhar do observador, que as agrupa e dá sentido, como se estivessem em um mesmo plano do espaço.

3º momento da análise: Articulação entre os significados encontrados, buscando descrever a vivência do sujeito em uma síntese.

Os significados captados nas entrevistas foram organizados em sequência e se tornaram a base para a elaboração de uma síntese. Foi escolhida uma ordem para a apresentação dos conteúdos relatados de forma a facilitar o entendimento e oferecer maior visibilidade ao processo. Neste processo, também houve a transformação da linguagem cotidiana do sujeito em termos apropriados para o estudo em questão. Isso se faz necessário porque os depoimentos dos sujeitos expressam diversas realidades, enquanto na

pesquisa busca-se enfatizar determinados aspectos que possam contribuir para a compreensão do fenômeno de interesse do pesquisador (Moreira, 2002).

4º momento da análise: Diálogo com teóricos do campo de estudo em questão.

Neste momento da análise, utilizei os trechos selecionados das transcrições, as unidades de significados e as sínteses, refletindo sobre elas em diálogo com autores da fenomenologia e da psicologia e religião. Esse diálogo iluminou, confirmou, ampliou e ofereceu um contraponto às vivências e pensamentos trazidos pelos colaboradores e trabalhados por mim durante as análises.

Para dar mais visibilidade às vivências de cada sujeito, individualmente, optei por apresentar separadamente cada colaborador, em capítulos que levam o seu nome. Nestes capítulos, apresento a análise realizada segundo os procedimentos acima descritos, mas não de forma linear, no seu passo-a-passo, e sim em forma de texto fluido, que intercala a síntese da entrevista com trechos textuais da transcrição e a discussão teórica despertada em mim pelo objetivo do trabalho.

Assim, depois da apresentação das quatro entrevistas e das análises, retomei todas em conjunto, verificando que temas foram comuns ou não entre elas, e que eixo esteve presente nas vivências dos colaboradores, suas aproximações e especificidades. Dessa maneira, nesta parte do trabalho,

procurei colocar em diálogo as quatro análises nos seus aspectos mais relevantes, elaborando uma conclusão.

Na conclusão do trabalho, apresento uma articulação possível dos dados colhidos e analisados, em conjunto, segundo o referencial fenomenológico adotado, dialogando com autores do campo. Dessa forma, procuro apresentar os significados da religiosidade para os colaboradores da pesquisa e como estes se intercalam com sua postura profissional.

Capítulo III – Rafael

Rafael é psicólogo, pesquisador, professor e tem 52 anos. Conhecemos em um grupo na universidade na qual trabalhamos com projetos de pesquisa e de extensão. Conversamos sobre o meu tema de doutoramento e, devido ao fato dele se enquadrar no perfil que pretendia pesquisar, convidei-o para colaborar. Ele se mostrou disposto a participar da pesquisa.

Combinamos um horário, entramos em uma sala isolada na universidade e começamos a nossa conversa que durou aproximadamente duas horas. Inicialmente, apesar de nos conhecermos, ele começou a responder as questões em uma atitude muito profissional, mas no decorrer da conversa foi ficando mais à vontade e participou de modo bem espontâneo, colocando-se, no final, à disposição para novos esclarecimentos.

Minha questão inicial, após expor novamente o tema da pesquisa, foi: *“Fale-me dos significados da religiosidade para você. Como lida com a religiosidade com os seus alunos? Conte-me a sua experiência”*.

Rafael começou a pensar sobre os termos religiosidade, espiritualidade e religião, mostrando como se situa em relação aos conceitos. Observo que ele esboça uma compreensão de religião quando diz:

[...] religião eu vejo assim: como a ritualização da religiosidade. Então, como religião, eu vejo, você seguir certos preceitos,

certos dogmas ou mesmo você se dedicar a certos ritos; então, religião entra por aí. Isso é uma coisa bem minha.

Para Rafael, a religião está ligada a uma estrutura que compreende diversos elementos. De fato, segundo Ancona-Lopez (2007),

[...] a religião, na qualidade de manifestação cultural é um fenômeno multidimensional, composto por um sistema de crenças, ritos, personagens e símbolos que expressam uma compreensão específica do sentido da vida e estrutura princípios e valores, propondo modos de viver para a comunidade e para o indivíduo (p.198).

Quando Rafael diz *“isso é uma coisa bem minha”*, está dizendo que não refletiu sobre isso do ponto de vista acadêmico ou leu a respeito. Ele faz uma reflexão com base na sua experiência. Em seguida, apresenta a sua compreensão sobre religiosidade, a partir da qual começa a mostrar aspectos próprios da sua visão de mundo.

Agora, religiosidade eu acho que, talvez, aí se confunda com espiritualidade. Para mim, religiosidade é essa abertura do ser humano para o desconhecido, essa abertura que todos nós temos para aquelas coisas que, de alguma maneira, não ganham significado na vida, aquelas coisas que, de alguma maneira, não se realizam na vida cotidiana das pessoas, então, qualquer que seja a sua prática de vida, a sua profissão, a sua linha de... sei lá... de conduta social, moral etc., sempre existem aspectos que estão abertos para ganhar novos significados, então aí, eu acho que a religiosidade vem daí.

Observo que Rafael entende que a religiosidade é um movimento de transcendência e que esse processo é constitutivo de todo ser humano. Faz parte da busca de significado para as experiências menos comuns do dia-a-dia, que se abrem ao novo. Ele continua:

O ser humano se realiza no mundo real, no mundo da realidade, dos objetos, das coisas, das interrelações. Agora, em todo ser humano há algo que transcende sempre isso... e que, até por isso, permite novos ajustamentos, a direção de novas relações e aí eu acho que entra aí, até uma certa fusão entre a criatividade, eu associo um pouco a criatividade com essa questão da religiosidade.

Rafael associa o movimento presente na transcendência do mundo cotidiano e concreto à criatividade. Para ele, como há atribuição de novos significados, há criação. Segundo Ancona-Lopez (2007), a criatividade está ligada à possibilidade de transitar por vivências que superam a dualidade sujeito-objeto no cotidiano. Indo além desta, há produção de novas significações e o enriquecimento da condição humana. Rafael parece falar de algo semelhante quando relaciona a transcendência à religiosidade e esta à criatividade.

Em seguida, Rafael tem certa dificuldade em associar a religiosidade, como a conceitua, com a crença em Deus. Para ele, quando a pessoa nomeia Deus, ela se situa na esfera da religião.

Porque... essa... isso que eu estou te falando, dessa abertura, de algo que transcende os aspectos mais estáveis do cotidiano, das relações que a gente estabelece, eu acho que isso dá abertura para essa crença... em algo que transcende... e esse algo... como se costuma conotar com o nome de Deus, ou seja lá o que for. Agora, quando você dá nome para isso, aí você cai na religião, né?! Quando você dá nome você cai na religião, porque quando você consegue suportar a ansiedade e a angústia que gera essa abertura não nomeada... e eu não sou lacaniano, hein... estou falando muito em nomear... mas não sou lacaniano, não...é que eu acho que a gente dá nome mesmo para as coisas, então aí, eu acho que a gente está falando mesmo assim, dessa coisa maior que normalmente é denominada por Deus, sei lá, outros chamam de Jeová, outros de não sei o quê.

Rafael relaciona a nomeação do sentimento e dos significados relacionados à transcendência com a angústia que vem da abertura ao novo. Experimenta-se algo que pede um nome, formula-se uma crença em algo, assim surgem as religiões. Rafael fala neste aspecto como uma necessidade da condição humana, e não como a possibilidade da existência de um ser transcendente que entra em relação com as pessoas. Observa algo que parte de uma experiência humana e se resume em um movimento das pessoas, não do divino.

Eu acho que isto é uma função, sim... e aí eu estou me pautando um pouco no que falava Jung, que é uma função psicológica importante sem que a gente não consegue sobreviver, a gente não consegue assim uma perspectiva de realização, a gente só caminha e vai construindo o próprio caminho na medida em que a gente tem esta perspectiva de transcendência, apesar de que a gente nunca transcende, mas a gente tem esta perspectiva de transcendência, eu acho... para mim, é isso mais ou menos.

Ele diz que o homem traz consigo uma força que o chama à transcendência e, caso não atenda a este apelo, não consegue a sua realização. Neste momento, Rafael coloca a busca de transcender a si mesmo como fundamental e indispensável na vida do ser humano. Ao mesmo tempo, parece situar a religião/religiosidade como um fenômeno psíquico, pois diz que, na realidade, o homem é incapaz de transcender, apesar de sua busca. Ele cita Jung que, segundo Sampaio (1999), considera a religiosidade fruto do psiquismo humano. Sendo assim, a religiosidade seria, então, apenas uma função na vida da pessoa e não o relacionamento com o transcendente, ou o Absoluto. Segundo

esta perspectiva, ele se considera religioso: *“Eu tenho religiosidade, neste sentido que eu te falo (...)”*.

Safra (2004), entre outros autores, não considera a religiosidade restrita ao campo psíquico, e sim como algo que envolve a pessoa na sua totalidade, cuja origem está na dimensão ontológica do ser humano, que busca sua transcendência.

A forma como Rafael concebe estas questões está relacionada à sua história de vida com o tema. Ele traça a memória familiar da sua religiosidade, falando sobre a experiência religiosa dos pais.

[...] eu já fui espírita, a minha formação foi muito espírita, minha mãe era muito espírita, meu pai era... aquela história – “graças a Deus sou ateu” – mas meu pai de fato não acreditava, ele fazia força para não acreditar em nada disso e depois eu passei para a religião católica e tal [...] e depois eu fui desconstruindo essas... desfazendo essas coisas e, hoje em dia, eu acho que eu tenho religiosidade [...].

Rafael fala de um movimento de desconstrução do antigo modo de ser religioso, e diz que atualmente tem um jeito diferente de viver a sua religiosidade. Mostra que houve uma busca nesta área, já que passou por duas religiões institucionalizadas, antes de optar por sua postura atual, que é a de uma religiosidade vivida independentemente de uma religião.

[...] eu prefiro manter a coisa assim, porque isso dá a você uma certa liberdade de autopercepção, que as religiões em si não permitem, porque elas ficam..... são doutrinárias, quer dizer, qualquer que seja a religião ela é doutrinária, e a religiosidade te abre para essa possibilidade de perceber as coisas a partir de você mesmo, eu acho que é mais abrangente permitir, que a gente... caminhe mais.

Mostra-se contrário às doutrinas religiosas, porque entende que elas não permitem abertura para uma compreensão que transcenda as doutrinas e que seja feita de forma autêntica. Acredita que evolui mais neste aspecto em uma vivência pessoal da sua religiosidade, desligado das religiões.

Safra (1999) discorre sobre o campo da vivência religiosa, seja esta dentro de uma religião instituída ou não, como caminho para o crescimento pessoal. Segundo ele, isso ocorre a partir da experiência do sagrado, quando a pessoa “consegue fazer da religião convencional uma experiência subjetiva” (p. 175). Este autor, entre outros, acredita que o fato de uma pessoa pertencer ou não a uma religião não é determinante para sua vivência e para seu crescimento, mas sim aspectos como a sacralidade e a experiência de encontro.

Depois de apresentar suas crenças pessoais e sua conceituação sobre religião e religiosidade, Rafael começa a falar sobre o tema no meio acadêmico:

Agora, você falou em relação à questão das aulas... qual o significado que vejo em relação a religião, religiosidade na questão da docência???... eu acho que, quando isso é tratado, o que eu vejo, o pouco que vejo, não posso responder pelos outros professores, mas o que vejo, assim, do que eu conheço, quando isso é tratado – é tratado como um aspecto... como objeto de estudo mesmo, como algo que já ganhou um significado através de uma determinada análise metodológica ou metodologia de análise... ao contrário, alguma coisa que... hum... serve, na verdade, para justificar um discurso científico, muito mais do que para expandir um discurso científico, isso eu estou falando da média do que eu vejo.

Sua visão é que a religiosidade no meio acadêmico é reduzida a um discurso científico, vista por meio de uma metodologia científica. Assim, ela

aparece como antagonista a este campo e não é ampliada por meio da reflexão e do estudo.

Ele levanta questões da relação entre ciência e religião, mostrando como percebe o tema na academia. Sua percepção confirma a literatura da área, que constata o afastamento das questões relativas ao tema da maioria dos trabalhos e discussões científicas. De fato, nos últimos séculos, a ciência almejou explicar o mundo através do método experimental, descobrindo as leis que regem o homem e o universo, controlando o mundo. A psicologia desenvolveu-se tentando se adequar a este projeto, restringindo assim seu campo aos fenômenos observáveis e mensuráveis. Segundo Ancona-Lopez (2007), foi justamente no campo da clínica que a psicologia entrou em tensão com esse paradigma, pois as experiências humanas ultrapassam os comportamentos observáveis e as formulações que se restringem a este aspecto. Porém, ainda hoje, permanece a valorização do modelo científico tradicional e, como consequência, há uma exclusão da religiosidade dos estudos acadêmicos e pesquisas. Dessa forma, a autora ressalta que a religiosidade dos psicólogos é lançada para o campo pessoal, havendo uma cisão entre este e sua vida profissional. Acredito que isso esteja presente na fala abaixo:

Agora, eu acho que, na verdade, assim como eu, outros professores também têm a sua religiosidade e eu não sei como é que eles dão nome para isso, eu dou o nome de religiosidade.

Rafael acredita que os outros professores vivem algum tipo de religiosidade, como ele, apesar de isso não ficar evidente no cotidiano do seu trabalho. Assim, ele confirma a observação dos autores da área de psicologia e

religião ao apontarem a separação da crença pessoal dos psicólogos de sua prática profissional.

Durante a entrevista, Rafael transita entre os campos da docência, da produção científica, da clínica e da supervisão. Em seguida, ele fala da clínica, na qual percebe alguns movimentos de transcendência, mas para estes movimentos são dados diferentes nomes e, então, há uma operacionalização da religiosidade.

[...] a gente percebe muitas coisas acontecendo, inclusive na clínica, que transcendem mesmo... esse aspecto da relação terapeuta-paciente, esse tipo de... eu acho que... isto pode ganhar diferentes nomes, porque na verdade só se torna operacionalizável quando ganha nomes, mas essa foi inclusive uma das coisas que me propiciou a escolha por uma certa teoria que eu pesquisei em psicanálise.

Como psicanalista, percebe nos atendimentos vivências que ultrapassam a relação terapeuta-cliente estabelecida na clínica, talvez por se voltarem para a busca de transcendência, mencionada anteriormente. Percebe que estas podem ser nomeadas de diversas formas, e que devem ser para que se possa manejá-las. No entanto, não explicita seus pensamentos e mantém esse trecho da conversa em um nível mais abstrato. Relaciona a escolha da sua abordagem psicológica com a possibilidade de abarcar tais questões – o que mostra a importância deste aspecto para ele.

Eu sou psicanalista, mas é... escolhi uma certa teoria que eu acho que dá mais abrangência... que fornece caminho para que você possa dar um outro significado, acho que um pouco mais abrangente para esse tipo de vivência que você vê, às vezes... alunos tendo, né?... pacientes, na clínica, também tendo... e eu, como supervisor, eu sou obrigado a orientar aquele atendimento, esse tipo de coisa, mas eu não posso deixar... [...] de alguma

maneira eu não me permito deixar que essas coisas se confundam para o aluno, eu tenho a pretensão de transitar com um pouco de segurança nesse caminho aí, e até ver certas coisas, mas também reconhecer que muitas delas estão fora do meu campo de abrangência, mas então... eu respeito que elas estão lá, que elas existem, e pretendo até poder, mais tarde, entender isso, na medida do possível.

Ele percebe a ocorrência de fenômenos fora do campo da psicologia enquanto atende ou quando orienta os atendimentos. Não exemplificou “*esse tipo de coisa*” que acontece em tais momentos, mas assinalou sua necessidade, enquanto supervisor, de conduzir o aluno, dando-lhe segurança e clareza no seu caminhar. Assim, limita-se a reconhecer essas vivências de religiosidade, mas não as considera mais profundamente pois, para ele, estão fora do seu campo profissional. Não descarta porém a possibilidade de compreendê-las um dia. Percebo que falta ao psicólogo o discurso necessário para falar das vivências religiosas das pessoas.

Eu acho que a psicanálise e a religião, elas podem conversar, inclusive eu orientei, no ano passado, um trabalho sobre isso, em psicanálise e religião, e até assim, eu... até falei para os alunos, eu falei uma série de questões... uma das alunas era uma freira e eu até disse a ela assim, porque ela tinha um discurso muito dogmático assim: “E então, a psicanálise como ciência não pode se furtar à grandeza da presença de Deus”, então eu falei... você pode até falar isso aqui, eu concordo com o que você está dizendo, mas só que você não pode dizer desta forma, porque você está transformando tudo... isso vai ser visto através de um viés muito pessoal teu, então vamos colocar isso em outras palavras, vamos procurar na literatura porque aí qualquer coisa você pode justificar, olha, quem falou isso, neste momento não está sendo eu, mas estou me alicerçando do que eu acho no discurso de outras pessoas que já falaram, mas assim, em momento algum eu quis... minimizar a religiosidade que eu via nela, ao contrário, eu acho até que ela se sentiu muito satisfeita, ela gostou muito do resultado final, porque até ela teve a possibilidade de ver que outras pessoas já viam, já vinham pensando como ela estava

pensando, ela se sentiu bem em poder falar aquilo de um outro jeito, dizendo o que ela queria dizer.

Rafael mostra no trecho acima uma abertura às necessidades da sua orientanda e um cuidado do ponto de vista acadêmico, ajudando-a a conciliar as duas dimensões. Ele a ajudou a explicitar o seu ponto de vista, escolhendo autores que tivessem um olhar semelhante ao seu sobre o tema escolhido. Assim, ela não colocaria simplesmente a sua opinião no seu trabalho, mas sustentaria suas ideias a partir de teóricos da área. Dessa maneira, a discussão se adequou às exigências acadêmicas e atendeu os desejos da sua aluna.

Rafael é favorável ao diálogo entre psicanálise e religião, embora reconheça que as duas áreas ainda não aprenderam a dialogar, ou seja, o discurso usado é inadequado. Segundo Gontijo (1999), os caminhos da ciência psicanalítica não se opõem aos da fé, sendo possível tecer um diálogo entre psicanálise e religião, na medida em que se compreendem os pressupostos e limites de cada campo. Segundo este autor, existe uma oposição entre religião e razão na visão de Freud, mas tal crítica não se estende a toda a psicanálise. Gontijo (1999), enquanto psicanalista, não faz esta oposição, vendo possibilidades de diálogo entre fé e ciência, diálogo que surge principalmente de um conhecimento maior sobre as religiões e o fenômeno religioso.

É interessante notar que Rafael faz uma crítica semelhante à freudiana, quando teme o dogmatismo das religiões instituídas. Além disso, teme que tais doutrinas afastem a pessoa do seu crescimento pessoal. Porém, ele não se

distanciou da dimensão religiosa, buscando dentro da psicanálise outra teoria que o amparasse nesta dimensão.

Em seguida, Rafael fala mais sobre estas questões na prática docente:

Eu trabalho com alguma tranquilidade, mas eu prefiro sempre deixar em aberto a questão da... quando entram essas questões na sala de aula, por exemplo – religião e ciência – eu costumo falar, não responder na questão da religião em si, ou da religiosidade, eu prefiro falar em religiosidade dentro disso que eu conceituei que é religiosidade e não religião, é... eu procuro discutir a coisa em termos assim: O que é ciência e quais as limitações do método científico? Eu acho que isso permite que, na maioria das vezes... eu tenho sentido que isso satisfaz o aluno, na medida em que ele fala: “Bom, se eu for falar de ciência eu tenho que me ater a esses limites aqui”. Então, essa coisa da construção do paradigma, de quando você muda o paradigma em ciência, esse tipo de coisa, eu acho que esse tipo de discussão tem sido bastante favorável para colocar as coisas em termos assim... Olha, porque não dá para misturar, porque assim, é outro paradigma, né! Aqui você formula questões e em ciência você tem que formular as questões de uma determinada maneira em que ela possa ser respondida porque senão você não responde.

Nessas discussões com os alunos, deixa de lado as questões propriamente religiosas e se propõe a discutir métodos de estudo e seus objetos, dando aos alunos critérios para avaliar a questão. É uma tática interessante, que expõe os limites da ciência, sem fazer apologia do estudo da religiosidade, mas sem desconsiderá-la.

Aqui, ele está pensando e estabelecendo a relação entre ciência e religião, se há possibilidades ou não de diálogo, mais fáceis, no seu entender, na medida em que se fala em religiosidade, e mais difíceis se se entra no campo específico da religião, como demonstra na fala abaixo:

E a religião não é assim, então eu discuto essas coisas com o aluno, sem mexer na questão se vai... se o cientista pode ser ou

não religioso. Eu acho que pode, e eu acho que deve, o ter religiosidade, o ser religioso já acho que é outra coisa. Aí sim, cai na coisa do dogmatismo, qualquer que seja a religião. Embora, pode ser que eu também esteja sendo dogmático (risos).

Ele percebe que ainda há na comunidade científica uma visão dualista que pretende separar o cientista do religioso. Rafael procura mostrar, na entrevista, a sua posição e apresenta-se como conciliador, ou seja, mostra como o cientista pode ser religioso, desde que não tenha religião. Assim, ele mantém sua posição contra as religiões, que para ele são necessariamente fechadas e dogmáticas. Mas logo reconhece seu fechamento neste ponto e se pergunta se não é ele quem está sendo dogmático em resumir a religião dessa forma.

Em seguida, volta-se para a questão do professores:

Eu sinto na discussão com os colegas professores e psicólogos a questão, de fato ocorrem coisas que a gente não pode explicar, que a gente não tem instrumento para compreender, mas assim...eu nunca tive alguma coisa assim no sentido de não..., isso não precisa ser misturado, fica meio pendente, sem explicações. As explicações... nas poucas vezes que eu conversei com os colegas, as explicações que eu vejo é que são as explicações corriqueiras que normalmente as pessoas religiosas dão... A necessidade de ter a crença, alguma coisa, explicações que um leigo em psicologia também poderia dar.

Quanto à questão da religiosidade no grupo de professores, ele acredita que a posição destes quanto aos fenômenos inexplicáveis da existência humana não difere do leigo, de modo geral. Percebe uma lacuna, uma pendência, algo que fica no ar, sem resposta, sem aprofundamento.

Entendo que ele fala da dificuldade de se colocar frente ao mistério. Sua fala mostra que, entre os psicólogos, o paradigma reinante é o explicativo, em que tudo precisa ser explicado. Aquilo que não tem explicação racional é, então, desprezado. Segundo Massimi e Mahfoud (1999), esta postura precisa ser superada pela psicologia, que deve colocar-se diante do mistério para considerar a pessoa na sua totalidade, já que o homem nunca será plenamente compreendido.

Rafael segue falando sobre o meio acadêmico:

No curso de Psicologia eu acho que deveria ter uma disciplina introdutória para essas questões da religiosidade e da religião. Bom... A religião é pesquisada enquanto fenômeno na sociologia etc etc. e até enquanto fenômeno *psi*, mas eu acho que assim, a questão da religiosidade deveria ter uma pesquisa mais séria a respeito dessas coisas, eu estou levando sempre em consideração assim, que a gente só tem cinco sentidos, e o próprio desenvolvimento tecnológico já provou isso, que existe toda uma gama de fenômenos, inclusive a que você não tem acesso, pode ter acesso às vezes por aparelho tal, quando acontece em outra frequência inclusive, a própria luz, certas frequências de luz a gente não vê, não tem condição de... apesar de sofrer a influência disso.

Rafael reconhece a necessidade de haver, no curso, uma disciplina que permita a discussão destas questões que envolvem a dimensão religiosa do homem. Ele se refere brevemente a fenômenos inexplicáveis, misteriosos, que influenciam as pessoas mesmo que elas não percebam. Mais uma vez, Rafael não nomeia tais fenômenos, mas os considera bastante presentes e pontua a necessidade de serem pesquisados. No entanto, não vê este assunto aparecer na sua prática de orientador/supervisor:

Na supervisão, não tenho sentido que aparecem as questões de religiosidade. Às vezes eu percebo, mas não que os alunos explicitem isso no discurso deles.

Ele assinala sua necessidade de compreender a religiosidade e percebe a presença deste tema no curso de psicologia, mesmo que não seja explicitamente. Novamente, ele mostra a importância da relação entre ciência e religião:

Então assim, eu acho que essas coisas merecem uma pesquisa séria, talvez a pesquisa de uma metodologia que permita usar isso, explorar isso de uma forma um pouco mais científica... pesquisar, enquanto objeto de pesquisa, mas eu acho que essa pesquisa envolveria repensar o que é fazer ciência. Acho que o Heidegger falava assim: "A ciência ocidental só se permite aquilo que ela já sabe responder." Veja você: é circular. Na verdade, acho que a gente, sem perceber, está sempre transitando... mesmo quando a gente faz aquela pesquisa bem marcada, bem quantitativa – que eu detesto –, mas mesmo quando a gente faz esse tipo de pesquisa, a gente está transitando, a gente está contido em um arcabouço maior dessas coisas... e é isso que motiva a pesquisa, coisas que na verdade transcendem o entendimento o tempo todo.

Para ele, a pesquisa, mesmo na sua forma mais tradicional, é motivada por fenômenos que ultrapassam o entendimento humano, desafiando o pesquisador a compreendê-los. Ele gostaria que fossem mais frequentes pesquisas sérias em relação à religiosidade – e percebe que para isso a própria forma de fazer ciência precisa ser revista.

Ao refletir sobre a ciência e a dimensão religiosa do homem, Rafael fala sobre a pessoa do cientista: *"Eu acho que a inquietação do cientista, por exemplo, sempre tem algo de religiosidade apesar de, às vezes, algumas pessoas negarem isso"*.

Neste momento, Rafael relaciona a inquietação do cientista com a religiosidade tal como a definiu anteriormente: a tentativa de preencher algo, de dar significados, de criar. Alguns cientistas estabeleceram essa relação. Há uma citação famosa de Einstein que diz: “A ciência sem religião é aleijada, a religião, sem a ciência, é cega”. Mahfoud e Massimi (2007), ao estudar a vida do cientista Miguel Covian, mostram como um homem da ciência pode ter sua religião e viver ambas as esferas intensamente, de maneira integrada, produzindo conhecimento e inspirando seus alunos. Mostra como a inquietação realmente pode estar relacionada à religiosidade e como de fato move as descobertas científicas.

Em seguida, Rafael fala da necessidade de se discutir essas questões, mas sem se perder na discussão sobre as religiões:

[...] eu acho que essa discussão deve ser... pelo menos a influência da religião em si, deve ser minimizada, porque senão a gente vai cair nessas coisas tendenciosas de cada religião e, aí, a discussão é outra, senão daqui a pouco a gente vai falar de religião como [...] o Marx falava: “A religião é o ópio do povo, da humanidade”... Não é por aí que estou dizendo a coisa. Não é discutir a religião, mas esta abertura da natureza humana enquanto religiosidade, enquanto abertura para encontrar aquilo que é transcendente, isso tem de ser discutido, eu não tenho nenhuma proposta assim, de como vamos integrar isso, porque eu nem sei do que estou falando, mas sei que é algo que transcende, que está aí, que está presente em qualquer ser humano, [...] essa possibilidade de conviver com o caos interior que todo mundo tem na verdade, quanto de caos todo mundo tem dentro de si e que é uma coisa não nomeada, uma coisa que foge a todas as pretensões de dar significado e tal. Esse é um campo de abrangência muito grande, de possibilidade... do estudo e da pesquisa da religiosidade.

As reflexões dão oportunidade para que ele afirme a necessidade de um espaço para as discussões sobre a dimensão religiosa do homem, dentro do

mundo acadêmico do psicólogo – desde que a discussão não aborde a religião. Para ele, o que cabe ao psicólogo não é discutir a religião ou o fato religioso em si, mas a vivência religiosa do ser humano. Ele confessa que não sabe como fazer a integração entre este tema e a produção do conhecimento nas universidades, mas reforça sua necessidade. Admite que, talvez, nem saiba bem do que está falando – e, neste ponto, parece que tudo o que está sendo falado na entrevista é novo para ele e difícil de organizar e explicitar nesse momento.

Continua falando sobre a pesquisa:

Hoje, temos um buraco na questão da pesquisa em religiosidade, e tem que ser explorado, mesmo que a gente tenha que discutir assim, na supremacia do método científico, até que isso chegue em um nível de esgotamento – você ter que reconhecer que, não, então... realmente não responde a certas coisas.

Para ele, é preciso procurar novas maneiras de se fazer psicologia e pesquisa psicológica para a inclusão do tema.

[...] precisa mudar e isso envolve uma mudança na ciência, no que é fazer ciência, no modo de fazer ciência, eu acho que esse tema tem que ser aprofundado em termos de debate, tem que ser trazido para o âmbito da universidade, e não estou falando exatamente das práticas, – mas é claro que as práticas acabariam vindo e é através das práticas que as coisas acontecem – mas não com ênfase na religião – conotando a religião como eu falei – mas tratando a religiosidade.

Pelo olhar de Rafael, o exame mais detalhado da religiosidade do ser humano, em geral, não é feito pelos psicólogos. Em parte, isso se deve ao método e às noções de ciência predominantes em psicologia, já discutidas ao

longo desta entrevista e de todo este trabalho. Felizmente, existem diversas abordagens em psicologia, sendo possível fazer pesquisas com rigor mesmo sem aderir ao paradigma cientificista tradicional. A Psicanálise e a Fenomenologia são exemplos de propostas cujo método de pesquisa permite abarcar os fenômenos religiosos (AMATUZZI, 1999; MASSIMI e MAHFOUD, 1997).

Assim, com estas afirmações sobre psicologia, religiosidade e ciência, Rafael encerra sua entrevista. Em seus relatos, ele deixa implícita a sua dificuldade em ultrapassar os limites tradicionais da Psicologia para incluir métodos de compreensão da experiência humana, principalmente no que diz respeito à sede que o ser humano tem de transcendência, desde que isso não se revista de uma roupagem religiosa, no sentido das religiões.

Em sua incursão pelo tema, Rafael começou a pensar nos conceitos, justificou de uma maneira psicológica estes conceitos e está se apoiando na sua história pessoal. Ele faz um movimento de reflexão, inicialmente mais teórico, depois uma reflexão mais sobre o conceito do homem e como isso faz sentido na sua história pessoal. Caminha então para discussões no âmbito da ciência e de sua prática. Tudo isso, na tentativa de dialogar com sua prática docente.

Capítulo IV – Ana

Ana é psicóloga e professora universitária. Trabalha com grupos de supervisão e tem, aproximadamente, 48 anos. Ela não tem uma religião declarada – diz que é uma pessoa neutra que gosta do tema em questão. Ela opta por começar a entrevista dizendo como entende a religião e a religiosidade, relacionando-as a seguir com sua prática profissional.

Eu vou falar primeiro como é que eu entendo essa questão de religião e religiosidade, na minha atuação profissional. Eu entendo que a religiosidade é um fenômeno da humanidade, que se expressa de diferentes formas em diferentes culturas. Então, o que eu percebo, é que para algumas pessoas, o tempo todo de vida, e para outras pessoas num determinado momento de vida – o que eu identifico mais como sendo maturidade e velhice – eu acho que passa a ter um significado importante você pensar em algo além daquilo que você... percebe, aquilo com que você convive concretamente. [...] Para onde a gente vai? Qual o sentido da vida? Eu acho que isso é uma questão significativa [...] E, na verdade, se conectar ao humano de uma maneira geral, não se perceber como um indivíduo isolado, mas como fazendo parte de uma... da humanidade.

Ana começa seu relato relacionando a religiosidade às perguntas que o ser humano tem sobre o sentido último da vida e sua integração no todo, no mundo no qual está inserido. Refere um movimento que parte de dentro de si e vai em direção ao infinito, ao desconhecido, junto com outro que é comunitário – o ser no mundo, conectado com os demais. Em seguida, complementa tais questões, começando a associá-las com a prática.

Como psicóloga, na atuação, eu acho que assim você acaba tendo que respeitar essa necessidade de expressar, essa... essa necessidade de contato, de compreensão do ser humano nesse contexto mais amplo. [...] Então, como psicoterapeuta, quando isso aparece nas sessões de terapia, para mim é simplesmente o quê? Alguma coisa que está expressando, uma necessidade daquela pessoa se compreender, alguma coisa que vai dar sentido à vida dela, que de alguma maneira expressa crenças que ela têm, valores, expectativas que ela tem, e que às vezes me parece muito relacionada à proximidade do fim. Na infância, não percebo tanto isso, na juventude é eventual, agora na maturidade, eu sinto que faz parte do processo de autoconhecimento, você se questionar a respeito disso, né! E começa assim, acho, a cultivar mais em si essa busca, um certo desligamento das coisas concretas, uma valorização assim das questões mais universais, então eu acho que deve ser tratado...

Ana considera as questões religiosas como parte da vida, principalmente na fase adulta e na velhice. Como se relacionam ao crescimento pessoal, acredita que deve respeitá-las e acolhê-las, enquanto psicóloga. Ela diz que vê essas questões *simplesmente* como uma necessidade de dar sentido à vida, expressar crenças, valores, desejos. Segundo Safra (2004), ao se questionar sobre o sentido da sua existência, a pessoa formula sobre si mesma uma ontologia e uma teologia pessoais: “apresentam-se um passado com sua questão originária e um futuro como pressentimento de si (p.84)”. Para ele, estes questionamentos que tangem a dimensão espiritual devem ser acolhidos e aprofundados pelo psicólogo, pois trazem informações importantes sobre a pessoa, contribuindo para seu autoconhecimento e crescimento.

Ana considera religião e religiosidade como separadas e distintas.

Agora, isso para mim não se confunde com religião, né?! Porque para mim religião está mais associada a uma institucionalização dessa necessidade humana, então aí, são as instituições religiosas, com seus rituais, que às vezes, me parecem impeditivos, que buscam um controle excessivo sobre

a vida das pessoas e, às vezes, acabam funcionando, eu acho, como impedimentos para a felicidade, é assim que eu entendo.

Ao definir o que entende por religião, Ana assinala aspectos negativos, em clara oposição à religiosidade. Para ela, a religião pode afastar a pessoa da sua felicidade, controlando-a. Dessa forma, ela lida de maneira diferente com uma e outra, no seu exercício profissional.

Então, religião, eu devo ser sincera, assim... é um tipo de assunto que quando é abordado ele me incomoda mais, não a religiosidade, mas a religião, quando ela vem daquela forma estereotipada, quando ela vem no sentido assim de tentar doutrinar todo mundo a fazer parte, a compactuar, compartilhar os mesmos... as mesmas ideias, os mesmos valores, que é alguma coisa que é assim, a gente identifica em algumas religiões, né! Não são todas, mas algumas me parecem que cumprem essa função. Então [...], isso torna o trabalho da gente mais difícil, sim.

Ana admite ficar incomodada quando o assunto se refere às religiões e vê um fechamento maior em algumas, dizendo que isso deixa seu trabalho mais difícil. Essa dificuldade parece estar associada às características atribuídas por ela às religiões. Para ela, elas buscam o controle e o pensamento padronizado e estereotipado, provocando um fechamento na pessoa, o contrário do que é buscado pela psicologia. Ela opõe estas características a outras que se aproximam mais da sua noção de religiosidade:

Diferente de você ter uma pessoa, por exemplo: que é espiritualista, ou que é budista, porque [...] eu sinto que está em maior consonância com essa questão da religiosidade. Então o desapego, o amor, um amor pelo ser humano, um amor pela manifestação da vida, em qualquer forma que ela possa se manifestar, então nesse sentido, eu acho, eu sinto um movimento mais maduro, em algumas instituições religiosas. Em outras há uma coisa mais primitiva de limitar, de impedir, de controlar, de impedir a subjetividade, você não pode ser um

sujeito, você vai ser o quê? Você vai ser parte de um... de uma... como é que eles chamam... de um exército, tem alguns que usam até esse termo, um exército que vai divulgar a palavra de Deus, né! Então são coisas diferentes.

Este incômodo diante de certas religiões também está relacionado à sua concepção de homem, enquanto psicóloga. Ela teme que determinadas religiões limitem a pessoa e que esta deixe de se posicionar ativamente na sua vida. Para ela, algumas religiões impedem a pessoa de gerir a própria vida, massificando-a. Para Ana, outras religiões não têm este efeito, como o budismo, citado por ela, que é visto como permitindo uma maior aproximação dos posicionamentos da psicologia. Assim, na concepção de Ana, religiões mais espiritualistas como o budismo se aproximam de valores como o amor ao próximo e a consciência da interrelação entre as pessoas e o mundo.

Ana continua, falando da sua atuação a partir de tais distinções:

Eu imagino e trato esses assuntos quando eles chegam, até uma sessão de terapia dessa maneira, né! E trato... eles são conversados, não é uma coisa que a gente vai impedir de comentar: – “Olha, isso não é um assunto que a gente pode abordar”. Não é isso, não entendo dessa maneira, a gente pode abordar esse assunto e esse assunto para mim tem essa característica, da pessoa estar querendo se conhecer, conhecer o sentido da vida dela, se preparar, né! Então a gente trata de maneira respeitosa, quando aparece espontaneamente, eu até costumo dizer o que eu acho, mas eu sempre trabalho de uma forma mais ampla, não fico entrando em detalhes. Não aprofundo o assunto.

Ana acolhe o tema quando ele aparece, mas opta por não aprofundar o assunto. Esta postura, abordada em outros momentos deste trabalho, é frequente no seu comportamento. A seguir ela justifica esta atitude:

A preocupação da gente, eu acho que nesse momento que está vivendo a psicologia, é da gente não confundir papéis, e eu, assim, eu não sinto – aí pode ser uma dificuldade minha – eu não sinto nos alunos, às vezes, maturidade para compreender a questão da religiosidade de uma maneira mais ampla, eles acabam ficando naquela coisa mais plana, mais concreta, então quando você... se você, por exemplo, o meu temor é o seguinte, se você de repente fala da religiosidade e eles confundirem, que eles vão ter que então perguntar qual a religião da pessoa, dar palpite sobre isso, porque às vezes eles entendem as coisas que a gente diz de uma maneira bastante concreta, e como a gente tem uma preocupação muito grande em não misturar o que é o papel do psicólogo e o que é o papel de um orientador religioso, da sua fé, das suas questões que digam respeito à fé, então eu prefiro tratar dessas questões de maneira mais reservada, sempre de maneira assim respeitosa, eu procuro sempre assim, toda a pessoa tem a sua crença e ela deve ser respeitada.

Neste momento da entrevista, Ana manifesta sua preocupação enquanto docente. Apesar de considerar a dimensão religiosa parte da vida humana e de lidar com o tema enquanto psicóloga, teme os efeitos de uma discussão em sala de aula. Ela relata temer que a aproximação do tema possa gerar mal-entendidos. De fato, observa-se que este assunto, muitas vezes, desperta medo nas pessoas. No entanto, a literatura demonstra que o fato de não se falar sobre estes assuntos é o que favorece os mal-entendidos e a confusão de papéis posteriormente na prática clínica (ANCONA-LOPEZ, 1997 e 2007). Na verdade, essa postura que ela julga um cuidado acaba contribuindo para que este tema continue ausente durante a formação do psicólogo. Ao mesmo tempo, ela opta por não aprofundar o assunto e se queixa de que a concepção dos alunos neste campo é muito superficial.

Outra preocupação demonstrada neste trecho é a da confusão de papéis por parte do estudante de psicologia com o do orientador espiritual. O não aprofundamento do assunto em sala também está relacionado ao medo de

os alunos misturarem estes papéis. Alguns autores abordaram este tema e suas diferenciações, aprofundando as especificidades de cada campo para delimitá-los (LARRABURE, 2003; DANON, 2003). Estes trabalhos incentivam esta discussão justamente para clarear os papéis na prática, ampliando a compreensão dos papéis de orientadores e psicólogos.

A seguir, Ana continua falando sobre como lida com os alunos e como acha que eles lidariam com o tema caso fosse mais discutido:

Porque, às vezes, eles fazem comentários preconceituosos, então aí você fica numa situação delicada porque se você diz que aquilo é preconceito, você às vezes pode ofender algumas pessoas que tenham aquela religião, que pratiquem aquela religião, se você faz um comentário às vezes que é um comentário pessoal, eu, porque aí eu falo de mim, como eu disse aqui no começo, algumas instituições religiosas parecem que têm um movimento que eu identifico como mais maduro e outras realmente eu acho que têm um movimento mais restritivo e aí o que acontece? Se eu manifesto essa minha compreensão, eu posso estar ofendendo alguém, eu posso estar gerando uma polêmica e essa polêmica, às vezes, eu acho que pode ser mal-entendida.

O que é possível afirmar sobre religião diante dos alunos? O papel do professor é expressar opiniões ou há construções teóricas concretas sobre o assunto? A literatura em Psicologia e Religião mostra caminhos para trabalhar estas questões, mas estes ainda não são acessados pela maioria dos professores. Ana confunde abordar o tema em sala de aula com a emissão de juízos de valor sobre determinadas religiões. Isso certamente a coloca em uma posição difícil diante dos alunos, mas existem outras maneiras de se abordar o tema em sala de aula, como levantar discussões, definir conceitos, ajudar a explicitar crenças pessoais, entre outras coisas (ANCONA-LOPEZ, 2007). A

falta de informação e de contato com o tema do ponto de vista acadêmico pode, na verdade, contribuir para a manutenção de preconceitos.

Na sequência, Ana fala de dois alunos que se interessaram pelo tema da religiosidade em interação com a clínica em seus trabalhos de conclusão de curso.

[...] você percebe que mesmo um aluno de quinto ano faz uma confusão, porque eles acreditam que psicanálise e religião podem de alguma maneira estabelecer algum vínculo, o que eu particularmente acredito que não é possível, porque partem de valores completamente distintos, então eles não conseguem, assim: A psicanálise pode, um psicanalista pode trabalhar, fazer análise com uma pessoa que é religiosa? Pode, não existem impedimentos. Agora você pode misturar psicanálise e religião? Não pode, porque são coisas distintas, e às vezes fica difícil.

Aqui, ela traz uma questão teórica, julgando incompatíveis a psicanálise e a religião. Segundo Massimi e Mahfoud (1997), as escolas psicanalíticas, em geral, fazem uma redução profunda do tema, reduzindo as experiências religiosas a ilusões do inconsciente. Porém, podemos encontrar dentro da própria psicanálise freudiana momentos em que se admite a limitação dessa explicação reducionista, apontando para a complexidade do fenômeno religioso. Ao mesmo tempo, existem muitos estudiosos do campo da Psicologia da Religião que adotam a psicanálise como referencial e empreendem um diálogo amplo e rigoroso entre estas esferas (GONTIJO, 1999; ALETTI, 2007).

Ana continua seu relato, dizendo que estes alunos eram sérios e competentes, sendo uma aluna religiosa e que parecia empreender uma busca pessoal para articular os dois campos.

Como ela concilia os conhecimentos que ela adquiriu sobre a psicanálise, a compreensão do homem que a psicanálise

apresenta com o fato de ela fazer parte de um grupo de uma ordem religiosa? Então, a questão do pecado, a questão principalmente da sexualidade, deu uma discussão muito interessante, mas em alguns pontos do trabalho você vê que aparecem expressões como: “é possível”... “é possível você fazer as duas coisas juntas”, e fica difícil você dizer que não, que você pode, como psicólogo, ter a sua, viver a sua religiosidade da maneira que te satisfaz, que te traga elevação espiritual, vamos dizer assim, né! (risadas).

Ana não considera possível o diálogo teórico da psicanálise com a religião, mas diante do trabalho da sua aluna, acha difícil negar a possibilidade dessa união e de que o profissional possa ter sua vivência religiosa sem perder sua identidade profissional. Suas risadas após esta declaração me pareceram exprimir um preconceito, como se no fundo não acreditasse nas concepções do trabalho, avaliado por ela como interessante.

Após expressar estas opiniões, Ana retoma como se dá o trabalho do psicólogo:

[...] mas quando você está exercendo o seu papel de psicólogo, você não vai abordar essas questões, você trazendo esse conteúdo, acho que você pode abordar se a pessoa traz e tentar entender dentro da tua perspectiva. Qual é aquele conteúdo? Qual o significado daquilo naquele contexto? Por que aquele ritual?

No trecho acima, Ana fala que o profissional tentará entender o que é falado sobre a religião na sua própria perspectiva. Isto chama a minha atenção, já que não coincide com o olhar da fenomenologia, teoria que norteia este trabalho e que tem uma proposta diferente. O método fenomenológico é usado nos atendimentos por algumas abordagens em psicologia e propõe aproximar-se do fenômeno vivido para tentar compreender seus aspectos sempre na

perspectiva de quem o vive. Assim, através da descrição e aprofundamento do tema, é explorado o significado das vivências para a pessoa, sem induzir, julgar ou interpretar o que está sendo vivido (FORGHIERI, 1984). Os fenômenos serão tratados quando aparecem, como colocado por Ana, e serão levantadas diversas perguntas como as que ela apresentou. Porém, a tentativa é compreendê-los na sua particularidade para quem os vive. O objetivo é justamente tentar evitar pré-julgamentos e pré-conceitos por parte do psicólogo.

A seguir, Ana exemplifica como compreende o casamento e um dos possíveis significados para o casamento religioso:

Sei lá eu... o casamento, por exemplo, que é uma coisa que acontece muito, a pessoa nunca frequentou religião, mas na hora de se casar ela quer ser abençoada, aquilo faz um sentido, então você pode compreender aquilo, quer dizer, você está se casando, você quer que tudo dê certo, então você vai contar com todo o arsenal que você puder (risadas) para você garantir que aquilo que você está sentindo naquela hora, que aquilo permaneça, então... fazer um voto... parece importante e que esse voto seja assim (mais risadas) seja feito na presença de alguém, de um ser que você imagina que tem um poder além daquele que você tem (falou isso dando muita risada), mas é difícil [...].

Neste momento da entrevista, alguns termos chamam minha atenção na sua fala: *“arsenal”*, *“um ser que você imagina que tem um poder”*, *“mas é difícil”*. Eles me parecem obstáculos a uma tentativa de compreender o casamento religioso enquanto tal. As risadas que aparecem e vão aumentando ao longo desta fala têm o mesmo papel. Isso fica mais claro juntando as palavras ao tom de voz e ao riso quando se escuta a gravação, sendo difícil transmitir aqui. Para mim, revelam um preconceito quanto a este fenômeno, pois Ana pareceu desconsiderar

que muitas pessoas se casam na Igreja por outros motivos, mesmo que o posicionamento mostrado por ela aconteça com frequência. Este trecho ilustra o perigo de se analisar um fenômeno religioso com base na própria visão, generalizando-o.

Ela continua seu relato, passando à situação de supervisão:

[...] eu acho que nas supervisões é difícil, às vezes a gente, eu já passei por situações em supervisão, no quinto ano, de ter alguns alunos ridicularizando o conteúdo de sessão de pessoas que estão sendo atendidas e que são religiosas... Então, aí, você tem que tratar essa questão no grupo. Por que aquela reação? Ah, porque isso é ridículo ou porque esse pessoal é ridículo! E a gente volta para uma questão assim, que julgamento é esse, e é nosso papel julgar as escolhas que uma pessoa faz? Escolhas em relação a quê... a preferência sexual? Porque isso também tem. A religião, a maneira de conduzir a sua vida? Não é nosso papel.

Neste momento da entrevista, Ana aborda a dificuldade que os alunos normalmente têm diante da diferença, não só no âmbito religioso, mas também sexual. Esta é uma questão cultural muito forte, que se reflete na psicologia. Mais uma vez, aparece aqui a questão do julgamento de valor e do preconceito em relação às religiões. Ana é contra este tipo de posicionamento, afirmando que este não é o papel do psicólogo. Ela aprofunda este tema em seguida:

[...] como psicóloga, o compromisso que eu acho que a gente tem que ter é um compromisso de oferecer para uma pessoa uma possibilidade dela poder crescer, dela sentir que está crescendo, que está se expandindo, que ela está se apropriando mais das suas possibilidades e agora para onde isso vai caminhar? É para onde a pessoa desejar, e aí você tem que fazer esse papel, se de repente ela quer seguir uma carreira que tem alguém que não está valorizando. É aquilo que ela quer, é aquilo que deseja, é aquilo que vai fazer feliz? Então, você vai possibilitar o quê? Que ela faça esse percurso... se é uma questão religiosa, se é uma questão de outra ordem, o papel da gente é o mesmo.

No trecho acima, Ana discorre sobre o papel do psicólogo, resumindo a tarefa deste junto ao seu cliente. Na forma como foi relatado, observo uma semelhança com a postura de muitos autores da fenomenologia citados ao longo deste trabalho, e também com a concepção rogeriana de psicologia (ROGERS, 1983): o profissional não sabe o resultado da sua atuação, pois é o cliente que dirá para onde o trabalho o levará. É a perspectiva dele que deve ser priorizada, qualquer que seja o assunto tratado. Ela continua, entrando, a seguir, especificamente no tema religioso:

Não ficar convencendo uma pessoa que ela tem que sair daquela religião, né! Até porque eu acho que nem precisa, eu acho que quando você possibilita um espaço que a pessoa possa se sentir mais real, que ela possa se apropriar mais dos seus desejos, naturalmente, ela vai fazer as escolhas dela, então, às vezes, naturalmente ela pode ou escolher vivenciar a sua espiritualidade, ou abrir mão de participar de um grupo que de alguma maneira não está atendendo a essa busca que ela tem, que não tem a ver com essa, com esse grupo, com essa instituição religiosa. Mas agora para os alunos é uma questão delicada, que não é fácil de tratar.

Ana tem clareza quanto ao papel do psicólogo e mais uma vez apresenta segurança quanto a este, mesmo diante do tema da religião. Pelo que percebo na fala dela, parece mais fácil trabalhar as questões religiosas enquanto psicóloga do que como professora. Ela discorre de maneira tranquila ao falar do tema no aspecto geral e na condução clínica, mas imediatamente assinala a dificuldade em lidar com o assunto em sala de aula. Isso me remete à questão: Qual deve ser o papel do professor diante deste tema?

Rogers (1983) discorre sobre o papel do professor de maneira geral, dizendo que este deve ser um facilitador do processo de conhecimento do

aluno, abrindo mão do poder e do controle, permitindo que suas demandas apareçam e sejam acompanhadas. Deve haver uma responsabilidade compartilhada diante dos temas tratados para se construir algo novo a partir das trocas de perspectivas. Porém, Rogers assinala algumas dificuldades: é preciso um intenso trabalho para avaliar a consonância desta proposta às crenças pessoais e teóricas do profissional; haverá maior envolvimento e exposição pessoal, o que geralmente é sentido como uma ameaça pelo professor, que pode se fechar de maneira reativa.

Observo na prática que o docente sempre se expõe ao tratar de temas psicológicos, pois revela suas crenças básicas. Na verdade, isso pode acontecer ao lecionar sobre qualquer assunto, já que sua fala sempre revelará posicionamentos pessoais. Isso se dá em relação ao tema religioso, cuja abordagem pode expor preconceitos, dificuldades, crenças e limitações, talvez ainda inconscientes no momento em que são desencadeados pela situação em sala de aula. Assim, podem ser uma ameaça, entre outras apontadas por Rogers (1983), na prática educacional.

Na sequência, Ana retoma sua atuação com os alunos, falando do tema na supervisão, onde considera ser mais fácil lidar com o assunto do que em sala.

Agora, na supervisão, eu acho assim, eu tenho conseguido lidar melhor com isso, mas em grupos pequenos. Em grupos de supervisão, que às vezes você tem dez, doze pessoas, tratar esse tipo de questão é mais fácil; agora em classe, em grande classe, de assim oitenta alunos, eu ainda não me sinto muito à vontade, assim, eu falo, mas a impressão que eu tenho, agora até falando com você... é que o quanto antes isso terminar melhor, porque isso vai chacoalhar menos, isso vai render... isso vai render... porque o pessoal se inflama, eu já vi isso

acontecer, o pessoal se inflama, e o pessoal começa a ficar muito alterado, e é... principalmente... as pessoas se sentem muito magoadas, eu acho que algumas pessoas que praticam algumas religiões elas se sentem discriminadas, que elas são hostilizadas, então elas... algumas, já sentiram e acho que isso gerou um certo temor, que eu possa estar menosprezando a crença deles, que eu possa estar agredindo, que eu possa estar diminuindo, então, eu tenho essa preocupação.

Ana parece ter vivenciado situações difíceis em sala de aula, na qual seus alunos se sentiram magoados e desqualificados nas suas vivências religiosas. Por isso, não se sente bem ao lidar com o tema neste contexto e, quando ele aparece, deseja que termine logo.

Na prática de supervisão, sua sensação é um pouco diferente, talvez por lidar com um campo intermediário entre o exercício clínico e a docência. A postura de Ana também parece estar entre estes campos, pois ela lida melhor com o tema neste contexto do que nas aulas, mesmo assim ele gera desconforto, mais do que nos atendimentos. Tanto que tem essa sensação no momento da entrevista, com a necessidade de encerrar logo o assunto. Para ela, lidar com esta dimensão envolve o risco de provocar uma alteração nas pessoas envolvidas.

A situação de supervisão acaba exigindo certa habilidade clínica do psicólogo, pois a dimensão pessoal dos alunos fica mais exposta. Por outro lado, trata-se de outro tipo de relação, que não pretende ser terapêutica. Ancona-Lopez (2007) discorre sobre seu papel de orientadora em cursos de pós-graduação em psicologia clínica, abordando este trabalho que é clínico-educacional. Apesar de orientar trabalhos científicos, observa neste âmbito o aparecimento de questões pessoais e a explicitação das crenças dos alunos,

principalmente as existenciais e teológicas, já que orienta trabalhos de psicologia e religião. Assinala os limites da relação professor-aluno neste caso, pois alguns temas podem mobilizar as pessoas, levando-as a outros âmbitos, como psicoterapia ou orientação espiritual.

Em seguida, Ana diz que dará um exemplo para que eu possa compreender melhor como ela enxerga a questão religiosa e como comenta sobre isso nas suas aulas:

Quando eu trabalhei em posto de saúde eu vi, eu convivi com muitos quadros bem graves de distúrbios mentais, muito graves, muito bem contidos dentro de instituições religiosas do tipo Assembleia de Deus... Sabe quando a pessoa, assim, ela é aceita, ela tem um papel, ela é valorizada e ela fica... sabe quando o quadro estabiliza. Por quê? Porque o controle que você não pode ter internamente ele está manifestado ali, você está seguro, você está sendo observado, você está sendo acompanhado, e não é por qualquer um, Deus está olhando por você! Deus está... (risadas). Então, aquilo de alguma maneira estabiliza e às vezes a pessoa tem uma vida familiar melhor, ela tem uma vida social melhor, então, não vou negar que isso é um benefício para a pessoa, eu acho. Então, quando eu vou fazer algum comentário desse tipo, né! Eu já digo: Olha gente, isso é para algumas pessoas, mas existe isso, é uma coisa que a gente... não estou falando de maneira... às vezes, o meu discurso acaba acentuando um preconceito que eu tenho, então sempre... porque você previne... Olha, toma cuidado, não estou querendo, não estou falando, olha só a besteira (risadas) ser tal coisa, mas... aí eu falo... mas isso assim, de alguma maneira aplaca um pouco, não é?!

Ela admite seu preconceito e teme que seu discurso o acentue. Mesmo durante a entrevista, ela teve dificuldade em escolher as palavras neste momento, tentando ver o lado positivo do exemplo citado, mas manifestando sua crítica. As risadas que aparecem neste momento parecem tentar minimizar este efeito, mas podem também refletir sua descrença ou certo sarcasmo.

Ela retoma sua experiência com os alunos:

Eu já tive várias alunas que são religiosas católicas [...] então, tem algumas coisas que você tem que tomar cuidado porque a pessoa fica inquieta, a pessoa se sente mesmo agredida, ela fica inflamada, porque ela não concorda e quando não concorda, eu poderia estar discutindo: Olha, o fato de não concordar, pensa bem nessa tua atitude, porque se a gente não concorda e fecha a posição, como é que a gente vai fazer se a gente tiver que lidar com questões diferentes da gente, a gente não vai ouvir porque isso não é certo [...] Mas eu não evoluo nisso não, eu não evoluo, eu não me aventuro ainda, não me sinto segura, não me sinto segura para estar fazendo... para mim, agora parece meio ousado ficar levantando essas questões... em grupos pequenos como na supervisão eu resolvo melhor e, assim, eu acho que eles estão em outro momento.

Na fala acima, Ana dá um exemplo de situação difícil em sala de aula, na qual sua aluna se sentiu ferida nas questões religiosas. Ela fala de como poderia ter reagido, mas não evoluiu na situação, pois considera ousadia aprofundar estas questões. Pela fala de Ana, cheia de reticências, e pelo seu tom de voz, sinto que ela também se sente incomodada e tensa quando uma situação assim acontece.

No seu exemplo sobre a aluna católica, vemos como o curso de psicologia mobiliza aspectos pessoais dos alunos, cujo desdobramento ultrapassa as possibilidades da sala de aula. O papel do professor, nesse caso, tem um limite, pois trata-se de um processo pessoal. No entanto, isso não impede a discussão do tema no campo teórico, ampliando para a questão dos preconceitos e valores.

Ela acha que lida melhor com grupos pequenos, na supervisão, ou quando está há muito tempo com os mesmos alunos, como no caso abaixo:

O que acontece comigo, eu tenho uma vivência maior com eles, como eu dou aula do segundo até o quinto ano, então, eles têm contato comigo no segundo, no terceiro, no quarto e no quinto... em momentos diferentes; [...] então, sabe quando é assim, fica mais fácil aceitar um comentário mais polêmico de uma pessoa com quem você já tem uma certa vivência, do que de uma pessoa que você acabou de conhecer [...] eles já sabem de mais opiniões minhas, já sabem como eu sou pessoalmente, então, acho que isso facilita se qualquer coisa ficar mais inflamada, e assim, quando você chega e você comenta: Olha, isso é preconceito, por que você está rindo? [...] Eu tenho mais contato com eles, eu tenho um grupo menor, eles estão em um outro momento, até de amadurecimento deles pessoal, no último ano eles mudam bastante, então, eu fico mais tranquila.

Ana, nesse momento, cita o papel da convivência com os alunos e de como isso a deixa mais tranquila para se expressar sobre temas mais polêmicos. Ela também considera que eles estão mais maduros no final da graduação, deixando-a mais calma. Parece que este tema é um ponto de tensão no seu trabalho, pois ela resume seu posicionamento diante do tema da seguinte forma:

Olha, eu sou formada desde 1983, leciono aqui desde 1996, sou professora, atendo na supervisão e também tenho consultório. Tentando fechar um pouco a questão... eu não trato desses assuntos com tranquilidade, eu não trato desses assuntos de maneira tão espontânea como eu trato de outros.

Aqui, pergunto como ela vê esta questão dentro do grupo de professores. Então, Ana continua o relato, abordando o outro lado da questão: a necessidade de professores que trabalhem esta questão no curso de psicologia.

Agora eu acho que, assim, eu identifico essa questão que você colocou, de que na formação, a gente como formador de psicólogos, esse tipo de questão tem sido abordado muito pouco, de maneira muito sutil, eu sinto às vezes um certo

constrangimento da parte dos professores, de ficar assim... de não ter muita disponibilidade para estender qualquer comentário que um aluno faça que tenha essa característica.

Em seguida, ao falar dos professores, Ana fala também de si, pois esta é sua postura, como ilustrado anteriormente em diferentes partes da entrevista.

Depois, diz o seguinte:

A maioria dos professores, pelo menos de contato mais próximo, lidam... assim, não seriam todos... Eu convivo com professores que são mais espiritualizados, que já desenvolveram mais essas questões pessoalmente, então, acho que para eles até pode ser mais tranquilo, aqueles com quem eu tenho mais contato, os outros eu nunca cheguei a tratar desses assuntos, não é um assunto que aparece. O que é comum é: "Meu Deus! Olha, esse ano tem uma freira na turma". Aí, na hora que você vai falar certas coisas, a gente sempre fica meio... meio receoso, não tem jeito, o pessoal sempre comenta, na hora, não que você não fale, você fala, mas você roda um pouco mais, pensa um pouco mais. Já tive um aluno pastor. Já tive um aluno padre... e só foi mais fácil para mim, porque eu só descobri que ele era padre quando ele não era mais meu aluno. Nunca, jamais relacionei as duas coisas e aí, assim, quando eu fiquei sabendo me deu uma coisa, eu fiquei pensando: Meu Deus, será que eu falei alguma coisa... em algum momento?... Imagina... você voltar a limpo dois anos de contato... porque eu fiquei sabendo... aí eu falei, bom agora já foi, né!

Ana não trata de assuntos relacionados à espiritualidade com os professores à sua volta e não vê este tema aparecendo nas conversas. No entanto, percebe uma atitude diferente em todos quando há algum religioso entre os alunos. Neste momento, surgem comentários diversos. Ela traz o exemplo de quando teve um aluno que era padre, mas ela não sabia, e de como isso a deixou preocupada com o que poderia ter dito em sala e já não se lembrava. Então, ela exprime novamente o receio de dizer coisas que discriminem ou agridam de alguma forma a fé da pessoa.

Diante da intervenção para comentar um pouco do significado para ela, Ana traz sua história pessoal.

Agora, pessoalmente, eu até tenho, eu sempre fui uma pessoa assim, que não valorizava, não dava nenhum valor a esse aspecto, não conseguia assim, eu não conseguia... Eu tinha uma crítica muito acentuada, a toda essa questão da religiosidade. Você acreditar em alguma coisa que não fosse alguma coisa que você pudesse compreender. Agora, eu sinto que isso está mudando para mim, e mudando nesse sentido que acho que foi o que eu acabei colocando indiretamente... Às coisas não se dissociam, o que eu entendo agora é, eu continuo avessa a qualquer instituição religiosa, quer dizer, eu não aceito o fato de que algumas pessoas, como nós, pessoas comuns, se arvorem no direito de assim: "Olha, eu serei o seu orientador, eu vou ser um pastor". Eu sinto aí, assim, uma certa hierarquia que não cabe, então, assim, não aceito, e isso nas instituições religiosas de uma maneira geral, eu sinto que as pessoas se colocam, assim, como se você fosse uma ovelhinha desgarrada, um cordeirinho que precisa ser cativado e voltar ao rebanho, então, esse discurso para mim é completamente aversivo, então eu não consigo, já tentei algumas vezes, porque achei que poderia ser uma coisa interessante. Eu não consigo me vincular a instituições religiosas.

Ela descreve claramente seu incômodo com as religiões. A mesma postura que tem na vida pessoal é a que apareceu, antes, em sala de aula ou com os clientes: abertura para a religiosidade e maior dificuldade com aqueles que aderem a uma religião. Pessoalmente, não consegue aderir.

Eu não tenho religião, fui criada dentro dos princípios... fui batizada... todo o ritual... mas não vou dizer para você que sou praticante, acho que você só pode dizer que é católica quando você pratica os rituais da religião e eu não pratico os rituais. Os meus filhos não são batizados, o único que eu batizei foi por pressão [...] se Deus existe da maneira como eu imagino, Ele não vai se incomodar com essas coisas, isso é muito pequeno para Ele.

Este é o primeiro momento em que percebo a alusão à existência de Deus na fala de Ana. Neste momento, ela se posiciona em relação aos rituais

religiosos e os considera menos importantes do que a fé e o cultivo desta dimensão para a qual ela declara estar começando a se abrir. Mas, quando fala nisso, logo critica as religiões instituídas e se nega a aderir, voltando-se para a religiosidade. Ela a coloca da seguinte maneira na sua vida:

Agora, quando eu penso em religiosidade, isso tem me mobilizado bastante, eu tenho pensado muito nisso, assim, de que na medida em que você amadurece você acaba, parece que é uma coisa espontânea, que você começa a se ocupar do humano, para mim é assim que aparece: “Olha, eu sou um ser humano, eu faço parte de um todo. O que nos liga, o que a gente pode fazer por esse todo?” E aí, me vem umas coisas que eu identifico no discurso de algumas... sei lá eu... não seriam religiões, mas assim alguns textos que falam da religiosidade, a coisa assim de você ter um amor pelo que é vivo, pelo que é vivente, pela vida, um amor pela vida, o respeito pela vida em toda a sua manifestação, uma certa assim... eu acho, que cultivar a generosidade, que me parece que é uma coisa assim cristã, digamos assim, né! [...] eu acho que a gente devia ter sempre em mente que a gente não deve fazer para o outro aquilo que a gente não quer que façam com a gente, não é?!

Quando fala de religiosidade, Ana a relaciona com sentimentos e valores que tem passado a perceber e cultivar na sua vida. Fala de uma ética cristã, mas ressalta que não identifica isso com uma religião e sim com textos sobre a religiosidade, demarcando bem os dois campos. Essa posição pode estar relacionada à cultura relativista em que vivemos, na qual uma adesão a determinada crença ainda é vista como fechamento. Giovanetti (1999) assinala o paradoxo observado na sociedade atual, na qual há uma negação de Deus e das religiões formais, ao lado do ressurgimento da dimensão religiosa, buscada de diversas formas em muitos movimentos que surgem em todo o mundo.

Ana tem caminhado no sentido de cultivar sua espiritualidade e reflete sobre as pessoas que estão vivenciando este processo, que ela parece desejar também para si:

Eu identifico em algumas pessoas, que esses princípios estão incorporados nas pessoas, e nessas pessoas, eu sinto alguma coisa muito positiva, muito positiva, parece que a vida fica mais leve, ao pensar na morte não fica tão angustiante, não é?! [...] eu acho que é um trabalho interno de elaboração de amadurecimento, que não é qualquer pessoa que consegue, então, eu tenho pensado essas questões desse jeito assim: religião... me ligar... me definir... eu sou católica... eu não consigo... eu acho que, eu sou uma pessoa que cada vez mais tem valorizado essa busca por uma vivência desse todo [...] mas, assim...eu estou engatinhando, digamos assim... eu estou cheia de boas intenções (risadas)... mas, o meu lado racional ainda, às vezes, ainda me pega.

Ela se coloca de maneira bastante sincera quanto ao seu momento pessoal, seus desejos e limitações neste campo. Quer acreditar no transcendente, aderir a um movimento, mas ainda não consegue. Ela vê que não é capaz de ser católica, por exemplo, mas percebe que talvez possa se abrir mais para a dimensão do mistério na sua existência.

Capítulo V – Lílian

Lílian é psicóloga, professora universitária, pesquisadora, trabalha com grupos de supervisão e tem, aproximadamente, 54 anos. Tem uma religião com a qual tem grande envolvimento e declara ser dona de um terreiro de umbanda. Conhecemo-nos no âmbito acadêmico e como, em ocasiões anteriores, conversamos sobre o meu tema de pesquisa, por ela se enquadrar no perfil que pretendo pesquisar, mostrou-se interessada em participar. Declarou que sempre está disposta a colaborar com os pesquisadores, porque poderá precisar deles também, para os seus trabalhos de pesquisa. Sendo assim, o clima da entrevista foi de espontaneidade e de confiança.

Combinamos um horário, entramos em uma sala de estudos na universidade e começamos a nossa conversa que durou cerca de duas horas. Antes de iniciá-la, combinamos os cuidados éticos que seriam tomados quanto à entrevista: esta seria gravada e transcrita, mas seriam modificados ou omitidos termos que pudessem identificá-la. Seu nome seria fictício, escolhido por ela, que optou por Lílian. Ela estava livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento, se assim o desejasse e eu estava à sua disposição caso precisasse conversar sobre a pesquisa.

Minha questão inicial, após falar um pouco sobre o tema, foi, como nas demais entrevistas: *“Fale-me dos significados da religião/religiosidade para você.*

Como lida com a questão da religiosidade no âmbito profissional, com os seus alunos? Conte-me as suas experiências”.

Ela manteve de início uma postura mais formal e, no decorrer da conversa, foi ficando mais à vontade. Percebo grande vitalidade na sua entrevista, pois ela fala do tema a partir de vivências que são muito importantes para ela, parecendo bastante mobilizada. Começa dizendo:

Acho que eu vou começar com a questão das aulas. Como eu dou aula de psicologia social e psicologia do trabalho, sempre acaba aparecendo algumas questões relacionadas ao preconceito, então, eles têm preconceito da pessoa portadora de deficiência, homens e mulheres, a questão da idade. Porque a gente está falando do mercado de trabalho, do emprego, do desemprego etc. e tal. E eu acabo sempre, ou surge, e eu acabo sempre colocando essa questão da religião, que é uma questão que a gente precisa respeitar, que a religião é um aspecto importantíssimo do ser humano, quer dizer, o homem precisa de uma religião [...].

O primeiro tema que vejo emergir na sua fala, e que reaparece em outros momentos, é o do preconceito. Lílian comenta que, como leciona as disciplinas psicologia social e do trabalho, sempre aparece o preconceito relacionado ao mercado de trabalho, como as questões de idade, sexo, deficiências. É neste campo de discussão que ela sente a necessidade de falar sobre religião, que para ela é um aspecto importante do ser humano, uma questão que precisa ser respeitada. Dessa forma, nas suas aulas, Lílian procura explicitar sua posição:

Então, a gente não pode, vamos dizer assim, discriminar as pessoas porque elas são diferentes da gente, então, eu vou sempre nessa questão, eu sempre falo que sou uma pessoa religiosa, não que eu force a barra, mas eu tendo oportunidade eu falo, quando eu falo da importância da religião, eu falo: “Eu sou uma pessoa religiosa”.

A discussão sobre religião na sala de aula surge em relação à disciplina lecionada, em virtude da disciplina ser voltada para as questões do mercado de trabalho e, conseqüentemente, aparecerem temas nos quais Lílian percebe a existência de maior preconceito por parte dos alunos. Nestes momentos, percebendo o preconceito dos alunos em relação a outros campos do ser humano, ela vê como importante inserir a questão da religião. É interessante o fato de Lílian relacionar, imediatamente, essas duas esferas: religião e discriminação. Observo, portanto, que ela parte do princípio de que existe preconceito contra as pessoas religiosas. Nessa posição, ela mesma se oferece à questão, assumindo ser uma pessoa religiosa. Ela nota que os alunos não aprofundam o tema, pois apesar de se dizer religiosa, eles nada perguntam sobre seu posicionamento pessoal.

Nunca me perguntaram a minha religião e eu também não sei se responderia para os alunos, mas nunca me perguntaram. [...] Acho que nunca falei da minha religião em sala, porque nunca ninguém me perguntou e eu acho que é uma questão pessoal. Nunca me perguntaram e tenho tranquilidade para trabalhar essa questão.

Lílian mostra como trabalha o tema em sala de aula. Gosta de falar sobre as diversas religiões para seus alunos e pode-se observar uma visão global do tema:

Então, eu vou sempre nessa linha de estar dizendo da importância de você respeitar e de que existem mesmo diferentes religiões, não tem só uma religião [...].

Lílian, nesta fala, mostra que o preconceito pode se desenvolver, não apenas em relação às pessoas religiosas, mas também dentro do próprio grupo de religiosos, quando uma denominação se considera melhor ou mais valiosa do que outra.

[...] vou mostrando para eles como essa questão das diferentes religiões, como elas interpretam o mundo do trabalho, o mundo social, como é que os crentes analisam, os espíritas, assim pouquinho coisa, só para mostrar a eles que estamos falando do mesmo fato, só que com perspectivas diferentes, porque cada um tem uma necessidade, um desejo, e é difícil dizer o que leva a pessoa por uma religião ou por outra [...].

Nessa visão, Lílian apresenta as religiões como conjuntos de visões de mundo, cada qual com suas peculiaridades. Considera importante mostrar aos alunos que cada pessoa religiosa verá um mesmo tema sob uma ótica diferente. Porém, demonstrar o que levou tal pessoa a determinada religião exigiria análises mais profundas, pois é fruto de vários fatores. Segundo Van der Leeuw (*apud* MAHFOUD, 2001), todas as produções humanas são tentativas de busca por um sentido que, no limite último, é religioso. Segundo Mahfoud (2001), são as exigências humanas que se manifestam neste processo, mais do que a necessidade ou o desejo: “Exigência contempla totalmente a dinâmica do desejo, sem supor que seja satisfeita e então, desapareça. Uma exigência permanece tal mesmo diante do objeto que se tem necessidade” (p. 85). Este autor nos ajuda a compreender a origem da adesão religiosa de maneira geral, sem levar em conta as diferentes religiões. “Consideradas as exigências fundamentais nos desejos e necessidades, uma resposta total a todos eles só pode ser dada por algo total, absoluto” (p. 86).

A fala de Lílian traz uma ênfase no aspecto cultural e social da religião. As concepções de Mahfoud (2001) lançam luz sobre o aspecto individual e subjetivo da adesão, ligado à necessidade e ao desejo.

Em seguida, Lílian faz uma crítica a duas denominações religiosas, a católica e a protestante. Primeiramente, fala da postura evangélica:

[...] hoje em dia o pessoal vai muito atrás de resultados imediatos. Então, enche uma igreja e dá o dízimo. Falo do dízimo também, que tem essa questão de cobrar o dízimo, é uma religião que você, que você paga para participar, quer dizer, que valores estão sendo cultivados? [...] Não é uma crítica, não tenho nada contra, mas eu percebo como é que é; e eu uso isso também nas minhas aulas, quer dizer, que na verdade passa muito mais uma questão de relacionamento, de dedicação, de amizade, do que realmente que Deus ajudou, que levantou um emprego etc e tal. E também uma questão de comportamento, o que é que isso implica. [...] Aí, nos evangélicos acontece assim: eu levanto a mão, porque eles perguntam quem quer ser salvo, eu levanto a mão – só levantar a mão - o fato de levantar a mão é o suficiente? E aí fica o quê? O comportamento meio irresponsável, você atribui a Deus, a uma divindade, toda a responsabilidade da sua vida e que não é dessa forma, é importante você saber que tem um limite, que alguém está te pondo um limite, mas você também tem que fazer a sua parte.

Nessa reflexão crítica, Lílian aborda diferentes posicionamentos e práticas que percebe nas religiões à sua volta. Para ela, a religião de alguns evangélicos se resume ao comportamento estereotipado. Da mesma forma, avalia que a Igreja Católica prega a acomodação. Assim, as pessoas estão transferindo sua responsabilidade para Deus, sem se comprometerem com aquilo que lhes cabe. Lílian se preocupa com os valores implícitos em tais opiniões, que eximem a pessoa de fazer a sua parte, naquilo que lhe é solicitado na sua vida cotidiana. Assim, ela apresenta o que considera uma

relação com Deus, a qual não se resume ao comportamento repetitivo de determinados grupos.

[...] e tem os católicos, que não precisam fazer nada..., eles não vão à missa, não rezam – sei que tem exceções – mas a maioria, né! Eu não sei como eles falam que a maioria das pessoas do mundo são católicas, porque eu acho que se fosse fazer uma verificação real, não é! Porque eles não vão à igreja, não têm nenhum sentimento, então, eu sempre vou falando para eles (alunos). A Igreja Católica ela prega o quê? Ela prega uma certa acomodação, basta eu falar que sou católica e isso é suficiente para a salvação.

Nesta fala, percebe-se que para Lílian ser religioso é implicar-se com determinada crença: participar de seus ritos, ter sentimentos relacionados à sua crença, vivenciá-la e não apenas utilizar sua denominação. Ela conclui suas reflexões sobre as duas maiores igrejas do nosso país e fala da importância de trabalhar este tema com os alunos:

[...] isso é um assunto que eu gosto de falar porque acho que os alunos, eles fazem muita confusão, são muito preconceituosos em algumas questões, então eu acho sempre bom falar dessa questão. Causa polêmica na sala, mas quando eu falo que sou religiosa e eu vou falando das religiões eles ficam tranquilos, eles não se incomodam.

Neste momento, Lílian retoma a questão do preconceito e da sua necessidade de trabalhá-lo junto aos alunos. Ela percebe na prática a importância de se falar sobre a religiosidade e como o fato de se declarar religiosa deixa os alunos mais tranquilos para escutarem e se aproximarem do tema.

Bergin, Payne e Richards (1996) desenvolveram trabalhos e pesquisas mostrando a necessidade da reflexão sistemática sobre a religiosidade.

Segundo estes autores, “as pesquisas empíricas têm demonstrado a falácia dos muitos estereótipos e preconceitos aplicados às pessoas religiosas” (p. 299). Ou seja, aquilo que comumente se imagina no senso comum, de que pessoas religiosas são mais emotivas, irracionais e acríticas, não corresponde à experiência daqueles que vivem sua religiosidade de fato. Talvez por este motivo os alunos de Lílian fiquem mais tranquilos depois da sua declaração de que é uma pessoa religiosa. Assim, podem perceber que existem pessoas religiosas dotadas de clareza, senso crítico e abertura para as outras crenças. Eles podem, então, desfazer um preconceito a partir deste contato.

Os autores acima citados assinalam a necessidade de divulgar as informações e aprofundar o assunto para romper os preconceitos. Esta linha de pensamento é adotada intuitivamente por Lílian, que parece estar muito atenta ao preconceito e à falta de respeito, tema que aparece novamente na sua entrevista na seguinte fala:

Na supervisão, a mesma coisa, o mesmo que ocorre na sala de aula. [...] Eu trabalho muito a questão da inclusão e exclusão dos trabalhadores no mercado de trabalho, da questão da aparência e acaba indo pela religião, não tem como. Tem algumas empresas que perguntam qual é a religião. Têm algumas empresas em que os donos são evangélicos e eles fazem culto e isso não é adequado. Como é que você vai impingir para uma outra pessoa uma religião só porque você está pagando o salário dela? É um total desrespeito, não tem como, e as pessoas acabam participando porque têm que preservar o emprego.

Aqui, a questão do preconceito ligado à religião aparece no contexto da psicologia do trabalho, como apareceu no começo da entrevista. Lílian oferece um exemplo de como uma religião pode ser imposta e, assim, tolher a

expressão da pessoa que, naquelas circunstâncias, não quer ser rejeitada no mercado de trabalho. Lílian enxerga este processo de exclusão/inclusão do mercado também em relação à denominação religiosa da pessoa ou da empresa contratante. Esta questão é um dos grandes temas que norteiam o seu trabalho com os alunos. Porém, ela não se prende aos aspectos negativos e sempre ressalta a participação da religiosidade na constituição da pessoa, como no trecho a seguir:

Ele (o homem) precisa de alguém ou algo para poder ter um limite, para poder se situar e é a religião que dá mais ou menos o padrão moral de comportamento, quer dizer, não matar o próximo e, aí, cada religião tem a sua... o seu rol de bons comportamentos. Então, a minha postura na sala de aula é sempre isso, dizer da importância da religião, mesmo porque, às vezes, na sala de aula, eu tenho pastor, tenho freira, padre, de tudo quanto é jeito e, aí, eu sempre falo da importância e da necessidade de não discriminar, porque a religião é uma crença e como as pessoas são diferentes, têm diferentes grupos, cada um se afilia no grupo com que tem mais afinidade.

Para Lílian, cada religião contém uma visão de mundo e valores que vão guiar a vida dos seus adeptos. Assim, a adesão a uma religião e não a outra estará ligada àquilo que é mais caro à pessoa, que buscará crenças em sintonia com seus desejos e visão de mundo. Para ela, não existe uma religião melhor do que a outra, mas religiões e pessoas diferentes. Os valores têm um papel importante neste processo. A questão dos valores remete a uma discussão sobre sua presença no campo da psicologia. As abordagens psicológicas contêm de forma implícita ou explícita determinados valores e visão de mundo. No âmbito educacional e também na formação em psicologia, a abertura a opiniões e crenças diferentes é importante. Bergin, Payne e Richards (1996)

ressaltam o fato já conhecido de que todas as abordagens em psicologia têm implícitas visões de mundo e valores que podem se chocar com aqueles assumidos a partir de determinadas crenças religiosas. Isso exige do professor flexibilidade e abertura para trabalhar essas questões com seus alunos de modo que eles possam considerar as aproximações e distâncias entre estes dois universos.

Ancona-Lopez (2002) trabalha a questão da possibilidade de construção do conhecimento a partir do diálogo entre universos distintos como o da psicologia e o da religião. Assinala a necessidade do cuidado, do rigor e o estabelecimento de fronteiras, pois cada termo é compreendido dentro de certo contexto. É preciso conhecer ambos os contextos para construir pontes e propor aproximações. Desta forma, é preciso que os alunos conheçam o tema da religiosidade e se aproximem dela para colocá-lo em diálogo com suas posições pessoais e profissionais.

Ao colocar as religiões no mesmo patamar, sem considerar que uma seja melhor do que a outra, Lílian abre caminho para que seus alunos percebam a relação que estabelecem com determinados valores e crenças, sejam eles pertencentes ao campo da religião ou da psicologia.

Lílian apresenta outros exemplos dessa discussão em sala de aula e da importância dos valores passados pela religião:

Dei aula de Ética, e na ética dos psicólogos, naquela questão das práticas alternativas, então, é um assunto que eu gosto e tendo oportunidade, eu acho importante trabalhar com os alunos – principalmente a questão do respeito, a questão de estar analisando a importância da religião, eu acho que a religião é importante para o homem, na constituição do ser

humano e aí independe se é cristianismo, budismo, judaísmo, quer dizer, eu... cada um tem a sua afinidade com quem....com qual Deus que deseja..., eu acho importante ter um aspecto religioso, a gente saber que tem um limite, que tem alguém que pode estar nos ajudando a melhorar o nosso comportamento. Então, acho que esse aspecto é importante na religião, você estar criando um certo senso moral de amor ao próximo, de respeito, de cidadania, quer dizer, independente de qual for a religião, se ela é uma religião séria, ela vai estar pregando valores... bons valores: respeitar as pessoas, não maltratar, não matar, são coisas importantes de falar hoje em dia.

Nesta fala de Lílian, ela avalia a religião, em linhas gerais, como um conjunto de valores que servem para nortear a vida das pessoas e que considera muito importantes na sociedade contemporânea. Ela menciona também a questão do limite, daquilo que é permitido socialmente ou não, relacionando tal tema à ética. Ao mesmo tempo em que enfatiza o limite, Lílian fala da importância de saber que *“tem alguém que pode estar nos ajudando a melhorar o nosso comportamento”*. Neste momento, ao considerar a existência de um Outro, que intervém na vida das pessoas, ela aborda o tema da transcendência, do que transpõe os limites humanos. Muitos autores do campo da psicologia e da religião enfatizam o desejo do homem de romper seus limites e se relacionar com o eterno e o infinito, presente nas diversas representações de Deus. Na experiência religiosa, vivencia-se a presença de sentimentos direcionados ao Outro Absoluto, voltados para a dimensão de mistério da existência (SAFRA, 1999). Mahfoud (1999) analisa as experiências religiosas em comunidades tradicionais, nas quais o relacionamento com uma realidade normalmente inacessível é buscado. Através da participação em grupos e rituais, almeja-se a interseção com o outro mundo, com o Absoluto. Para este autor, nesse processo

cada vivência e gesto trazem em si um sentido especial em direção ao transcendente.

Em outro ponto da entrevista, perguntada sobre a postura que observa nos professores em seus locais de trabalho, ela mostra que há uma negação do tema no meio acadêmico, em nome da conduta científica considerada correta. Para ela, tal atitude pode acabar se constituindo em mais uma forma de preconceito.

[...] tem ainda aquela ideia de que a religião é um pouco o ópio do povo e não deixa de ser, porque pelo que a gente olha, é difícil não analisar nessa situação, mas eu acho que ela faz parte, e o pessoal acaba colocando o quê? Colocando a questão da religião de lado como se fosse – como se a religião fosse denegrir o nosso estudo científico e na verdade ela faz parte da formação da pessoa.

A religião é muitas vezes abordada apenas do ponto de vista de uma função patológica – neste caso, a de anestesiá-la, distrair e desviar a pessoa dos problemas, levando-a a buscar soluções fantásticas e irreais. Lílian não descarta este movimento em algumas pessoas, e aceita a sua possibilidade, mas ressalta o papel da religião na constituição da pessoa, como parte de si. De fato, pensadores na linha da fenomenologia como Mahfoud e Coelho Júnior (2001) consideram o ser humano composto por corpo, mente e espírito, este último voltado para a decisão, a vontade, a responsabilidade e para a relação com o transcendente. Dessa forma, este aspecto não pode ser simplesmente negado e desconsiderado quando se trata do ser humano.

Em outro momento, Lílian fala de como os professores lidam com o tema da religião e da religiosidade. Diz que estes não discutem essa questão e relata um caso acontecido em outra escola em que trabalhava.

Os professores não discutem essa questão e na outra escola em que eu dou aula, eu tinha um colega que, por sinal, conhecia um primo meu que foi falar para ele que eu era umbandista. E ele cortou a amizade comigo, porque ele achou que era um absurdo, que era uma religião de gente pouco sabida, que não sei o quê [...] e ele fez esse corte. Meu primo falou numa boa e eu não tenho por que esconder, eu só não saio falando, não ponho uma placa falando - e ele cortou relações comigo.

Lílian concorda com os autores que mostram que o paradigma científico na psicologia priorizou a objetivação do homem, sendo importante para firmar este campo enquanto ciência. Ao longo do tempo, porém, este modelo deixou de fora inúmeros temas que não cabiam no método científico tradicional. Atualmente, é necessário transpor este modelo para pesquisar questões como a religiosidade (FIGUEIREDO, 1991; GIOVANETTI, 1999; ANCONA-LOPEZ, 2007; MASSIMI e MAHFOUD, 1999).

Lílian resume a postura que observa no meio acadêmico:

Os professores tratam o assunto da religião como não ciência e se não é ciência tem um peso menor na academia. Aqui também nessa instituição acontece isso, não é só na outra escola, mas eu não insisto, se a pessoa me dá abertura e eu percebo que a pessoa, vamos dizer assim, tem um lado desse... mais religioso, aí eu falo de religião, eu falo para rezar, aquelas coisas costumeiras, mas tem uns que não dão abertura.

A literatura em psicologia e religião confirma que, durante muito tempo, o estudo deste tema foi deixado de lado por ser considerado fora do âmbito da

ciência. Segundo Massimi e Mahfoud (1999), o estudo e a compreensão da religiosidade são um desafio para a psicologia, encarado por alguns pesquisadores da área, mas ainda está em início no país.

Lílian retoma, a seguir, sua experiência pessoal, que vai na direção da abertura ao transcendente.

Em relação ao significado para mim: é importante você ter a crença em acreditar em alguma coisa que é maior que você, então você percebe que tem um limite e não é onipotente e que essa crença vai ajudar você a estruturar o seu mundo, por isso que é importante dentro do curso de psicologia, porque não é só uma questão de ciência. A gente lida com pessoas que vão ler mão, vão na igreja, fazem um monte de coisa, essas pessoas também têm problemas psicológicos, vão fazer terapia e como é que eu faço: – Eu falo para a pessoa não fazer? Não! Porque lá é uma coisa importante da pessoa, uma coisa que estrutura. Você vê – desde os primórdios da humanidade sempre teve um aspecto espiritual que era organizador das comunidades, dava os parâmetros, faça isso, não faça aquilo, isso era um fator de agregação, de melhorar o desempenho, as relações entre as pessoas.

Em diversos trabalhos, Mahfoud (1999 e 2003), entre outros autores, mostra o papel estruturante da religião para a pessoa, enfatizando a importância de seu acolhimento e aprofundamento pela psicologia. Lílian está ciente disso na sua vida pessoal e acredita que os alunos compreendem e compartilham seu ponto de vista. Aqui, ela relata um pouco da sua relação com eles na maneira como aborda o tema.

Eu só não falo mais sobre religião e religiosidade porque não tenho vocação para ser Jesus Cristo e levantar a bandeira, mas eu tendo oportunidade na minha sala de aula – onde eu acho que o espaço é meu – eu falo, eu mando bala, eles ficam meio assustados, depois eles concordam – ficam pensativos nessa questão da responsabilidade, mas prestam atenção, eles gostam, não desgostam. Acho que eles ficam espantados de eu saber das religiões, das práticas de ler mão, carta, não sei o quê?! Mas eles

prestam atenção, acho que... eu nunca fiz um inventário para saber se eles gostaram muito, se gostaram pouco, se aquilo mudou, mas a impressão que eu tenho é que eles gostam. Eles acabam sendo acolhidos, porque na sala de aula... quantos pastores, quantos padres, freiras, mães de santo, pais de santo, budistas... eles também não falam das suas crenças, então acho que falar que têm diferenças e que as diferenças são normais eu acho que dá um pouco de alívio [...].

O acolhimento das diferenças deveria ser óbvio para a psicologia, mas elas não são abarcadas como deveriam justamente numa profissão que se dispõe a lidar com a diversidade e com a singularidade. Na prática, os preconceitos tão presentes na sociedade e as dificuldades pessoais dos psicólogos e docentes prevalecem sobre a proposta da psicologia. Segundo Figueiredo (1991), isso se deve à própria ambiguidade do objeto do conhecimento psicológico: o homem. Sua multiplicidade e singularidade exigem que ele seja olhado do ponto de vista objetivo e também subjetivo, com abertura e atenção.

Ao abordar com os alunos as diversas crenças e suas formas de expressão, estes inicialmente se surpreendem. Após este estranhamento inicial, parecem gostar de ter uma professora que se apresenta desta maneira e que conhece e respeita as muitas formas de religiosidade. Lílian considera como efeito destes momentos um certo alívio para aqueles que vivenciam suas crenças dentro do grupo. Acredito que tenha um efeito também para aqueles que se fecham a tal dimensão, e que têm alguma forma de preconceito quanto à religiosidade. Dessa forma, a constante preocupação de Lílian com a discriminação e o desrespeito encontra ressonância entre seus alunos.

A seguir, Lílian retoma o exemplo do seu amigo que cortou relações com ela, em função de saber da sua adesão à Umbanda e mostra um aspecto importante na religiosidade: a vivência, o ritual, a dimensão do sagrado.

Esse meu amigo, ele parou de conversar comigo, porque ele achou que como uma doutora em saúde pública podia ter uma religião de negros, de escravos, que era uma coisa só de ritual e todo ritual tem um significado, e dentro da psicologia o ritual tem um significado, é uma questão de aprendizagem, uma explicação do mundo etc e tal. Então, eu não falo muito não, se uma pessoa não me dá abertura.

No trecho acima, Lílian se refere mais uma vez à discriminação sofrida. Mas ao dizer isso, reafirma pontos muito importantes na sua fé, como o ritual. Este envolve uma aprendizagem, provavelmente uma transformação da pessoa. Além da explicação do mundo trazida pelas religiões, Safra (1999) ressalta o papel do sentimento religioso, presente também nos ritos, que podem ser compreendidos como “uma tentativa de busca do sagrado, entendido como o anseio da potência de ser” (p. 175). Dessa forma, a busca pelo transcendente envolve o crescimento pessoal e se apoia em objetos, ritos e crenças que sejam um caminho para o encontro com o poder divino. Estão presentes a dimensão cultural e a individual, a aprendizagem e os sentimentos.

Mahfoud (2001) aborda a questão do sagrado, apresentando a concepção de Mircea Eliade que “chega a dizer que o sagrado representa um instrumento para compreender a própria condição, para transformar o caos em cosmo, para criar uma escala de valores” (p. 83).

Lílian relata sua história com a Umbanda, como aderiu a esta religião e como a vivencia hoje.

Eu nasci numa família de pseudo-católicos – aí eu tinha a minha avó, que me forçava a ir à missa todo domingo [...] e quando eu tinha mais ou menos uns nove anos, fiz primeira comunhão, saía na procissão de Nossa Senhora com vestido comprido [...] aí, quando eu tinha uns nove ou dez anos eu comecei a ficar revoltada. Eu falava: Por que é que só eu vou à missa, enquanto fica meu pai, minha mãe, minha avó, todo mundo descansando? Aí, comecei a ter um certo questionamento, e também nesta época eu não gostei um pouco da atitude do padre, acho que naquela época eu não saberia explicar [...] tanto é que até anos depois ele teve problemas – foi acusado de abusar de uma das alunas... Acho que eu tive uma coisa de intuição, não teve nada comigo [...] e eu acabei não frequentando mais. A mãe da minha mãe e o pai da minha mãe já tinham estudado espiritismo, apesar de praticarem a igreja católica e aí, num determinado momento meu pai passou por um problema de saúde muito grave, ele ficou quarenta dias acho que sem dormir, tomando remédio etc. e tal. E ele só foi melhor quando foi a uma igreja na zona leste com um padre que fazia exorcismo, dava benção etc. Então, foi muito significativo essa passagem para mim, porque ele ficou quarenta dias sem dormir, passando no médico, tomando remédio e nada, e aí, ele vai na igreja, toma um passe e no dia seguinte ele já está dormindo, tudo resolvido. Então, isso me marcou muito e aí eu fui acompanhando sempre nessa perspectiva. Porque essa noção de Deus, essa coisa maior, eu já tinha dentro de mim, eu só não estava de acordo com as práticas da Igreja Católica. [...]

No trecho acima, Lílian retoma cronologicamente a história da sua religiosidade. Assinala como fatos marcantes primeiro a incoerência vivida na prática do catolicismo, na qual a atitude de sua família contrastava com a que lhe era exigida, mas também pela sua sensação diante do padre que se envolveu em suspeitas de abuso. Depois, Lílian ficou muito impressionada com a cura de seu pai por meio da religião e se abriu novamente para essa

dimensão, mas em outra doutrina, cujas sementes já existiam na sua família.

Assim, ela passa ao umbandismo, como relata a seguir:

E, dentro do umbandismo, eu me encontrei, primeiro eu fui a um centro espírita, na época do meu divórcio – do meu primeiro divórcio - e eu estava muito abalada e meu chefe era espírita e me encaminhou [...] para essa casa que ele participava para eu falar com a dirigente espiritual e eu fiquei, também, muito impressionada com ela, uma pessoa que nunca tinha me visto, me contou da minha vida em detalhes, o que estava acontecendo, não é coisa de brincadeira... é como se ela tivesse sido minha terapeuta anos [...] e comecei a participar das sessões que eles têm lá, do passe fluídico, da leitura do Evangelho, aí eu tinha que passar numa sessão de descarrego e eu nunca tinha tempo e eles queriam que eu também entrasse para me formar... [...] tinha pouca explicação... eu sou uma pessoa que gosto de explicação.

No trecho acima, ela conta seu caminho até aderir ao umbandismo, que inclui vivências voltadas para uma dimensão nova e transcendente, que queria conhecer. Ao mesmo tempo, as práticas que lhe eram propostas e exigidas necessitavam de mais explicação e ela acabou mudando sua direção, quando conheceu outro centro espírita. Isso se deu por meio de uma amiga, que lhe apresentou uma pessoa com a qual se identificou mais. Na sequência, ela continua contando a respeito dessa nova fase:

Lá nesse lugar eu encontrei uma atitude mais adequada, que a gente não pode abandonar o mundo material em função do espiritual nem vice-versa, porque se a gente acreditar em alguma coisa que não é de matéria, a gente está todo o tempo convivendo com o material e com o espiritual e tem que saber lidar nesse meio. Então, acabei ficando lá por um tempo... já tem mais ou menos quase vinte anos que eu sou umbandista, tenho meu centro que eu trabalho todo sábado, tive oportunidade de formar outras pessoas e que também dividem o centro comigo, já estou na terceira geração, eu fui a primeira da minha madrinha, da minha dirigente e depois fui formando e continuo até hoje, é uma coisa que me dá prazer e eu não tenho nenhuma crise existencial, nada, porque para mim são

explicações diferentes, não dá para juntar, são explicações diferentes e são explicações importantes, você não pode privar o aluno de fazer essa discussão.

Ela conclui este relato sobre sua religiosidade pessoal, mostrando que viveu tudo isso de maneira inteira e integrada existencialmente. Ressalta, mais uma vez, que o aluno de psicologia deve estar a par destes fenômenos e da sua discussão.

É interessante que Lílian tenha contado toda a sua história em detalhes e com tanta clareza, pois isso mostra que ficou mobilizada com a entrevista. Alguns pesquisadores, como Cesar (2007), relatam o momento da entrevista sobre este tema como algo em que o entrevistado se envolve muito, provavelmente devido ao pouco espaço para falar sobre estas questões no dia-a-dia, principalmente no ambiente de trabalho.

Em outro momento, quando perguntada sobre o significado da religião, faz uma diferenciação entre esta e a religiosidade. Aborda também o significado do termo espiritualidade.

Acho que a religião é assim, é um conjunto de normas e valores que disciplinam a vida dos seus devotos, então, você tem as diferenças: tem o espiritismo, o umbandismo, o candomblé, o budismo e cada religião, cada uma dessas religiões tem uma forma de explicar o mundo e tem tradições e tem rituais e outros procedimentos. Todas as religiões têm seus rituais, umas mais outras menos, mas não é isso também que vai diferenciar. A questão da religiosidade é uma pessoa que ela se dedica mais a esses aspectos espirituais, uma pessoa que reza, uma pessoa que sempre está interessada de alguma forma com o aspecto espiritual. Pelo que eu tenho visto as pessoas falando, eles usam espiritualidade quando eles não querem se definir, elas têm uma preocupação com o lado espiritual, mas elas não querem se definir a nenhuma religião, nenhum quadro e eu acho difícil.

Do ponto de vista pessoal, Lílian tem uma religião declarada. Para ela, este âmbito inclui um conjunto de valores que regem a vida. Ao diferenciar religião de religiosidade, parece considerar a segunda como a prática de uma religião. Considera a espiritualidade, algo mais difícil, pois a pessoa se coloca as questões relativas a este assunto, mas não se define.

Em seguida, ela fala do efeito nos alunos, de como seria importante falar neste assunto em sala de aula no curso de psicologia. Mais uma vez retoma a questão do preconceito existente, dizendo que os alunos e os professores são preconceituosos.

Acredito que no programa de psicologia deveriam tratar do tema da religião... – poderiam fazer umas matérias introdutórias, preparatórias para a vida, porque os alunos são muito preconceituosos, os professores também, a gente também é preconceituosa. Você observa que teve um caso de uma menina do quarto ano que teve problemas na vida dela, aí o que é que foi: ela estava frequentando um lugar, não sei se era candomblé ou umbanda que não era muito certo e, então, a mesma dirigente espiritual era a terapeuta dela, quer dizer, se a aluna tivesse um pouco mais de orientação nessas questões, tanto na questão da ética, como na questão da religião talvez ela não tivesse entrado nisso, quer dizer, ela acabou passando um tempo no hospital, porque bagunçou muito a cabeça, né?! Então, acho que seria importante ter esse conhecimento.

Lílian assinala a importância de se conhecer as religiões para saber avaliar os limites entre uma prática saudável e uma psicopatológica. Vários autores do campo da Psicologia e Religião desenvolvem trabalhos nesse sentido, chegando a criticar a excessiva patologização da religião na sociedade. Amatuzzi (1999), entre outros autores, desenvolveu pesquisas

que analisam o desenvolvimento psicológico e o religioso. Ele demonstra que é possível viver a religiosidade de diversas maneiras, das mais integradas às mais alienantes. Este conhecimento difundido no âmbito da psicologia ajuda a reconhecer e avaliar os processos pelos quais as pessoas passam, trazendo critérios para compreender quando uma prática religiosa pode ser patológica, assim como podem haver distúrbios no desenvolvimento psicológico de alguém, sem relação com a religião.

A observação de Lílian remete à necessidade de se estudarem tais questões no curso de psicologia, com benefícios para os próprios estudantes, além de seus futuros clientes. Ela ressalta a importância de disseminar informações que ajudariam a reconhecer os limites e as normas éticas a serem seguidas nos dois campos: psicologia e religião. Acredita que tais distinções poderiam evitar prejuízos às pessoas, como no exemplo relatado.

Ela continua:

Não vejo que psicologia deva ser separada da religião. Eu vejo que a religião faz parte da composição do ser humano. Porque é o que vai nos dar limite, vai nos dar... nos apresentar valores, porque se você tirar a religião, hoje em dia, quais são os valores que são transmitidos dentro de casa? Você liga a televisão e é só um roubando o outro, não tem uma coisa assim segura, e isso é perigoso, que pode levar a uma série de conflitos, de guerra entre o ser humano porque, se eu respeito você e você não me respeita, o mundo está perdido. O ser humano tem muito que aprender de estar respeitando o limite do outro, de estar entendendo que o outro é diferente e de ter mesmo esse apego a alguma coisa, eu não posso pisar tanto no tomate porque eu vou ter que acertar conta lá no final, eu acho que esse aspecto da responsabilidade que a religião passa é importante para levarmos a vida da gente.

Para Lílian, como para a corrente fenomenológica que norteia este trabalho, não há motivos para a falta de diálogo entre psicologia e religião. Ela retoma a importância dos valores trazidos pela religião e no trecho abaixo complementa estas considerações falando da questão do aborto e da sua discussão na nossa sociedade. Mostra que estas questões estão interligadas e que a psicologia, dentro da academia, deve se ocupar dessa relação também.

[...] e, assim, ah, só para concluir, agora falando uma coisa dentro da Igreja Católica que eu acho que os psicólogos deveriam discutir, é a questão do aborto, a questão do controle de natalidade – são questões que são importantes, então, não adianta dizer que tem que ver o corpo da mulher, isso é decisão de um grupo de mulheres.... esse problema é muito maior do que isso – então se você não toca na religião você nunca vai debater o Papa – você vai falar: Ah, isso é errado, mas errado por quê? É errado e pronto! Não, tem que falar – tem que discutir – tem que esclarecer. É assim que eu sinto.

Assim, ela encerra a entrevista apresentando um tema que toca todas as esferas da vida e não apenas a de saúde pública. A discussão atual sobre o aborto, assim como outras de que a psicologia se ocupa, vai necessariamente esbarrar na religião e o psicólogo terá de lidar com isso. Na sua entrevista, Lílian demonstra como, ao levar a sério uma determinada dimensão da vida humana, aparece a necessidade de explorá-la mais a fundo, nas suas relações com outros temas.

Capítulo VI – Regina

Regina é psicóloga, docente supervisora e tem, aproximadamente, 48 anos. Não tem religião e não acredita nas afirmações religiosas. Tomei conhecimento dela por intermédio de uma professora universitária, que a indicou por ser uma pessoa com perfil interessante para minha pesquisa. Quando pedi para escolher um nome fictício, disse que poderia colocar o dela mesmo. Depois que expliquei a questão do sigilo e da necessidade do procedimento padrão, pensou em algumas opções e resolveu ficar como Regina.

Ela começa sua entrevista situando as questões religiosas dentro da sua visão de mundo:

Eu sou uma pessoa muito distante dessa questão. Eu digo que sou uma pessoa existencialista, que acha que a vida acaba aqui, que você dá sentido a ela; se você deu sentido, muito bem, se não deu, tchau, acabou. Comunicação com o cosmos é zero, não tem. Então, nesse ponto eu acho que sou bastante diferente das outras pessoas.

Regina delimita claramente sua posição. Chama a atenção a segurança e a tranquilidade com que afirma e tem consciência de que esta não é uma posição muito comum. Ao longo da entrevista, ela traz suas concepções sobre o ser humano e sua existência, entremeadas com sua visão da religião, das pessoas

religiosas e de como tudo isso aparece na psicologia, no seu cotidiano. Inicia falando de como define religião, religiosidade e espiritualidade.

Você veja, quanto a religião, religiosidade, espiritualidade eu consigo definir pelo o que eu vejo nos outros, que é uma crença maior em um criador, alguma origem para tudo o que acontece, uma razão de ser, né! Eu vejo que as pessoas buscam nisso, nessas referências, um certo conforto, uma referência de valores do que pode e do que não pode. Mas na minha cabeça é isso, você supor que existe algo maior, que dá sentido para as coisas e isso para os outros. Agora para mim não faz sentido nenhum, nenhum, nenhum. Não existe, não. Não existe, é isso!

Regina assinala que consegue definir tal fenômeno pelo que observa nos outros, já que não possui nenhuma vivência relacionada a este campo. Ela enumera na sua descrição os seguintes pontos: origem das coisas, sentido da vida, quadro de valores, referências e conforto. Diz que são suposições feitas pelos outros e que, para ela, nada disso existe.

Considero que há um... vamos dizer, um quadro que as pessoas organizam na cabeça delas para dar conta de uma série de fenômenos que acontecem na vida delas e que não têm uma explicação muito racional. Eu permaneço sem explicação e feliz. Eu não preciso buscar nenhuma outra, mas eu acho que as pessoas vivem... algumas, até há umas pessoas que têm um movimento de transcendência, de revelação e vivenciam isso de uma forma muito intensa e para mim também tudo bem.

Regina fica tranquila, sem recorrer a explicações de ordem religiosa sobre o mundo, mas também não critica as pessoas que as buscam. Ela consegue se manter feliz diante da impossibilidade de entendimento racional para muitos fenômenos humanos. Percebe aí uma das funções da religiosidade. De fato, alguns autores, como Ribeiro (2004), afirmam que o homem busca na religião explicações para sua vida desde os primórdios da

humanidade. Para este autor, por exemplo, “a Religião foi sempre um dos grandes instrumentos que davam e continuam dando sentido à vida dos homens” (p.11). Regina continua dizendo:

Eu acho que, de uma certa maneira, é uma saída para vidas difíceis, para uma coisa de uma crise de valores que a gente está vivendo, um movimento oposto. Esses valores estão muito bem colocados nas religiões de uma forma geral.

Para ela, a religião tem uma função e é vista como algo que dá suporte a algumas dimensões da vida, como a valorativa. Aponta a crise de valores da sociedade atual como algo que reforça o movimento de busca de tais referências na religião. Segundo Giovanetti (1999), neste momento da história, assistimos a uma retomada das questões religiosas, negadas ou substituídas pela filosofia e pelas ciências ao longo do século XX. Afinal, as ciências não conseguiram responder às perguntas fundamentais do homem ou fornecer parâmetros para sua vida cotidiana de forma satisfatória. Regina, no entanto, não sente necessidade dessas respostas para aliviar uma suposta angústia existencial. Ela não sofre por não ter certezas sobre si e sobre seu destino no mundo, convivendo bem com a ausência de respostas. Não se angustia e consegue viver feliz em meio a estes assuntos.

Ela conta que teve uma formação religiosa no colégio em que estudava, mas sempre interpelava as freiras por não entender seu ponto de vista. Por se tratar de dogmas e questões de fé, não conseguia compreender ou aderir.

Quando eu era adolescente eu tinha um certo conflito, porque como estudei em colégio religioso eu me sentia meio assim.. que esquisito, mas depois de um tempo foi uma coisa sabe, que

fiquei feliz de não ser mais um tema, não ser mais uma questão que me preocupa. [...] É engraçado porque quando eu tinha uns vinte e poucos anos, foi uma coisa que eu constatei assim com alegria, sabe! Que bom que isso não é uma coisa com que eu tenho que me preocupar! Tirei da frente, não penso mais, não fico nervosa, não tem... não acredito, pura e simplesmente. Não acho que exista uma vida após a morte e nem nada disso [...] e se não for eu estou no lucro, está certo!

Regina situa o assunto cronologicamente na sua história de vida, relatando como este apareceu, em que momento houve conflitos e como eles se resolveram. Quando era mais nova, chegou a se achar estranha por pensar diferente da maioria das pessoas que conviviam com ela. Ao longo do tempo, solidificou sua visão de mundo e resolveu a questão, vivenciando tranquilidade e alegria por ter se posicionado. Hoje, tem clareza sobre suas crenças pessoais:

Para mim é tudo acaso... A gente calhou de ser uma espécie que pensa, e a vida começa e termina, e quando acabou, acabou. Você aproveite porque é só essa, não vai ter outra. Nem acho que a gente volta, nada disso. [...] Eu tive uma série de problemas na vida, de tragédias que me deram uma outra dimensão da vida, de que você tem que aproveitar a sua vida porque ela acaba assim (estalou os dedos) e isso é uma coisa que também, sei lá, faz com que eu viva as coisas, dê um sentido especial para as coisas que acontecem. Um sentido assim de valorizar as pequenas coisas que eu tenho, de não deixar os gestos amorosos e as manifestações de afeto deixar de fazer por algum motivo, sabe! Porque eu não sei se eu vou ver aquela pessoa de novo, isso para mim é muito claro. Essa vida é a que eu tenho e eu tenho que dar um sentido para ela. Se ela não tiver sentido fui eu que não dei.

Regina aborda, neste ponto, a questão do sentido, tão importante para a psicologia. Diz ter uma visão existencial e que o sentido da vida está em seu fazer-se contínuo: a pessoa se faz ao existir. Os sofrimentos que teve na vida

fizeram com que ela se voltasse mais para as coisas concretas e não para a dimensão transcendente, como é comum em muitas pessoas.

Estas questões caminham lado a lado com o tema da morte, da finitude, que ela aborda em alguns pontos da entrevista, como no seguinte:

Eu lembro quando o meu pai morreu, o motorista do meu sogro é espírita e ele falava: 'Olha, ele está aí!' E eu falava: 'De que adianta, [...] eu quero ele aqui comigo, se ele está por aí que diferença faz, não me conforta nada pensar isso.' Eu penso, às vezes, quando acontecem coisas assim, eu tenho inveja de quem tem fé religiosa, sabe. Eu vejo a pessoa e penso: 'Nossa, como eu queria acreditar que a pessoa está em um lugar melhor, que chegou a hora dela, todas essas coisas.' Porque para mim é totalmente absurdo, uma coisa que substituiu um vazio que não preenche com nada.

Neste momento, Regina traz dois temas importantes: o vazio existencial que confrontamos diante da morte, e a saída que as pessoas religiosas encontram. Ela gostaria de acreditar em algo além do mundo concreto e visível, mas não consegue. Chega a invejar as pessoas que creem mas, para ela, tal crença ultrapassa seus critérios de racionalidade. Sendo assim, não pode trazer conforto, configurando-se como algo absurdo.

Em outro momento da entrevista, Regina volta a este tema, contando o caso de uma conhecida que atropelou e matou um jovem de 20 anos. A família do rapaz, diante do desespero da moça pelo que tinha acontecido, foi consolá-la, dizendo que esta era a hora do rapaz e que nada poderia ter sido feito. Regina completa o relato sobre a visita dos parentes do rapaz à moça:

Olha, foram lá para dizer que ela precisava ficar bem, senão ele não ficaria bem, que eu acho que é uma tendência espírita. Eu fiquei tão surpresa, e é isso que eu te falo, tem horas que eu

tenho inveja desse tipo de coisa, porque eu ia estar odiando ela, sabe. Eu ia estar no pior dos sentimentos possíveis e essa família inteira, pai, mãe, irmãos, se deslocaram para dar essa tranquilidade para ela. Sabe, eu acho isso uma coisa admirável, tenho inveja de quem faz isso. Mas eu não consigo, eu não consigo pensar desse jeito.

O tema da morte sempre se liga, de alguma forma, às questões religiosas. É um dos momentos de vida em que ficam mais evidentes as crenças ontológicas e teleológicas das pessoas (SAFRA, 2004). Regina expõe aqui seus sentimentos diante de uma situação vivida por terceiros, mostrando que estão em clara oposição aos de pessoas religiosas. Admira quem encontra consolo e sentido para a morte na religião, mas vê-se incapaz de pensar assim. Sua posição traz a negação dos fenômenos religiosos, a negação total da transcendência. Porém, na sua atuação como psicóloga, não se fecha para estes fenômenos como vividos por seus alunos ou clientes. Isso será mostrado adiante, ao longo da entrevista.

A seguir, Regina fala mais sobre como se posiciona diante da crença de outras pessoas:

Eu tenho amigas bastante religiosas, eu converso sobre isso, eu não tenho problema nenhum, para mim é um aspecto da vida da pessoa como qualquer outro, né! Eu também não tenho nada contra, assim, de achar que é bobagem, ou de achar... que é, como tem muita gente que tem esse negócio das crenças evangélicas, o ópio do povo. [...] Eu trabalho com adolescente na periferia. Então assim, se o menino viu Jesus e largou a cocaína, eu acho bárbaro e é tudo o que eu quero. Então também não tenho... para mim é um recurso como qualquer outro, eu não consigo compreender por essa questão de uma coisa maior do que nós... para mim não faz muito sentido. Mas eu entendo quem pense dessa maneira.

Regina considera a religião um recurso que, se tem uma função positiva na vida da pessoa, é bem-vindo. Para ela, não existe a transcendência, a possibilidade do relacionamento com o Outro, com o Absoluto, ou a existência de outro mundo, de outras vidas. Mesmo assim, não há preconceito ou críticas na sua fala em relação às pessoas religiosas.

A seguir, inicia a discussão no campo da psicologia, contando como é seu trabalho enquanto professora e como o tema religioso aparece neste contexto.

Eu acho muito interessante você me perguntar isso, dessa questão na sala de aula porque eu ministro uma disciplina que também é muito diferente das outras. Eu trabalho com oficinas de criatividade, que é um trabalho inicialmente vivencial, eu trabalho com recursos expressivos lidando com questões genéricas humanas. São histórias de vida, heranças, valores... estilos pessoais, relações e eu faço isso em instituições e faço isso aqui. Então, normalmente a oficina funciona assim, eu elejo alguns temas que eu considero relevantes na formação do psicólogo e vou propondo recursos, então a gente trabalha uma atividade que é a herança, eles têm que dizer... trabalhar com lã e cola, com coisas desestruturadas que é para criar uma linguagem que crie algum tipo de surpresa para eles. Então, eles têm que dizer o que eles herdaram, o que eles gostam do que herdaram e o que não gostam. Esse tipo de coisa que a gente faz em geral. Nessas atividades conta fazer um gráfico da vida.. então... aparece muito a religião, porque é uma coisa muito presente na vida, então não é raro eu ter depoimentos dizendo que eu coloquei isso porque Deus é uma coisa central na minha vida. Tem uma atividade, por exemplo, que eu faço com eles, que peço para eles fotografarem através de uma moldura que eles fizeram lá, o que para eles é mais sagrado, uma foto só. Então também tem uma discussão em cima dessa questão do que é sagrado para cada um, qual é o sentido do sagrado para cada um. Existem muitas atividades, nas quais a gente passa muito perto disso porque eles falam de questões extremamente pessoais.

O trabalho desenvolvido por Regina, na faculdade em que trabalha, tem uma proposta vivencial e trabalha a criatividade e a história de vida das

pessoas. O fato de não ter crenças religiosas não a impede de ter abertura ao campo interpessoal e vivencial, e estes campos acabam tocando o tema da religião. Neste trabalho, ela também convida os alunos a examinarem em suas vidas o que é sagrado para eles, levantando uma discussão sobre o tema. Sua fala traz a crença de que o sagrado varia de pessoa para pessoa, podendo ter sentidos bastante diferentes que devem ser então reconhecidos e explicitados. Esta concepção se aproxima de autores da Psicologia e Religião, como Safra (1999). Para ele, a vivência do sagrado se dá no âmbito individual, quando a pessoa está diante de algo e experimenta sensações de alegria, júbilo e encantamento, que lhe provocam uma metamorfose interior. Nas palavras deste autor: “Estou afirmando, portanto, que a experiência do sagrado surge antes que o indivíduo tenha qualquer tipo de representação ou concepção sobre o divino” (p. 175). Isso mostra que a pessoa pode vivenciar algo como sagrado sem estar atrelado a nenhuma religião, ou religiosidade (na qual o sentimento é voltado para um Outro transcendente). O sagrado pode estar desconectado do religioso, mas sua vivência transforma a pessoa em algum nível, podendo levá-la ou não a buscar uma religião que explique e acolha tal dimensão da vida posteriormente.

A seguir, Regina conta do *feedback* que obteve dos alunos, no final do semestre anterior, sobre a disciplina mencionada. Achou muito bonito o que disseram e ficou contente com este retorno, expresso na fala dos alunos:

Olha, aqui é o único lugar dentro da faculdade em que nós podemos falar da nossa religiosidade, nós podemos falar do fato de que tem gente que faz tarô, gente que... assim, essas

coisas mais alternativas, mais esotéricas, é o único lugar onde a gente pode falar e não é criticado, porque a gente tem medo de falar em outros lugares. Nas outras matérias, nas outras supervisões, a gente esconde essa questão da religiosidade, porque os professores e supervisores têm um preconceito muito forte com relação a isso, a gente sabe que vai ser mal visto.'

A abertura de Regina é reconhecida e apreciada pelos alunos, que se sentem bem em ter alguém que acolha esta dimensão dentro da universidade, sem julgamentos. Ela traz a fala de uma aluna que trata da questão do preconceito:

Se eles souberem que eu faço tarô, eu vou ser malvista, eles vão começar a pensar mal de mim e com você é o único lugar, aqui com você é o único lugar onde a gente consegue realmente... onde a gente consegue expressar essas coisas livremente, discutir, trocar uns com os outros, se apoiar e tal.

Diante do retorno sincero dos alunos, Regina resolve explicitar sua posição em relação às questões religiosas abordadas:

E eu até dei esse retorno para eles, eu falei 'Olha, eu acho que é um excelente exemplo, do exercício da profissão de psicólogo, porque eu quero dizer para vocês que eu não acredito em nada.' E aí todo mundo assustou. 'Eu não acredito em nada e que independente disso, quando eu estou fazendo um grupo de sensibilização, se esse é um tema para o grupo, esse é um tema a ser tratado, quer dizer, quando vocês forem atender os clientes de vocês e esse for um tema é um tema a ser tratado do ponto de vista deles, né! Quer dizer, eu estou querendo deixar claro para vocês, assim como eu não tenho religião nenhuma, não acredito em absolutamente nada, crio condições para que isso seja discutido. Eu acredito que vocês têm que ser capazes de criar condições para que a pessoa discuta o dela e não você impor o seu, que se crie esse livre espaço de conversa, que não exista um viés para determinada coisa, quero dizer, que isso... que isso não prevaleça sobre o ouvir o outro e sobre o lidar com o problema do outro.'

Esta traz pontos fundamentais presentes no exercício da psicologia. Primeiramente, trata-se de uma questão ética ouvir, acolher e tratar aquilo que

o outro traz segundo a perspectiva deste. Na prática, porém, não é possível fazer isso quando o profissional não vive internamente esta abertura. Para isso, é fundamental o contato com as próprias crenças, além do conhecimento psicológico adquirido (ANCONA-LOPEZ, 2007). Outra questão que observo é como os alunos em psicologia estão acostumados a ver seus professores defendendo ou enfatizando aquilo em que acreditam. No caso de Regina, eles chegam a se assustar quando ela diz que não acredita em nada que seja religioso, presente naquilo que ouviu, acolheu e aprofundou com eles ao longo do semestre. Ela mostra aqui que é possível trabalhar sem ceder aos próprios vieses sobre a realidade e dá o exemplo de como se pode criar um ambiente onde a experiência do outro seja o foco.

Isso está em consonância com os pressupostos da Fenomenologia, que propõe a colocação das próprias crenças entre parêntesis ao se entrar em contato com um fenômeno. Depois, busca-se compreendê-lo na perspectiva de quem o vive e que vai, então, descobrir os sentidos da sua experiência.

No campo pedagógico, sabe-se que o ensino se dá de maneira mais forte pelo exemplo do que pelo que se diz em sala de aula. Regina confirma isso ao mostrar abertura e respeito em suas atitudes, ao invés de simplesmente falar sobre sua importância na psicologia. Provavelmente, esta referência permanecerá com os alunos, pois agora faz parte da vivência deles.

Além destas questões, o tema do preconceito apareceu claramente nas falas dos alunos, ao darem seus *feedbacks*, assim como o oposto, a ausência

de preconceitos e vieses na fala de Regina e na sua atitude para com os alunos. Regina começa a explorar mais essa questão no âmbito acadêmico:

Eles se queixaram de preconceito muito forte com outros professores, de que eles não podem abrir a boca... até a gente discutiu muito isso, o medo... que eu reconheço mesmo em alguns profissionais, dessa confusão com o misticismo... porque a psicologia já não tem essa segurança de ciência e tal. Eu acho que é uma coisa corporativa mesmo, sabe. 'Vamos separar uma coisa da outra, a gente é cientista'. E a gente não é cientista coisa nenhuma, a gente está falando das coisas mais ou menos no mesmo nível, quer dizer, a gente tem um quadro de compreensão, um quadro de uma religião como qualquer outro, mas não é melhor e nem pior, não é! É apenas um outro. Então é isso, os alunos percebem essa reação, onde a gente não pode... em determinadas esferas dessa questão religiosa, parece que são tabu dentro da faculdade. Eles têm medo de ser desqualificados, sabe!

Regina percebe em alguns profissionais o medo de haver uma mistura da psicologia com o misticismo. Para ela, isso se deve ao fato de a psicologia não estar tão segura no seu posto de ciência, gerando maior necessidade de separação daqueles que querem ser vistos como cientistas. Isso torna tabu o tema religioso, desqualificando quem o vive.

Regina compara a visão que os psicólogos têm das religiões com os quadros que formulam sobre outras questões dentro da psicologia. Para ela, são conhecimentos do mesmo nível, todos voltados para questões que muitas vezes são inefáveis. Considera que não deve haver um julgamento sobre o que é melhor ou pior entre as religiões, nem destas com outros temas, pois são coisas diferentes, que não podem ser comparadas.

A seguir, continua falando sobre seu papel de professora:

Eu acho que pela minha forma de acolher e pela abertura da disciplina, essas duas coisas, porque a proposta desse trabalho que eu faço é de abrir espaço para que a pessoa realmente se coloque, se apresente, se veja, veja os outros, veja que os outros são diferentes. Quando você faz isso em um grupo de mães, na periferia, com adolescentes e tal, é super importante esse contato com a diversidade, esse respeito pela diversidade. Então esse é o princípio mesmo que norteia o trabalho, de não interpretação, de não valoração, quer dizer, claro que o grupo... você pega um grupo de adolescentes, um vai falar para o outro: 'Você é idiota, sei lá... Você é crente, e eu não sou e tal.' Mas a gente como profissional está lá, exatamente para proporcionar uma ocasião para que as pessoas possam falar sobre isso livremente, quer dizer, a gente vai estar intermediando a situação ali.

Regina considera dois eixos importantes na sua atuação: a configuração do trabalho (como a abertura própria da disciplina que leciona e o formato dos grupos na periferia) e sua disposição pessoal para o acolhimento. Para ela, isso possibilita nortear o trabalho segundo os preceitos da psicologia que tanto preza: o respeito à diversidade, sem interpretação ou julgamentos de valor. Enquanto psicóloga, deve garantir que estes princípios prevaleçam no grupo, mesmo quando os participantes possam ser preconceituosos, criticando as crenças dos outros.

Em oposição ao grande aparecimento das questões religiosas em sala de aula ou nos grupos de mães ou adolescentes que coordena, Regina conta como isso aparece na universidade, entre ela e os professores:

Agora, sabe Cristina, no âmbito acadêmico comigo não aparece muito, porque não é um assunto que eles saibam que tem muito ibope, as pessoas que me conhecem... Claro que eu converso, tenho as minhas amigas que fazem retiro, eu converso sobre isso, porque afinal é a vida delas, elas foram fazer um retiro, assim como elas foram jantar fora, para mim é uma coisa parecida. Agora, quanto a tratar esse tema dentro da psicologia, eu acho que tratar especificamente, não... mas precisaria ter espaço para as pessoas poderem falar, eu acho que esse medo, essa cisão que existe... 'Não, nós somos cientistas, não

falamos de coisas esotéricas, místicas enfim'... isso não é verdade... a gente lida com o inefável, com... mais ou menos a mesma coisa.

Regina aborda aqui o papel do psicólogo quanto ao campo de estudos da psicologia. Para ela, a psicologia lida com o inefável em diferentes âmbitos, não só no religioso. Dessa forma, não há motivos para que este seja ignorado. Segundo o Dicionário Aurélio (2005), inefável quer dizer: que não se pode exprimir por palavras; indizível; encantador, inebriante. Ela deve estar se referindo às diversas experiências humanas que precisaram ou ainda precisam da criação de teorias e termos para exprimi-las. No início, tais coisas podem ser confundidas com místicas, mas apenas fazem parte do humano e da sua complexidade. Um campo onde se encontram experiências inefáveis, que depois poderão se tornar ou não compreensíveis é o espiritual/religioso.

Segundo os adeptos da fenomenologia, além dos aspectos biológico e psicológico, o homem possui uma dimensão espiritual, na qual não está apenas a busca religiosa, mas faculdades como a razão, a valoração, a liberdade e a responsabilidade (ALES BELLO, 2006). Segundo Ribeiro (2004), todo o significado nasce da totalidade da existência da pessoa, que deve então ser considerada pela psicologia, sem excluir nada que pertença ao âmbito humano. Compreendo que aqui também entram as experiências tidas como inefáveis, como muitas pertencentes à arte e à religião (PRADO, 1999).

Na sequência, Regina aborda a relação dos outros professores com o tema no contexto da supervisão:

Já na supervisão eu não tenho muito contato com que os outros profissionais fazem. A gente não tem muito contato com o que os outros profissionais estão fazendo, não existe aqui uma reunião acadêmica, não tem isso de troca... só existe uma reunião quando a gente tem que avaliar os alunos [...] no começo do ano. Não existe muita troca entre os profissionais, mas para mim, mesmo informalmente, quando a gente se reúne aqui na sala dos professores, no intervalo, não costuma ser uma conversa que aparece muito.

Regina se refere ao trabalho de supervisão como um campo de maior isolamento dentro do curso de psicologia. Isso parece estar relacionado com a maior proximidade da supervisão com a clínica, nas suas práticas. Segundo Ancona-Lopez (1997), a clínica tem se constituído um lugar de isolamento, onde os profissionais trabalham segundo suas crenças e pressupostos, sem muitas trocas com colegas de profissão. Regina relata não ter conhecimento de como os professores trabalham e não há diálogo a respeito na instituição. Informalmente, também não percebe a presença do assunto religiosidade.

A seguir, Regina reforça a existência do preconceito entre os professores e alunos quanto ao tema:

Agora, que realmente existe esse preconceito, existe. Se a menina falar que faz tarô, os professores vão começar a olhar torto para ela, mesmo. Eu não tenho dúvida disso. Eu acho que os alunos são bastante sábios quando eles tomam a atitude de não falar, porque acho que pode acontecer mesmo... Sabe, crente, essas religiões evangélicas, tem muita gente contra, porque é uma espécie de passividade, é uma alienação, é uma série de coisas que as pessoas falam e que eu acho que é sábio da parte dos alunos não revelarem essas coisas publicamente, até por causa dos colegas e tal.

Nesse contexto, Regina considera a melhor atitude dos alunos evitarem a exposição, não só em relação aos professores, mas quanto aos colegas

também, mantendo sua religiosidade no campo pessoal e privado. Ela reconhece o preconceito, apontando-o principalmente em relação a práticas esotéricas e religiões evangélicas. Segundo ela, as pessoas consideram tais práticas alienantes, passivas, entre outras críticas.

Eu acho que os alunos estão sendo sábios em não falar, porque vejo nos meus colegas uma predisposição para criticar, sim. A não ser que a pessoa, ela mesma seja religiosa, né! Nesses, eu vejo uma predisposição... e estou lembrando de uma pessoa em particular, que tem a predisposição oposta, ela tem a predisposição para julgar negativamente quem não tem uma fé religiosa, entendeu?! Achar que: 'Nossa, mas imagina, como é que pode.' Acha meio esquisito. Mas não é um assunto que ocupa o meu tempo, e nem as minhas conversas com as pessoas, até porque elas já sabem que eu... não trazem essa conversa comigo, porque já sabem que não vai ter muito sentido, não vai ter muito... a não ser que seja isso, como agora, um debate acadêmico.

Regina observa o preconceito das pessoas não religiosas, mas também o pré-julgamento de quem é religioso. Neste caso, há um viés de percepção, considerando estranho, talvez errado, quem não tem uma crença. Neste caso, pessoas com o posicionamento de Regina é que sofreriam a discriminação. É interessante notar que, em ambos os casos, há um exemplo de pouca tolerância à diferença e de percepções tendenciosas e enviesadas, de acordo com a própria perspectiva.

No entanto, Regina não se incomoda com nenhum destes posicionamentos, e as pessoas não tocam no assunto, pois sabem da sua posição. Ela continua falando sobre sua prática:

Agora, na supervisão eu acabo acolhendo porque eu acredito mesmo que a vida do outro é a vida do outro. A pessoa está dando um sentido para aquilo, sabe! Então, aquilo faz parte, como

o pai e a mãe dela, como a escola que ela escolheu para o filho, como as coisas que ela faz na vida. É mais um elemento, eu não tenho porque não considerar, sabe! Mas é como ela pintar o cabelo ou não. Entendeu? Não tem um peso maior do que isso.

Regina acolhe e trabalha o aspecto religioso, pois compreende que este faz parte da história de vida da pessoa, sendo parte da sua constituição como tantos outros elementos que, juntos, constituem a individualidade. Para ela, este assunto tem o mesmo peso que todos os demais, sem que precise ser discriminado ou acentuado as duas posições mais comuns, demonstradas em trabalhos da área, como Cesar, 2007; Luczinski, 2005, entre outros.

Ela continua seu relato sobre a prática docente:

Aqui comigo, na sala de aula, aparece muito porque é um lugar que eles podem... vários momentos das representações gráficas ou da fala deles são muito centralizados nessa questão da importância da fé religiosa, de estar afiliado a uma igreja. Há atividades que eu faço com música, que eu peço para trazerem músicas que tenham algum sentido especial para eles para que possamos compartilhar e muita gente traz CD da igreja, toca e isso não me incomoda. Se eu peço para trazer algo e o aluno apresenta algo de cunho religioso, isso para ele é super importante. Agora para mim não faz falta nenhuma, nenhuma.

Considera que o grande aparecimento do tema religiosidade nas suas aulas se deve à dinâmica da disciplina, que é vivencial, à qual os alunos são incentivados a levar o que é importante nas suas vidas. Ela não incentiva ou encoraja, mas está aberta ao que aparece, sem desqualificar as manifestações dos alunos.

No âmbito pessoal, porém, tem clareza de que esta dimensão não é necessária na sua própria vida, apesar de acolher enquanto docente, se é importante para os alunos.

Agora eu não sinto falta de religião, não sinto. Gosto do ritual, a missa católica, como eu cresci assim em um ambiente solene, e hoje eu tenho muita pena, quando vou à missa de sétimo dia, essas coisas, e eu gostava quando a missa era em latim, quando ela tinha essa distância. Acho que a Igreja Católica se perdeu um pouco tentando acompanhar as evangélicas, né. Eu acho que o que criava essa aura... uma das experiências para mim mais forte foi entrar na Catedral de São Pedro. Que é um lugar desenhado para você se sentir desse tamanho (fez um sinal, juntando os dedos, mostrando uma figura pequena), sentir a sua pequenez. Mas aí a minha perspectiva é toda existencial mesmo. Pensar isso, que é um mundo todo, imenso, que eu sou uma pequena parte e que existe uma variedade de coisas, eu vou pensando por aí. Essa grandiosidade, essa coisa, eu acho bonito, eu gosto (...) mas eu me senti assim também na Baía dos Golfinhos em Fernando de Noronha, eu me sinto assim em outras situações. Quer dizer, a gente é só uma coisinha, né! Qualquer aguinha varre para fora da terra e acabou. Essa noção de grandeza às vezes a gente tem, mas não é que alguém criou, que tem uma ordem, nada disso. É de que você é uma parte ínfima de uma coisa muito grande, né!

Diante da grandiosidade de obras e paisagens, Regina sente a pequenez à qual o ser humano está fadado. Para muitas pessoas, isso leva a um sentimento religioso mas, para ela, tal vivência a coloca diante da insignificância do ser diante do cosmos, da sua finitude e fragilidade. Não há pontes com o transcendente ou o pensamento em um criador. Ela analisa tudo isso de maneira concreta e existencial.

Conclui então sua entrevista:

Se eu tivesse que falar sobre religião, religiosidade, espiritualidade para alguém, eu falaria o que estou te falando, que eu não acredito em nada, tem gente para quem eu nem falo, porque me sinto que nem meus alunos, essa pessoa vai

pensar mal de mim se ela achar que eu não acredito em nada. Mas eu diria isso, que eu não acredito em nada, mas que se a pessoa acredita, não só eu acho... eu tenho uma certa inveja, tenho um pouco de inveja mesmo, sabe! De alguém que tem alguma coisa a recorrer, algo em que se apoiar quando acontece alguma coisa. Na minha vida, quando acontece alguma coisa eu recorro a mim mesma, as pessoas que são próximas, família, filhos e isso é uma coisa que me fortalece bastante. É isso, Cristina!

No final, Regina toca novamente na questão do preconceito: apesar de estar segura da sua posição, com a qual vive feliz e sem conflitos, ela teme ser julgada e não fala nisso com qualquer pessoa. Parece existir preconceito contra os dois polos: aqueles que têm uma crença e os que não têm nenhuma. Segundo Giussani (2000), a cultura atual valoriza a posição relativista, havendo um desconforto diante dos posicionamentos firmes sobre determinada questão. Mas Regina enfatiza sua posição, falando novamente na inveja que sente de quem acredita que existe algo maior para recorrer nos momentos cruciais da vida. Segundo Giussani (2000), há um desejo no coração do homem por este Outro Absoluto com o qual possa se relacionar, mesmo quando há sua negação.

Conclusão

Ao final deste trabalho, empreendo o esforço de colocar todas as entrevistas em paralelo, buscando travar entre elas e com os autores um diálogo para compreender os significados da religiosidade para professores e supervisores de cursos de graduação em psicologia e como lidam com essa questão junto aos alunos.

Segundo Szymanski (2002), “a compreensão do fenômeno vai se modificando no decorrer do processo de pesquisa e é paulatinamente aprofundada durante o trabalho de análise” (p. 72). Percebi isso acontecer durante o processo no qual vivenciei de maneira intensa o que é fazer uma pesquisa fenomenológica, na qual se ressaltaram, para mim, os seguintes desafios: inicialmente, é difícil se ater ao fenômeno vivido pelo colaborador no primeiro momento. Isso acontece porque a interpretação faz parte de nossa maneira de ver o mundo e é preciso treino e exercício para deixá-la de lado na primeira etapa da pesquisa. A segunda dificuldade foi mergulhar nas minhas vivências pessoais e deixá-las entre parênteses para fazer a observação e, posteriormente, as análises dos fenômenos, pois também sou professora de psicologia, entendo a situação de sala de aula e muitas das dificuldades vividas pelos colaboradores. Porém, procurava me lembrar sempre de que a forma como vivo é diferente da maneira deles viverem, para então perceber como se

colocavam diante do tema. Durante o desenvolvimento da análise das vivências de cada colaborador, foi necessário estabelecer um diálogo com todos estes aspectos e com autores do campo em questão, ampliando meus conhecimentos e amadurecendo o foco deste estudo. Dessa forma, cheguei ao quadro que apresento como conclusão desta pesquisa.

No decorrer das entrevistas, encontrei no relato dos colaboradores alguns temas comuns a todas elas. Ao responderem à pergunta que lhes foi dirigida, transitaram entre diversos âmbitos: diferenciaram a descrição de religião, religiosidade e espiritualidade; relataram como vivenciam sua própria religiosidade, na sua história de vida; falaram de como estabelecem as relações entre religião e ciência; descreveram como observam a incidência deste tema dentro do ambiente acadêmico; exemplificaram como lidam com a questão junto aos seus alunos. Após analisar todas as entrevistas, neste momento final do trabalho, estes temas aparecem como aspectos interligados que compõem o significado que a religiosidade tem para os docentes, cuja elaboração e integração interferem na atitude com os alunos em sua prática profissional.

Todos os colaboradores, ao definirem o que entendiam por religiosidade, transitaram entre as seguintes esferas, expressando-as de alguma forma nos seus discursos: origem das coisas e dos seres, sentido da vida, quadro de valores e referências, necessidade de conforto, dimensão de transcendência. Certamente, estas questões diferem segundo a vivência pessoal dos colaboradores, mas tocam aspectos essenciais do tema, exemplificados a seguir.

Para *Rafael*, a religião é a ritualização da religiosidade, com dogmas, preceitos e ritos. É um fenômeno cultural, um sistema de crenças, símbolos e valores. *Rafael* dá à religião uma conotação negativa, classificando-a como excessivamente doutrinária e dogmática. Diz, em determinado momento, que o cientista pode ser religioso, mas não pode ter uma religião, na medida em que, segundo ele, isso o atrapalharia.

A religiosidade, para ele, assim como a espiritualidade, é uma abertura para o desconhecido, um movimento de atribuição de significados àquilo que transcende o conhecido, ou vai além do cotidiano. Ele associa a criatividade a esse âmbito, por haver necessidade de nomear os fenômenos que a pessoa vive no seu movimento de transcender a si mesma, continuamente. Para ele, a religiosidade é uma função psicológica, sem a qual a pessoa não consegue viver, sendo fundamental para a existência humana.

Ana, por sua vez, compreende a religiosidade como um fenômeno da humanidade, que aparece principalmente na maturidade, no qual a pessoa se vê em relação com o mundo e com os outros, perguntando sobre o sentido da vida, sua origem e destino. Por outro lado, a religião, para ela, é algo institucional, com rituais que buscam o controle sobre a vida das pessoas, sendo até impeditiva em relação à felicidade. Dessa forma, ela diz se incomodar mais quando aparece o assunto religião do que religiosidade. Para ela, algumas religiões, como o Budismo, se aproximam mais de uma postura de abertura e de cultivo da religiosidade, sem gerar nela o mesmo incômodo.

Para *Lilian*, a religião tem a função de dar um limite para as pessoas, estruturando suas vidas, ajudando a organizar a sociedade com valores e parâmetros para as relações. A religião é parte da constituição do ser humano, seja ela qual for. Traz consigo o senso moral, o amor ao próximo, o respeito, a cidadania e remete à existência de um Outro que intervém na vida das pessoas. Ajuda ainda a perceber que o ser humano não é onipotente e que precisa se relacionar com o transcendente.

Ela compreende a religiosidade como a dimensão da fé e da oração, enquanto entende espiritualidade como um termo usado pelas pessoas que não querem se definir quanto a estas questões.

Regina diz ser uma pessoa muito distante das questões relacionadas à religiosidade. Para ela, a religião tem a função de dar sentido às experiências que fogem ao racional, trazer conforto para a pessoa em momentos difíceis e incompreensíveis, além de fornecer um quadro de valores bastante útil para organizar a vida. Ela, porém, afirma não ter necessidade disso. Para ela, o ser humano não tem contato com o transcendente, não havendo sentido fora da vida cotidiana, para a qual cada pessoa deve dar seu próprio significado.

Entre os colaboradores, observam-se visões de mundo elaboradas e coerentes, ao lado de concepções ainda em construção. Todos passaram ou passam pelo questionamento no âmbito religioso, mesmo *Regina*, que optou por excluí-lo da sua vida. Isso remete à argumentação de Safra (2004) segundo a qual toda pessoa formula uma ontologia e uma teologia pessoal. Para este

autor, não é possível viver sem se colocar estas questões, sobre a origem e o fim. Vemos esse movimento mesmo em *Regina* que, ao decidir-se pelo ateísmo, o faz em oposição a uma determinada crença que lhe é apresentada, elaborando depois sua própria visão de mundo.

Os relatos mostram que os colaboradores definiram religião, religiosidade e espiritualidade a partir das suas próprias vivências com o tema, e não a partir de estudos, reflexões sistemáticas ou diálogos no âmbito profissional. Tal distinção parece ter sido útil para que pudessem definir seu nível de envolvimento e adesão a este campo (se têm uma religião, uma religiosidade ou cultivam a espiritualidade), em oposição a outras formas de envolvimento.

Nos relatos de *Rafael* e de *Ana*, fica evidente sua necessidade de declararem ter um movimento de religiosidade e espiritualidade, mas não a adesão a uma religião. Assim, identifico nessa diferenciação algo mencionado por Ancona-Lopez (2005): a existência entre os psicólogos do “medo da religião”. Para esta autora, a maioria dos psicólogos aceita bem a religião enquanto fenômeno cultural, mas não no âmbito individual. Segundo ela, na concepção desses profissionais, de maneira geral: “[...] as religiões do ‘homem comum’ aparecem como restritivas e são apresentadas pelos psicólogos como limitadoras da sua própria espiritualidade” (p. 156). Isso reduz a abertura para os fenômenos religiosos, confinando as vivências ao campo pessoal, subjetivo de quem as vive.

Regina e *Lilian*, por sua vez, não dão à religião uma conotação negativa, no que tange aos seus efeitos para as pessoas, apesar de *Regina* achar este fenômeno desnecessário na sua vida pessoal e, de certa forma, ilusório de maneira geral. No caso de *Lilian*, porém, mesmo tendo uma adesão clara a uma denominação religiosa, critica outras denominações nas suas práticas e efeitos.

As falas dos colaboradores encontram-se em consonância com estudiosos da literatura em Psicologia e Religião, quando diferenciam religião, religiosidade e espiritualidade. Esta distinção, feita no campo conceitual, tem ocupado alguns teóricos da área, como demonstrado ao longo deste trabalho. Safrá (2005) articula e sintetiza essa discussão da seguinte forma:

Denomino espiritualidade o sair de si em direção a um sentido último [...]. Considero a religiosidade a espiritualidade que ocorre em meio a concepções sobre o divino. Chamo de religião o sistema representacional de crenças e dogmas consciente, por meio do qual uma pessoa procura modelar sua vida e conduta de maneira espiritual ou de modo antiespiritual (p. 210).

Podem-se ressaltar algumas diferenças importantes em relação às concepções dos colaboradores nessa distinção. Os estudiosos não conferem à religião uma conotação negativa; a espiritualidade é um movimento que se volta para o aprofundamento do sentido da vida e geralmente está ligada à vivência do sagrado, mas nem sempre toca as questões divinas; tais manifestações podem acontecer em qualquer etapa da vida humana, não se restringindo à maturidade. Outro ponto interessante é que mesmo uma adesão religiosa pode ser feita de maneira não espiritual. Ancona-Lopez (2005) assinala que a

religião, desconectada da espiritualidade que lhe deu origem, fica estéril e vazia, sendo apenas uma repetição que aprisiona e não contribui para o crescimento.

Durante suas entrevistas, após identificarem suas concepções e significados para este campo, considero interessante observar que todos os colaboradores contam a sua história pessoal. Narram sua busca espiritual, como chegaram ao posicionamento atual, mesmo sem serem perguntados diretamente sobre isso.

Rafael conta que teve uma formação inicial espírita, por parte de sua mãe, mas seu pai era ateu. Depois, mudou para o catolicismo e percorreu diversas religiões até chegar ao ponto atual; considera ter uma religiosidade, mas não uma religião. Para ele, assim se caminha mais, pois há maior liberdade de compreender as coisas por si próprio. Ele relaciona sua religiosidade com a escolha da sua teoria psicológica. Afirma que sempre observou muitos fenômenos acontecendo na clínica que transcendiam a relação terapeuta-cliente e que precisavam ser nomeados para serem trabalhados.

Ana, no âmbito pessoal, já tentou algumas vezes aderir a alguma religião, mas não conseguiu. Ultimamente tem percebido uma aproximação à religiosidade, um maior interesse por sua relação com o mundo e com os outros, assim como uma maior disposição para se perguntar sobre o sentido da

vida. Admite estar caminhando em direção a um amadurecimento neste campo e que ainda tem alguns preconceitos e desconfortos a serem trabalhados.

Lílian, ao longo da entrevista, para explicitar os significados de religião, conta sua história pessoal com muitos detalhes, revelando seu percurso desde a religião católica até chegar a umbanda. Neste caminho, relata diversos acontecimentos surpreendentes de origem espiritual e misteriosa que a mobilizaram. Atualmente, é dona de um terreiro de umbanda e forma outras pessoas na sua religião. Para *Lílian*, ser religioso é implicar-se com sua crença, participar, ter sentimentos, envolver-se. Para ela, a questão dos valores que cada religião traz é muito importante, como a ética e atitudes voltadas para o próximo.

Regina teve uma educação católica, mas nunca conseguiu acreditar em nada que lhe era proposto, tendo resolvido este conflito após a adolescência. Hoje, se considera feliz com sua maneira de ver o mundo, não se preocupa com este tema, nem se aflige por não existirem explicações racionais para certos fenômenos, como a morte. Recorre a si mesma, a amigos e familiares nas dificuldades e procura viver bem cada momento, dando sentido à sua existência, independentemente da dimensão religiosa, que foi excluída da sua vida pessoal.

A disposição de todos os colaboradores para falarem sobre suas vidas neste âmbito enriquece suas compreensões de religiosidade, mostrando a ligação das suas crenças com suas histórias de vida. Ancona-Lopez (2005) assinala o

caráter polimórfico das vivências religiosas, ao mesmo tempo em que assinala as dificuldades encontradas pelos psicólogos em descrevê-las em linguagem psicológica, em articulação com suas teorias. Considero que o momento da entrevista foi uma retomada das próprias histórias e concepções para os colaboradores que, confrontados com o tema, puderam dialogar também com sua prática psicológica. Isso, por si só, já ajuda a tirar este assunto do campo apenas individual e colocá-lo em diálogo. Porém, os estudos de Ancona-Lopez (2005) mostram que é preciso dar um passo a mais, articulando tais questões com a teoria psicológica escolhida por cada profissional. Apesar de tal discussão não ter aparecido nas entrevistas, considero que a situação de docência certamente obriga o aprofundamento deste diálogo, quando não se opta pela exclusão do tema, pois, ao falar disso com os alunos, a linguagem usada deverá ser a psicológica, exigindo maior adequação e integração entre o tema, a teoria e as crenças pessoais.

Ao longo das entrevistas aparecem as concepções dos colaboradores quanto à relação entre ciência e religião, ou seja, sobre a possibilidade de diálogo teórico entre tais esferas. As disposições neste aspecto diferem bastante. Para *Rafael*, pode e deve haver um diálogo entre estes campos, mas é preciso repensar a forma de se fazer ciência, rompendo antigos paradigmas. *Ana* não acredita na possibilidade de diálogo entre psicanálise e religião. Apesar de considerar este tema importante para a psicologia, ainda não encontrou uma forma de introduzi-lo no seu trabalho e não se aprofundou na relação entre estes campos do ponto de vista teórico. *Lilian*, por sua vez, não

vê antagonismo entre os dois campos e gostaria que houvesse mais discussão sobre isso na academia. *Regina*, porém, condena a defesa da psicologia exclusivamente enquanto ciência e sua separação da religiosidade e de questões esotéricas, por serem consideradas anticientíficas. Para ela, a psicologia também lida com o inefável e é preciso romper os julgamentos e preconceitos sobre o campo religioso.

Todos os colaboradores ressaltam a ausência do tema religioso entre os professores, ou sua discussão no meio acadêmico. Consideram a existência de preconceito em relação às religiões ou pessoas religiosas de maneira geral, bem como a discriminação do tema por ser considerado contrário ao discurso científico.

Ao falarem sobre a forma como lidam com seus alunos, observo as seguintes posições nos colaboradores:

Rafael, enquanto supervisor, busca orientar seus alunos para que não confundam o trabalho psicológico com as questões religiosas, pois muitas estão fora do seu campo de abrangência. Enquanto professor, porém, já orientou alguns trabalhos que articulavam psicanálise e religião, ajudando seus alunos a os desenvolverem de maneira metodologicamente correta. Nas suas aulas, procura falar da religiosidade, evitando discussões sobre religiões, e busca relacionar o tema às limitações do método científico, que por muito tempo tem excluído essas questões. Afirma trabalhar com tranquilidade neste campo.

Ana acolhe assuntos do âmbito religioso na clínica mas, em sala de aula, enquanto professora, tem maior dificuldade, optando por não aprofundar

estes temas. Teme a reação dos alunos, que podem ficar perturbados e se sentirem discriminados nas suas crenças. Acha que eles não têm maturidade para entender este assunto sem preconceitos e que seu entendimento se dá de maneira mais plana, sem profundidade. Tem medo também de gerar confusões quanto ao papel do psicólogo, e que os alunos não saibam os limites de sua atuação e da orientação espiritual. Considera que os alunos abordam o tema superficialmente, mas opta sempre por não aprofundar essas questões. Na supervisão, tem menos dificuldades com o tema, pois os grupos são menores e ela fica mais tranquila para lidar com estas questões quando elas aparecem. *Ana* geralmente se perde em críticas que despertam reações diversas nos alunos e a deixam temerosa e desconfortável. Admite preferir que se encerre logo qualquer discussão sobre o tema.

Lílian aborda este tópico nas disciplinas relacionadas ao trabalho e ética profissional, destacando o preconceito existente quanto a questões religiosas. Tem uma postura crítica em relação a diversas religiões e discute isso com seus alunos. Declara ser uma pessoa religiosa e fala sobre as diversas religiões, mostrando suas peculiaridades, aspectos sociais, valores. Não teme que a abordagem do tema gere polêmica em sala de aula e considera que os alunos ficam tranquilos quando sentem sua abertura às diversas religiões e seu conhecimento, mesmo sendo religiosa. Na supervisão, acontece o mesmo. Assim como em sala de aula, gosta de falar sobre o assunto e ressaltar a importância do respeito às diferenças.

Regina, enquanto psicóloga, acolhe os temas relacionados à religiosidade, como faz com qualquer outro assunto que seja relevante para seus alunos ou

clientes. Não tem nenhum preconceito e não julga as crenças das pessoas, incentivando-as a olharem com mais atenção tudo o que é importante para elas, mesmo que ela não acredite. Por lecionar uma disciplina na qual desenvolve oficinas de criatividade, este tema aparece muito nas suas aulas. O retorno dos alunos sobre seu trabalho confirma sua grande abertura para os tópicos discutidos. Para ela, a referência do trabalho do psicólogo deve ser sempre a vivência da pessoa em atendimento.

Quanto às posições assumidas por estes docentes psicólogos diante de seus alunos, é possível fazer um paralelo com as concepções de Wulff (1997), mencionadas por Ancona-Lopez (1999), e já apresentadas neste trabalho. *Rafael* tende a reduzir os conteúdos religiosos a manifestações psíquicas, por desconsiderar a importância da religião enquanto fenômeno social. Mas, em alguns momentos afirma a transcendência e busca uma forma de diálogo com este campo, aproximando-se da interpretação restauradora. Da mesma forma, *Lilian* está mais próxima desta última posição, pois afirma a transcendência, tem sua fé, mas cultiva uma postura crítica, buscando a integração entre suas concepções e outras, trabalhando a abertura ao tema. *Regina*, à primeira vista, nega a transcendência. Porém, não se fecha para os significados religiosos presentes nas outras pessoas, aproximando-se de uma atitude de interpretação restauradora. Por sua vez, *Ana*, mesmo começando a cultivar sua religiosidade, nega as vivências de outras pessoas e as dessacraliza, refletindo uma atitude de negação literal.

Ancona-Lopez (1999) nos adverte que tais posições não são estáticas e não devem ser usadas para classificar as pessoas, rotulando-as nesta ou

naquela categoria, mas servem de referência para compreender os vários modos como se aproximam da religião em diferentes momentos.

De maneira geral, *Regina* parece ter conseguido elaborar os conflitos existentes na sua história pessoal, quanto à questão religiosa. Provavelmente precisou refletir muito a respeito, comparando sua formação em colégio católico com suas impressões e crenças pessoais. Talvez tenha surgido daí uma certeza e uma tranquilidade que fazem com que ela seja capaz de lidar bem com o tema na sua profissão, sem se sentir ameaçada por ele ou por suas manifestações nas outras pessoas. Observo o mesmo em *Lilian*, cuja postura com os alunos é de abertura e franqueza. Ela parece ter vivido intensamente sua religiosidade ao longo da vida de forma a elaborar todas as questões e preencher suas necessidades nesse campo. Para *Rafael*, o ponto fundamental no significado que atribui à religiosidade é a importância do desejo humano de transcendência e a existência de situações na clínica e na condição humana de maneira geral que se voltam para esta dimensão. Considero, porém, que ele ainda não se aprofundou o suficiente nos temas de forma a criar para si uma teoria, denominando os fenômenos que observa e os integrando em sua prática. O mesmo se daria com *Ana* que, assim como ele, tem maior preconceito quanto às religiões institucionalizadas, apresentando entre os colaboradores a maior dificuldade em falar sobre o assunto durante a entrevista. Ao mesmo tempo, observo em *Rafael* e *Ana* um processo de aprofundamento pessoal nesse campo a partir do que mostraram em suas

falas. Provavelmente, tal amadurecimento poderá se refletir também na maneira como lidam com a questão religiosa na sua profissão.

Observa-se que a forma como os professores lidam com seus alunos diante do tema está relacionada ao significado conferido por eles às suas vivências no campo pessoal. Não houve uma reflexão teórica sobre a melhor maneira de lidar com o tema, ou estudos sobre Psicologia e Religião. Assim, tendem a reproduzir em sala de aula sua integração, elaboração ou mesmo preconceitos, os quais passam a atuar na formação do psicólogo.

No que tange o campo da religiosidade, sabe-se que há inúmeros preconceitos bastante arraigados, que muitas vezes escapam ao domínio racional e consciente do professor. Segundo Hermann (2002),

[...] é preciso mostrar a profundidade com que os preconceitos atuam na estruturação de nossa compreensão e o quanto uma mera conscientização não pode superar a força com que agem sobre nós (p. 86).

Segundo Ancona-Lopez (2005), muitas pesquisas presentes na literatura em Psicologia da Religião demonstram que a maioria dos psicólogos considera sua religiosidade um assunto particular, que não se baseia em nenhuma religião ou movimento determinado. Todos os colaboradores desta pesquisa confirmam o fato de que não há discussões sobre o tema no meio acadêmico e sua história pessoal com o tema mostra que empreenderam suas buscas de maneira individual. Sem dúvida, há um silêncio sobre este tema na psicologia de maneira geral e suas consequências podem ser ruins para estes profissionais e seu público, pois:

Paradoxalmente, esse silêncio sobre o tema da espiritualidade e da religião, e sua desvinculação de agrupamentos organizados, ao invés de afastá-lo da prática clínica e diminuir sua influência nos atendimentos, tem um efeito oposto (ANCONA-LOPEZ, 2005, p. 154).

Para que isso não aconteça na prática dos psicólogos, é preciso investigar suas vivências, colocando-as em diálogo com crenças e teorias. Esta é a relevância desta pesquisa que, ao buscar os significados de religiosidade para os docentes, ilustra como estes se mostram na sua forma de lidar com seus alunos e com o tema de maneira geral, levantando reflexões sobre a prática na formação dos futuros profissionais.

As falas de todos os colaboradores confirmam que o meio acadêmico rejeita assuntos relacionados à religião e à religiosidade, mas veem esta necessidade dentro da psicologia. Alguns estão trabalhando para que este diálogo aconteça, como *Lilian*, *Rafael* e *Regina*. Por outro lado, existe simultaneamente a postura de que este espaço deveria ser dado aos professores, instaurado de fora, de alguma maneira.

Porém, mais do que esperar mudanças na grade curricular dos cursos, acredito que uma mudança de postura no nível individual pode trazer mudanças amplas mesmo no nível acadêmico. A literatura em Psicologia e Religião mostra caminhos para se incluir o tema da religiosidade na formação dos psicólogos. A forma de se fazer isso é estimular o diálogo, acolher as perguntas, divulgar pesquisas e informações, disseminar o conhecimento sobre as diversas religiões existentes e seu papel na constituição humana.

Segundo Hermann (2002), o aprendizado se efetua por meio do diálogo, o qual faz parte da condição humana e é sempre transformador. Nesse sentido, é um encontro, no qual as diferenças se acrescentam e produzem algo novo. A autora assinala a possibilidade e a importância deste diálogo no meio acadêmico. Dessa forma, pode-se atingir o verdadeiro objetivo da docência, a formação da pessoa e, conseqüentemente, do profissional integrado. Na verdade, a proposta rogeriana para a prática educacional continua, a meu ver, sendo muito atual ao abarcar a postura dialógica, assim como todo tipo de tema, inclusive o religioso (ROGERS, 1983).

Esta pesquisa mostra, através de depoimentos, a diversidade de olhares e vivências nesse campo e como as experiências dos psicólogos com sua religiosidade devem ser valorizadas e investigadas. Os benefícios se refletem na elaboração pessoal destes profissionais, no caminho da integração de suas crenças e de suas teorias, e no âmbito do ensino, pois estarão mais preparados para acompanhar os alunos em formação, ajudando-os a se posicionarem de maneira inteira e integrada dentro do estudo e da prática em Psicologia.

Os diálogos com teóricos e a experiência dos docentes empreendidos nas análises explicitam pontos interessantes para serem discutidos e observados pelos professores na sua prática.

É preciso ter a abertura à experiência e à diversidade apresentadas na postura de *Regina*, a preocupação com a cientificidade e o rigor, como *Rafael*, a visão ampla e socialmente engajada de *Lilian* e o questionamento pessoal, com

consciência das próprias limitações e preconceitos admitidos por *Ana*. Cada um dos colaboradores apresenta mais ressaltado um aspecto da prática psicológica e docente e todos eles ajudam a refletir e delinear um caminho nesse campo tão complexo.

Acredito que as discussões aqui levantadas possam ajudar os professores universitários na busca por uma prática mais humana e científica em relação ao tema da religiosidade. Certamente, seria interessante que se desenvolvessem trabalhos posteriores enfocados nos alunos, cujas experiências podem também levantar outros pontos importantes para a prática docente, já que são eles o alvo do trabalho do professor.

Espero que esta tese possa contribuir para a reflexão de psicólogos supervisores e professores, mostrando que a mudança na inclusão do tema nos cursos de psicologia começa na integração do tema à esfera pessoal, partindo do contato maior com as próprias vivências e crenças. Certamente, é importante haver debates e a criação de disciplinas sobre psicologia e religião na grade curricular dos cursos, mas a postura do professor em acolher e dar o direcionamento adequado a questões desse campo ainda se revela como o ponto principal neste caminho, segundo a abordagem dialógica aqui utilizada.

Referências Bibliográficas

ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: EDUSC, 1998.

ALES BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: EDUSC, 2006.

ALETTI, M. Arte, cultura e religião na vida adulta: rabiscos winnicottianos. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007.

AMATUZZI, M. M. *O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. Campinas: Papirus, 1989.

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da Pesquisa Fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 13, n.1, p. 5-10, 1996.

AMATUZZI, M. M. Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

AMATUZZI, M. M. Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, G. J. (Org.). *Diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.

AMATUZZI, M. M. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Omega, 2001a.

AMATUZZI, M. M. *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Alínea, 2001b.

AMATUZZI, M. M. O desenvolvimento da representação na religião. In: SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA E SENSO RELIGIOSO, 4, 2002. *Processos psicológicos na representação religiosa*, São Paulo, 2002.

AMATUZZI, M. M. Uma aproximação fenomenológica à experiência religiosa. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007.

ANCONA-LOPEZ, M. A experiência religiosa na prática clínica. In: I SEMINÁRIO: PSICOLOGIA E SENSO RELIGIOSO, 1997, Ribeirão Preto. *A Psicologia e o Senso Religioso: Anais do Seminário*. Ribeirão Preto: Salus, 1997, pp. 5-16.

ANCONA-LOPEZ, M. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

ANCONA-LOPEZ, M. Psicologia e religião: recursos para a construção do conhecimento. *Revista Estudos de Psicologia, PUC-Campinas*, Campinas, v. 19, n. 2, pp. 78-85, mai/ago 2002.

ANCONA-LOPEZ, M. Representação de Deus em pós-graduandos em Psicologia Clínica. In: SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA E SENSO RELIGIOSO, 4, 2002. *Processos psicológicos na representação religiosa*, São Paulo, 2002a.

ANCONA-LOPEZ, M. A espiritualidade e os psicólogos. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

ANCONA-LOPEZ, M. As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007.

BERGIN, A. E.; PAYNE, I. R.; RICHARDS, P. S. Values in Psychotherapy. In: SHAFRANSKE, E. P. *Religion and the Clinical Practice of Psychology*. Washington, DC: American Psychological Association, 1996.

BICUDO, M. A. V. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CESAR, C. F. D. A. *Histórias de vida, opções teóricas em psicologia: uma abordagem fenomenológica*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DANON, M. *Counseling: uma nova profissão de ajuda*. Curitiba: Sociedade Educacional e Editora IATES, 2003.

DELEFOSSE, M. S; ROUAN, G. *Les méthodes qualitatives en Psychologie*. Paris: Dunod, 2001.

EINSTEIN, A. *Escritos da maturidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ESTEVES, M. C. S. *Ser professor: um estudo do pedagogo-professor do curso de pedagogia*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação (Psicologia da Educação) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ESTEVES, M. C. S. O significado da religião na formação do psicólogo: um estudo em andamento. In: V SEMINÁRIO NACIONAL DE PSICOLOGIA E

SENSO RELIGIOSO, 2004, Campinas. *Anais do V Seminário Nacional de Psicologia e Senso Religioso: religião e espiritualidade*. Campinas: PUC-CAMP, 2004.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FORGHIERI, Y. C. Estudo de Experiências Vividas de Realização Pessoal. Resumo em *Ciências e Cultura – Suplemento*, v. 36, n. 7, 1984.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FORGHIERI, Y. C. *Aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FRANKL, V. *Psicoterapia para todos*. Petrópolis: Vozes, 1990.

GIORGI, A. *Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GIORGI, A. *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GIORGI, A. *Phenomenological Psychology*, In: SMITH, J.; HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. (Ed.). *Rethinking Psychology*. London: Sage Publication, 1995.

GIOVANETTI, J. P. O sagrado e a experiência religiosa na Psicoterapia. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do Mistério: Psicologia e Senso Religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

GIOVANETTI, J. P. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

GIUSSANI, L. *O senso religioso - primeiro volume do PerCurso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GLEISER, M. *Micro macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço*. São Paulo: PubliFolha, 2005.

GOMES, W. B. *Fenomenologia e pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

GOMES, W. B.; KRISTENSEN, C. H.; FLORES, R. Z. Revelar ou não revelar: uma abordagem fenomenológica do abuso sexual com crianças. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Org.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega, 2001.

GONTIJO, E. D. Limites e alcance da leitura freudiana da religião. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

HOLANDA, A. Fenomenologia da religião em G. Van der Leeuw. In: HOLANDA, A. (Org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. Campinas: Alínea, 2004.

JOSGRILBERG, R. S. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: POKLADEK, D. D. (Org.). *A fenomenologia do cuidar: prática dos horizontes vividos nas áreas de saúde, educacional e organizacional*. São Paulo: Vetor, 2004.

JUNTA DE SERVIÇOS GERAIS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL – JUNAAB. *As doze tradições*. São Paulo: CLAAB, 1986.

LARRABURE, M. G. *Semelhanças e diferenças entre o aconselhamento psicológico e o aconselhamento espiritual: os últimos passos de um homem*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

LUCZINSKI, G. F. *O psicólogo clínico e a religiosidade do cliente: impactos na relação terapêutica*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAHFOUD, M. Encomendação das Almas: mistério e mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAHFOUD, M. Necessidade, desejo e exigências: cultura como âmbito da experiência. In: PAIVA, G. J. (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.

MAHFOUD, M. *Folia de Reis: Festa Raiz – psicologia e experiência religiosa na estação Ecológica Juréia-Itatins*. Campinas: Companhia Ilimitada/Centro de Memória, 2003.

MAHFOUD, M.; COELHO JÚNIOR, A. G. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, pp. 95-103, 2001.

MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. O cientista Miguel Rolando Covian: uma experiência totalizante. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. O ouvir ativo: recurso para criar um relacionamento de confiança. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (Org.). *As relações interpessoais na formação de professores*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1994.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. Abordagens psicológicas à experiência religiosa: traçando a história. In: I SEMINÁRIO: PSICOLOGIA E SENSO RELIGIOSO, 1997, Ribeirão Preto. *A Psicologia e o Senso Religioso: Anais do Seminário*. Ribeirão Preto: Salus, 1997.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. Senso religioso: dinamismo da experiência, desafio para a psicologia. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MUCCHIELLI, A. *Les methodes qualitatives: que je sais?* Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

NELSON, B.; RAWLINGS, D. Its Own Reward: A Phenomenological Study of Artistic Creativity. *Journal of Phenomenologica Psychology*. v. 38. p. 217-255, 2007.

OLIVEIRA, A. L. R. *Os sentidos da religiosidade de idosos adeptos do catolicismo popular da região do triângulo mineiro*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PAIVA, G. J. Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n.3, p. 1-7, 2002.

PAIVA, G. J. Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: AMATUZZI, Mauro Martins. *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

PERRENOUD, Ph. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PINTO, G. A. C. O zen e as artes japonesas. *Cadernos Candido Mendes*, Centro de estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 33, 1980.

PLACCO, V. M. N. S. Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (Org.). *As relações interpessoais na formação de professores*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PRADO, A. Arte como experiência religiosa. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

RIBEIRO, J. P. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, A. (Org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. Campinas: Alínea, 2004.

ROGERS, C. R. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983.

SAFRA, G. Sacralidade e fenômenos transicionais: visão winnicottiana. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

SAFRA, G. A vivência do Sagrado e a pessoa humana. *Núcleo de Fé e Cultura*. PUC-SP, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 2-3, 2003.

SAFRA, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

SAFRA, G. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. In: AMATUZZI, M. M. *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

SAFRA, G. Perspectivas do manejo clínico da experiência religiosa. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor, 2007.

SAMPAIO, J. R. Experiência numinosa e “confissões de fé” em Carl G. Jung. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

SHAFRANSKE, E. P. *Religion and the Clinical Practice of Psychology*. Washington, DC : American Psychological Association, 1996.

SHAFRANSKE, E. P.; MALONY, H. N. *Clinical Psychologists' religious and spiritual orientations and their practice of psychotherapy*. USA: American Psychological Association, 1990.

SZYMANSKI, H. (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora, 2002.

VAN DER LEEUW, G. *Fenomenologia de la Religion*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1964.

VATTIMO, G. *Creer que se cree*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

VERGOTE, A. *Psicologia religiosa*. Madri: Taurus, 1969.

WULFF, D. M. *Psychology of Religion: classic & contemporary*. New York, John Wiley & Sons, 1997.

ZACHARIAS, J. J. M. *Psicologia e Religião: olhares diferenciados do mesmo fenômeno*. *Symbolon – estudos junguianos*. Curitiba. Disponível em: <www.symbolon.com.br/artigos/psicoerelig.htm>. Acesso em 14 ago. 2005.

Anexos

Anexo 1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: “Os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de psicologia”.

Justificativa: A justificativa deste estudo é a necessidade de compreender, mais profundamente, os significados da religiosidade para docentes supervisores do curso de psicologia, buscando esclarecer como estes profissionais lidam com essa temática, integrante da subjetividade, na sua vida e também na sua ação profissional; bem como a realização de uma tese de doutorado junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Objetivo da Pesquisa (em termos simples): Compreender quais os significados da religiosidade para professores e supervisores de cursos de psicologia e como lidam com essa questão junto aos seus alunos.

Método e Procedimentos a serem utilizados: Entrevistas gravadas sobre os significados da religiosidade e como lidam com essa questão.

Métodos alternativos e riscos: Não se trata de intervenção terapêutica e não será utilizado nenhum procedimento invasivo.

Liberdade de Recusa: O entrevistado é livre para recusar participar das entrevistas ou retirar seu consentimento em qualquer momento do trabalho sem sofrer penalização de nenhuma espécie.

Garantia de Sigilo: É garantido ao entrevistado o sigilo das informações que fornecer ao pesquisador responsável, referentes à sua vida pessoal, de modo a garantir sua privacidade. Os resultados da pesquisa somente poderão ser divulgados sob a forma de trabalho científico preservando sua identidade.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

Registro, aqui, o meu pleno consentimento para que a(s) entrevista(s) referente ao estudo acima mencionado, possam ser gravadas, bem como para a utilização dos dados, retirados das transcrições das fitas, guardadas as Normas Éticas do Conselho Profissional.

Entrevistado:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

1ª Testemunha:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

2ª Testemunha:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

Pesquisador Responsável:

Nome: _____
RG: _____ CPF: _____
Data: ____/____/____. Assinatura: _____

Anexo 2

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ANA

Então, assim, eu vou falar primeiro como é que eu entendo essa questão de religião e religiosidade, na minha atuação profissional, tá!? Eu entendo assim, que a religiosidade é um fenômeno da humanidade, que se expressa de diferentes formas em diferentes culturas. Então, o que eu percebo é que, para algumas pessoas, o tempo todo, eu percebo assim, o tempo todo de vida e, para outras pessoas, num determinado momento de vida – o que eu identifico mais como sendo maturidade e velhice –, eu acho que passa a ter um significado importante você pensar em algo além daquilo que você... percebe, aquilo que você convive concretamente, então, isso que eu identifico em algumas pessoas.

Como psicóloga, na atuação, eu acho que, assim, você acaba tendo que respeitar essa necessidade de expressar, essa... essa necessidade de contato, de compreensão do ser humano nesse contexto mais amplo. Para onde a gente vai? Qual o sentido da vida? Eu acho que isso é uma questão significativa. Então, como psicoterapeuta, quando isso aparece nas sessões de terapia, para mim é simplesmente o quê? Alguma coisa que está expressando, uma necessidade daquela pessoa se compreender, alguma coisa que vai dar sentido à vida dela, que de alguma maneira expressa crenças que ela tem, valores, expectativas que ela tem, e que às vezes me parecem muito relacionadas à proximidade do fim, quer dizer, você... na infância, não percebo tanto isso, na juventude é eventual, agora na maturidade, eu sinto que faz parte do processo de autoconhecimento, você se questionar a respeito disso, né!? De qual o sentido da vida? Existe algum ser, alguma entidade, algum fenômeno que está... que rege esses... todas essas coisas

que acontecem... esses fatos... esses acontecimentos da vida da gente? E começa assim, acho, a cultivar mais em si essa busca, uma busca assim, que eu às vezes, entendo assim, um certo desligamento das coisas concretas, uma valorização, assim das questões mais universais, então eu acho que deve ser tratado... Eu imagino e trato esses assuntos quando eles chegam, até uma sessão de terapia dessa maneira, né! E trato... e eles são conversados, não é uma coisa que a gente vai impedir de comentar: – “Olha, isso não é um assunto que a gente pode abordar.” Não é isso, não entendo dessa maneira, a gente pode abordar esse assunto e esse assunto para mim tem essa característica, da pessoa estar querendo se conhecer, conhecer o sentido da vida dela, se preparar, né! E, na verdade, se conectar ao humano de uma maneira geral, não se perceber como um indivíduo isolado, mas como fazendo parte de uma... da humanidade. Então, entendo a religiosidade dessa maneira.

Agora, isso para mim não se confunde com religião, né! Porque para mim religião está mais associada a uma institucionalização dessa necessidade humana, então aí, são as instituições religiosas, com seus rituais, que às vezes me parecem impeditivos que buscam um controle excessivo sobre a vida das pessoas e, às vezes, acaba funcionando, eu acho, como impedimentos para a felicidade, é assim que eu entendo. Então religião, eu devo ser sincera, assim... é um tipo de assunto que quando é abordado ele me incomoda mais, não a religiosidade, mas a religião, quando ela vem daquela forma estereotipada, quando ela vem no sentido assim de tentar doutrinar todo mundo, a fazer parte, a compactuar, compartilhar os mesmos... às mesmas ideias, os mesmos valores, que é alguma coisa que é assim, a gente identifica em algumas religiões, né! Em algumas religiões, em algumas instituições religiosas. Não pode isso, não pode aquilo, não são todas, mas algumas me parecem que cumprem essa função. Então, quando a gente se depara com essas pessoas que frequentam esse tipo de instituição religiosa, até para ser mais clara, as religiões tipo assim: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, isso torna o trabalho da gente mais difícil, sim. Diferente de você ter uma pessoa, por exemplo: que é espiritualista, ou que é budista, porque o apelo, é... não apelo, mas... como é que eu poderia dizer... o que eles pregam... eu acho que está mais... eu sinto que está mais em maior consonância com essa

questão da religiosidade. Então o desapego, o amor, um amor pelo ser humano, um amor pela manifestação da vida, em qualquer forma que ela possa se manifestar, então nesse sentido, eu acho, eu sinto um movimento mais maduro, em algumas instituições religiosas, em outras uma coisa mais primitiva de limitar, de impedir, de controlar, de impedir a subjetividade, você não pode ser um sujeito, você vai ser o quê? Você vai ser parte de um... de uma... como é que eles chamam... de um exército, tem alguns que usam até esse termo, um exército que vai divulgar a palavra de Deus, né! Então são coisas diferentes. Agora eu acho que, assim, eu identifico essa questão que você colocou, de que na formação, a gente como formador de psicólogos, esse tipo de questão tem sido abordado muito pouco, de maneira muito sutil, eu sinto às vezes um certo constrangimento da parte dos professores, de ficar assim... de não ter muita disponibilidade para estender qualquer comentário que um aluno faça que tenha essa característica, porque a preocupação da gente, eu acho que nesse momento que está vivendo a psicologia, é da gente não confundir papéis, e eu, assim, eu não sinto – aí pode ser uma dificuldade minha – eu não sinto nos alunos, às vezes, maturidade para compreender a questão da religiosidade de uma maneira mais ampla, eles acabam ficando naquela coisa mais plana, mais concreta, então quando você... se você, por exemplo, o meu temor é o seguinte, se você de repente fala da religiosidade e eles confundirem de que eles vão ter que então perguntar qual a religião da pessoa, dar palpite sobre isso, porque às vezes eles entendem as coisas que a gente diz de uma maneira bastante concreta, e como a gente tem uma preocupação muito grande em não misturar o que é o papel do psicólogo e do que é um papel de um orientador religioso, da sua fé, das suas questões que digam respeito à fé, então eu prefiro tratar dessas questões de maneira mais reservada, sempre de maneira assim respeitosa, eu procuro sempre assim, toda a pessoa tem a sua crença ela deve ser respeitada, mas assim, não é uma... está muito mais ligada aos exemplos que eles trazem; então uma pessoa que tem isso a gente pode falar tal coisa? Porque às vezes eles fazem comentários preconceituosos, então aí você fica numa situação delicada porque se você diz que aquilo é preconceito, você às vezes pode ofender algumas pessoas que tenham aquela religião, que pratiquem aquela religião, se você faz um comentário às vezes que é um comentário pessoal, eu,

porque aí eu falo de mim, como eu disse aqui no começo, algumas instituições religiosas parecem que têm um movimento que eu identifico como mais maduro e outras realmente eu acho que têm um movimento mais restritivo e aí o que acontece? Se eu manifesto essa minha compreensão, eu posso estar ofendendo alguém, eu posso estar gerando uma polêmica e essa polêmica, às vezes, eu acho que pode ser mal entendida. Então a gente trata de maneira respeitosa, quando aparece espontaneamente, eu até costumo dizer o que eu acho, mas eu sempre trabalho de uma forma mais ampla, não fico entrando em detalhes. Não aprofundo o assunto. E é até uma coisa interessante, porque assim, o ano passado, por exemplo, nos trabalhos de conclusão de curso, dois acabaram se interessando exatamente por esse tema: Psicanálise e religião, imaginando, assim, que as duas coisas pudessem caminhar juntas; e outra falava sobre a religiosidade, o papel da religiosidade para o psicólogo ou para um cliente de um psicólogo, essa não me lembro muito bem; mas é exatamente isso, você percebe, que mesmo um aluno de quinto ano, faz uma confusão, porque eles acreditam que psicanálise e religião podem de alguma maneira estabelecer algum vínculo, o que eu particularmente acredito que não é possível, porque partem de valores completamente distintos, então eles não conseguem, assim: A psicanálise pode, um psicanalista pode trabalhar, fazer análise com uma pessoa que é religiosa? Pode, não existem impedimentos. Agora você pode misturar, psicanálise e religião? Não pode, porque são coisas distintas, e às vezes fica difícil, isso aconteceu com aluno de quinto ano e os alunos que fizeram esse trabalho eram alunos muito sérios, uma delas era uma religiosa, então acho que ela estava procurando, é um movimento pessoal, como é que eu faço?... Ela era uma freira, uma moça de uma instituição religiosa, de uma ordem religiosa. E o que ela faz? Como ela concilia os conhecimentos que ela adquiriu sobre a psicanálise, a compreensão do homem que a psicanálise apresenta com o fato de ela fazer parte de um grupo de uma ordem religiosa? Então, a questão do pecado, a questão principalmente da sexualidade, deu uma discussão muito interessante, mas em alguns pontos do trabalho você vê que aparecem expressões como: “é possível”... “é possível você fazer as duas coisas juntas”, e fica difícil você dizer que não, que você pode como psicólogo ter a sua, viver a sua religiosidade da maneira que te satisfaz, que te traga elevação

espiritual, vamos dizer assim, né! (risadas); mas quando você está exercendo o seu papel de psicólogo, você não vai abordar essas questões, você trazendo esse conteúdo, acho que você pode abordar se a pessoa traz e tentar entender dentro da tua perspectiva. Qual é aquele conteúdo? Qual o significado daquilo naquele contexto? Por que aquele ritual? Sei lá eu... o casamento, por exemplo, que é uma coisa que acontece muito, a pessoa nunca frequentou religião, mas na hora de se casar ela quer ser abençoada, aquilo faz um sentido, então você pode compreender aquilo, quer dizer, você está se casando, você quer que tudo dê certo, então você vai contar com todo o arsenal que você puder (risadas) para você garantir que aquilo que você está sentindo naquela hora, que aquilo permaneça, então... fazer um voto... parece importante e que esse voto seja assim (mais risadas) seja feito na presença de alguém, de um ser que você imagina que tem um poder além daquele que você tem (falou isso dando muita risada), mas é difícil, eu acho que nas supervisões é difícil, às vezes a gente, eu já passei por situações em supervisão, no quinto ano, de ter alguns alunos ridicularizando o conteúdo de sessão de pessoas que estão sendo atendidas e que são religiosas... Então, aí, você tem que tratar essa questão no grupo. Por que aquela reação? Ah, porque isso é ridículo ou porque esse pessoal é ridículo! E a gente volta para uma questão assim, que julgamento é esse, e é nosso papel julgar as escolhas que uma pessoa faz? Escolhas em relação a que... a preferência sexual? Porque isso também tem. A religião, a maneira de conduzir a sua vida? Não é nosso papel, e aí a gente volta para essa questão, quer dizer, como psicólogo o compromisso que eu acho que a gente tem que ter, é um compromisso de oferecer para uma pessoa uma possibilidade dela poder crescer, dela sentir que ela está crescendo, que ela está se expandindo, que ela está se apropriando mais das suas possibilidades e agora para onde isso vai caminhar? É para onde a pessoa desejar, e aí você tem que fazer esse papel, se de repente ela quer seguir uma carreira que tem alguém que não está valorizando. É aquilo que ela quer, é aquilo que deseja, é aquilo que vai fazer feliz? Então, você vai possibilitar o quê? Que ela faça esse percurso... se é uma questão religiosa, se é uma questão de outra ordem, o papel da gente é o mesmo. Não ficar convencendo uma pessoa que ela tem que sair daquela religião, né! Até porque eu acho que nem precisa, eu acho que quando você possibilita um

espaço que a pessoa possa se sentir mais real, que ela possa se apropriar mais dos seus desejos, naturalmente, ela vai fazer as escolhas dela, então, às vezes, naturalmente ela pode ou escolher vivenciar a sua espiritualidade, ou abrir mão de participar de um grupo que de alguma maneira não está atendendo a essa busca que ela tem, que não tem a ver com essa, com esse grupo, com essa instituição religiosa. Mas agora para os alunos é uma questão delicada, que não é fácil de tratar.

Entrevistadora: Comente um pouco dessa questão do significado para você.

Agora, pessoalmente, eu até tenho, eu sempre fui uma pessoa assim, que não valorizava, não dava nenhum valor a esse aspecto, não conseguia assim, eu não conseguia... Eu tinha uma crítica muito acentuada, a toda essa questão da religiosidade. Você acreditar em alguma coisa que não fosse alguma coisa que você pudesse compreender. Agora, eu sinto que isso está mudando para mim, e mudando nesse sentido que acho que foi o que eu acabei colocando indiretamente... As coisas não se dissociam, o que eu entendo agora é, eu continuo avessa a qualquer instituição religiosa, quer dizer, eu não aceito o fato de que algumas pessoas, como nós, pessoas comuns, se arvorem no direito de assim: “Olha, eu serei o seu orientador, eu vou ser um pastor”. Eu sinto aí, assim, uma certa hierarquia que não cabe, então, assim, não aceito, e isso nas instituições religiosas de uma maneira geral, eu sinto que as pessoas se colocam, assim, como se você fosse uma ovelhinha desgarrada, um cordeirinho que precisa ser cativado e voltar ao rebanho, então, esse discurso para mim é completamente aversivo, então eu não consigo, já tentei algumas vezes, porque achei que poderia ser uma coisa interessante. Eu não consigo me vincular a instituições religiosas. Agora, quando eu penso em religiosidade, isso tem me mobilizado bastante, eu tenho pensado muito nisso, assim, de que na medida em que você amadurece você acaba, parece que é uma coisa espontânea, que você começa a se ocupar do humano, para mim é assim que aparece: “Olha, eu sou um ser humano, eu faço parte de um todo. O que nos liga, o que a gente pode fazer por esse todo?” E aí, me vem umas coisas que eu identifico no discurso de algumas... sei lá eu... não seriam religiões, mas assim alguns textos que falam da religiosidade, a coisa assim de você ter um amor pelo que é vivo, pelo que é vivente, pela vida, um amor

pela vida, o respeito pela vida em toda a sua manifestação, uma certa assim... eu acho, que cultivar a generosidade, que me parece que é uma coisa assim cristã, digamos assim, né! De você ser generoso, de você ser verdadeiro, de você ser solidário, de você ser disponível; que eu acho que é uma coisa que a religiosidade, eu acho ela busca, que a gente estabeleça parcerias amorosas, generosas, de doação; algumas falas que estão muito relacionadas a discursos religiosos me mobilizam bastante, eu realmente acredito assim, que a gente tem essa busca por cultivar esse amor à humanidade, eu acho que a gente devia ter sempre em mente que a gente não deve fazer para o outro aquilo que a gente não quer que façam com a gente, não é?! Então, isso me mobiliza bastante, aquela coisa de amar uma pessoa, amar ao próximo como você ama a si mesmo, não é uma coisa fácil, e acho que é por isso, eu sinto que é por isso que é um percurso tão difícil e assim, o que me mobiliza também é que eu identifico que isso já é uma vivência mesmo para algumas pessoas. Eu identifico em algumas pessoas, que esses princípios estão incorporados nas pessoas, e nessas pessoas, eu sinto alguma coisa muito positiva, muito positiva, parece que a vida fica mais leve, ao pensar na morte não fica tão angustiante, não é?! Quase como se você estabelecesse um vínculo com esse todo e a tua existência, ela não fica tão pequena, aí, você não se torna tão mesquinho, acho que a vida é melhor quando você consegue esse trabalho que eu acho que é um trabalho interno de elaboração de amadurecimento, que não é qualquer pessoa que consegue, então, eu tenho pensado essas questões desse jeito assim: religião... me ligar... me definir... eu sou católica... eu não consigo... eu acho que, eu sou uma pessoa que cada vez mais tem valorizado essa busca por uma vivência desse todo, dessa humanidade como um todo, que parece uma questão religiosa, a gente tem uma ligação, tem uma continuidade, como as coisas aconteceram antes, mais, assim...eu estou engatinhando, digamos assim... eu estou cheia de boas intenções (risadas)... mas, o meu lado racional ainda, às vezes, ainda me pega.

Agora na supervisão, eu acho assim, eu tenho conseguido lidar melhor com isso, mas em grupos pequenos, em grupos de supervisão, que às vezes você tem dez, doze pessoas; acho que não passa de dez... no máximo doze, mas é exceção, tratar esse tipo de questão é mais fácil; agora em classe, em grande classe, de assim de oitenta alunos, eu ainda não me sinto muito à vontade, assim, eu falo, mas a

impressão que eu tenho, agora até falando com você... é que o quanto antes isso terminar melhor, porque isso vai chacoalhar menos, isso vai render... isso vai render... porque o pessoal se inflama, eu já vi isso acontecer, o pessoal se inflama, e o pessoal começa a ficar muito alterado, e é... principalmente... as pessoas se sentem muito magoadas, eu acho que algumas pessoas que praticam algumas religiões elas se sentem discriminadas, que elas são hostilizadas, então elas... algumas, já sentiram e acho que isso gerou um certo temor, que eu possa estar menosprezando a crença deles, que eu possa estar agredindo, que eu possa estar diminuindo, então, eu tenho essa preocupação. Eu digo: "Gente, olha...". Eu tenho uma fala que já previne algumas coisas, então eu me pego assim: "Gente, olha, o comentário que eu vou fazer, por favor, vocês não se sintam ofendidos, eu vou falar dentro dessa perspectiva, mas em alguns casos, assim, esse tipo de instituições elas acabam cumprindo um papel assim, porque ela tem essa característica". Até identifico mais claramente para você, quando eu trabalhei em posto de saúde eu vi, eu convivi com muitos quadros bem graves de distúrbios mentais, muito graves, muito bem contidos dentro de instituições religiosas do tipo Assembleia de Deus... Sabe, quando a pessoa, assim, ela é aceita, ela tem um papel, ela é valorizada e ela fica... sabe quando o quadro estabiliza. Por quê? Porque o controle que você não pode ter internamente ele está manifestado ali, você está seguro, você está sendo observado, você está sendo acompanhado, e não é por qualquer um, Deus está olhando por você! Deus está... (risadas). Então, aquilo de alguma maneira estabiliza e às vezes a pessoa tem uma vida familiar melhor, ela tem uma vida social melhor, então, não vou negar que isso é um benefício para a pessoa, eu acho. Então, quando eu vou fazer algum comentário desse tipo, né! Eu já digo: Olha gente, isso é para algumas pessoas, mas existe isso, é uma coisa que a gente... não estou falando de maneira... às vezes, o meu discurso acaba acentuando um preconceito que eu tenho, então sempre... porque você previne... Olha, toma cuidado, não estou querendo, não estou falando, olha só a besteira (risadas) ser tal coisa, mas... aí eu falo... mas isso assim, de alguma maneira aplaca um pouco, não é?! Às vezes, porque eu já tive várias alunas que são religiosas católicas, tratar de algumas questões, ao todo acho que foram três, agora estou com a quarta aluna... Então, tem algumas coisas que você tem que tomar cuidado porque a pessoa fica inquieta, a

pessoa se sente mesmo agredida, ela fica inflamada, porque ela não concorda e quando não concorda, eu poderia estar discutindo: Olha, o fato de não concordar, pensa bem nessa tua atitude, porque se a gente não concorda e fecha a posição, como é que a gente vai fazer se a gente tiver que lidar com questões diferentes da gente, a gente não vai ouvir porque isso não é certo... não serve, porque não é assim, não é isso que importa, então acaba acentuando mal algumas coisas, algumas atitudes. Mas eu não evoluo nisso não, eu não evoluo, eu não me aventuro ainda, não me sinto segura, não me sinto segura para estar fazendo... para mim, agora parece meio ousado ficar levantando essas questões... em grupos pequenos como na supervisão eu resolvo melhor e, assim, eu acho que eles estão em outro momento, eu acho que eles, pelo menos comigo, o que acontece comigo, eu tenho uma vivência maior com eles, como eu dou aula do segundo até o quinto ano, então, eles têm contato comigo no segundo, no terceiro, no quarto e no quinto... em momentos diferentes; segundo e terceiro eu realmente dou aula para toda a classe, já no quarto para alguns, eu acompanho algumas atividades, então, sabe quando é assim, fica mais fácil aceitar um comentário mais polêmico de uma pessoa com quem você já tem uma certa vivência, do que de uma pessoa que você acabou de conhecer agora, eu acho assim, eles já sabem de mais opiniões minhas, já sabem como eu sou pessoalmente, então, acho que isso facilita se qualquer coisa ficar mais inflamada, e assim, quando você chega e você comenta: Olha, isso é preconceito, por que você está rindo? Quando uma pessoa diz: "Não, porque Deus fala comigo, porque Deus me mandou..." Como é que é que o pessoal fala... tem uma forma de falar... "Deus usou o poder!"... Tem umas designações... agora não estou lembrando... mas aí, eles, os alunos, acabam trazendo, não conseguem, assim, a partir daquilo... Então, como é que é isso?... Não, eles acabam paralisando ali... e isso às vezes viria... aí você trabalharia mais fácil. Eu tenho mais contato com eles, eu tenho um grupo menor, eles estão em um outro momento, até de amadurecimento deles pessoal, no último ano eles mudam bastante, então, eu fico mais tranquila.

Olha, eu sou formada desde 1983, leciono aqui desde 1996, sou professora, atendo na supervisão e também tenho consultório.

Tentando fechar um pouco a questão... eu não trato desses assuntos com tranquilidade, eu não trato desses assuntos de maneira tão espontânea como eu trato de outros.

Entrevistadora: No grupo de professores, como aparece essa questão?

A maioria dos professores, pelo menos de contato mais próximo, lidam... assim, não seriam todos... Eu convivo com professores que são mais espiritualizados, que já desenvolveram mais essas questões pessoalmente, então, acho que para eles até pode ser mais tranquilo, aqueles com quem eu tenho mais contato, os outros eu nunca cheguei a tratar desses assuntos, não é um assunto que aparece. O que é comum é: "Meu Deus! Olha, esse ano tem uma freira na turma". Aí, na hora que você vai falar certas coisas, a gente sempre fica meio... meio receoso, não tem jeito, o pessoal sempre comenta, na hora, não que você não fale, você fala, mas você roda um pouco mais, pensa um pouco mais. Já tive um aluno pastor. Já tive um aluno padre... e só foi mais fácil para mim, porque eu só descobri que ele era padre quando ele não era mais meu aluno. Mas depois, na hora que eu fiquei sabendo, fiquei sabendo porque comentaram que fulano iria fazer o casamento da aluna... e, eu fiquei pensando: Como é que ele vai fazer o casamento? Uma aluna da classe disse que ele faria a cerimônia, vai ministrar... que ele é um padre católico... e, assim, ele era japonês, não japonês assim... tinha traços... Nunca, jamais relacionei as duas coisas e aí, assim, quando eu fiquei sabendo me deu uma coisa, eu fiquei pensando: Meu Deus, será que eu falei alguma coisa... em algum momento?... Imagina... você voltar a limpo dois anos de contato... porque eu fiquei sabendo... aí eu falei, bom agora já foi, né!

Eu não tenho religião, fui criada dentro dos princípios... fui batizada... todo o ritual... mas não vou dizer para você que sou praticante, acho que você só pode dizer que é católica quando você pratica os rituais da religião e eu não pratico os rituais. Os meus filhos não são batizados, o único que eu batizei foi por pressão, eu era mais jovem e acabei me rendendo... Os outros não, eu fechei questão, não vou batizar... Ah, mais isso, eu falei: não, se Deus existe da maneira como eu imagino, Ele não vai se incomodar com essas coisas, isso é muito pequeno para Ele.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)